

**UNIVERSIDADE DO PLANALTO CATARINENSE – UNIPLAC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO –
PPGE
MESTRADO ACADÊMICO**

MARCIA MEDEIROS DE LIMA

**AÇÃO CULTURAL NA BIBLIOTECA: ESTRATÉGIA
EDUCATIVA PARA FORTALECIMENTO DAS
IDENTIDADES E TRANSFORMAÇÃO SOCIAL**

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do título de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Educação - Mestrado Acadêmico, na Linha de Pesquisa I – Políticas e Processos em Educação, sob a orientação da Dra. Ana Maria Netto Machado e coorientação da Dra. Vera Regina Roesler.

Lages/SC, outono de 2015

FICHA CATALOGRÁFICA

L732a

Lima, Marcia Medeiros de.

Ação cultural na biblioteca: estratégia educativa para fortalecimento das identidades e transformação social / Marcia Medeiros de Lima. – Lages (SC), 2015.

139 p.

Dissertação (Mestrado) – Universidade do Planalto Catarinense. Programa de Pós-Graduação em Educação.

Orientadora: Ana Maria Netto Machado.

1. Biblioteca. 2. Arte e Cultura. 3. Ação e Animação Cultural. I. Machado, Ana Maria Netto. II. Universidade do Planalto Catarinense. Programa de Pós-Graduação. III. Título.

CDD 370.193

Marcia M. de Lima
Marcia Medeiros de Lima
Lages, Santa Catarina, março de 2015.

HOMENAGEM ESPECIAL

À Isabel Eni Medeiros (*in memoriam*)

*De repente do riso fez-se o pranto
Silencioso e branco como a bruma [...]
De repente da calma fez-se o vento [...]
De repente, não mais que de repente
Fez-se [...] de sozinho o que se fez contente
Fez-se do amigo próximo o distante [...]
De repente, não mais que de repente...
(Vinicius de Moraes)*

DEDICATÓRIA

A Rolando Lisboa de Mello, meu companheiro, amigo e grande incentivador. Com amor e gratidão.

AGRADECIMENTOS

A Deus.

A Rolando Lisboa de Mello, meu porto seguro.

A família, minha base.

Aos filhos Mayeni, João José e Dalton, minha inspiração.

A Ana Maria Netto Machado minha orientadora, amiga e confidente. Você mostrou a mim como deve ser uma orientadora. Permitiu que sozinha eu descobrisse várias coisas, instigou as minhas curiosidades, acreditou nas minhas intuições e potencializou a minha escrita.

Quando resolvemos fazer mestrado esquecemos que a vida pessoal segue... e, neste período do mestrado vivenciei algumas situações pessoais muito difíceis... você acompanhou de perto, ouviu meus choros, queixas, angústias, dúvidas.... E, esperou o momento certo para continuarmos. Desculpe dar-lhe tanto trabalho!

Os momentos mais felizes nesse percurso foram os que estive contigo. Quando sentávamos para escrever e a cada palavra que colocávamos no papel lembrávamos de uma canção e, cantávamos...

A Vera Roesler querida professora e coorientadora, foi você quem puxou o primeiro fio dessa dissertação.

A todos os professores, funcionários e colegas do PPGE/Uniplac.

A todos os colegas do Instituto Federal de Santa Catarina do *Campus* Lages, em especial aos Colegas da Biblioteca IFSC – Camila, Maurein e Jaison; a professora Luciane B. Oliveira, Thiago M. Rodrigues (Diretor de Ensino) e Raquel Matys Cardenuto (Diretora Geral).

A Pró-Reitoria de Extensão do IFSC em viabilizar por meio de editais as atividades na biblioteca.

Aos alunos do IFSC que acompanharam as atividades na biblioteca, especialmente os Bolsistas da Biblioteca – Léo, Jaque, Tamires, Deivid, Dudu, Junior.

Nem preciso escrever, mas cada citado sabe a enorme contribuição para que eu pudesse concretizar essa etapa da formação.

Obrigada a todos!

EPÍGRAFE

Submeter um homem à educação [é] oferecer-lhe dados para resolver a antítese “eu e o outro”, “indivíduo e sociedade”, ou seja, é dotá-lo de princípios que lhe possibilitarão uma avaliação moral de sua própria pessoa, enquanto membro da sociedade, a determinação do próprio lugar na grande luta pela existência (Moisey Pistrak, 1923).

RESUMO

LIMA, Marcia Medeiros de. **Ação cultural na biblioteca: estratégia educativa para fortalecimento das identidades e transformação social.** 2015. 139 p.. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação, Universidade do Planalto Catarinense, Lages, 2015.

O foco desta pesquisa foi a ação cultural na biblioteca de uma instituição de educação profissional (IFSC-Lages). As raízes do problema de pesquisa remontam a 2012, quando assumimos o cargo de bibliotecária na biblioteca do instituto instalado em Lages em 2010. O primeiro desafio profissional foi aproximar os alunos da biblioteca, processar sua inclusão nesse espaço secularmente conhecido como guardião da cultura e dos conhecimentos, que era para eles desconhecido. Intuitivamente, inspirando-nos na perspectiva antropológica que acompanhou paralelamente nossa formação de bibliotecária, organizamos uma série de atividades de arte e cultura que foi conquistando os estudantes e a comunidade, mostrando-se muito bem sucedida. Nesse interim ingressamos no mestrado e a pergunta de pesquisa foi se construindo no sentido de desenvolver compreensão sobre esse sucesso prático de inclusão dos alunos na biblioteca por meio de atividades de arte e cultura, centradas nos elementos de identidade regional. Foi em Darcy Ribeiro e seus estudos sobre estratificação social do povo brasileiro e outros autores afins da perspectiva antropológica ou associados às vanguardas brasileiras da arte e cultura do século XX que encontramos fundamentos para compreender teórica e retroativamente o processo ocorrido. O método etnográfico naturalístico (SAMPIERI; COLLADO e BAPTISTA, 2013), predominantemente de cunho indutivo, autorizou que a pesquisa teórica sucedesse ao trabalho de campo empírico. No decorrer da pesquisa pudemos encontrar enquadramento para o trabalho prático nos conceitos de animação ou ação cultural, que se revelou como um importante recurso educativo, pouco utilizado no contexto educacional formal, mas com grande potencial de transformação pessoal, comunitária e social. O trabalho mostrou possibilidades alternativas de ação para bibliotecários e responsáveis por bibliotecas e também para educadores, podendo contribuir para as recorrentes e pouco alcançadas metas de gerar autonomia, criatividade e participação durante a formação escolarizada. A leitura da dissertação contribui também para repensar o fazer do profissional bibliotecário, em uma direção menos tecnocrata, mais interativa e participativa do que se verifica na formação e na atuação dos pares bibliotecários. O percurso dissertativo de reflexão teórica sobre a

prática revelou que a mudança de hábitos dos alunos com relação à biblioteca e sua inclusão decorreu do trabalho de reconhecimento e fortalecimento da cultura local/regional da qual partimos nas atividades.

Palavras-chave: Ação Cultural. Animador Cultural. Arte e Cultura. Bibliotecas. IFSC.

ABSTRACT

LIMA, Marcia Medeiros de. **Cultural action in the library**: educational strategy to strengthen identities and social transformation. 2015. 139 p. Dissertation (Education Master Degree) Post-Graduation Program, Planalto Catarinense University, Lages, 2015.

The focus of this research was the cultural action at the library of a professional educational school (IFSC-Lages). The research problem originated from 2012 when we took office as a librarian at the library of the recently created institute (2010). The first professional challenge was to approximate students to the library and to develop their inclusion in this space which is known as the culture and knowledge guardian until unknown to that students. Intuitively inspired by the anthropological perspective that conducted our librarian formation, we organized a range of activities of arts and culture which were achieving the students and community successfully. In this context, we started the mastership and the question of research was been constructing in order to comprehend this practical success of student's inclusion in the librarian by arts and culture activities focused on the regional identity elements. It was on Darcy Ribeiro and others researchers' social stratification studies – related to the anthropological perspective or associated to the Brazilian vanguards of XX century arts and culture – that we met foundation to theoretician and retroactively understand the occurred process. The naturalistic ethnographic method (SAMPIERI; COLLADO and BAPTISTA, 2013) in inductive mode enable the theoretical search succeeded the empirical study. During the study we found out basis to the practical work with the concepts of cultural animation-action, which became a significant source, still little used in the formal educational context, but with great potential of personal, social and communitarian transformation. The research pointed out alternative actions to be developed by librarians and even by educators in order to contribute to generate autonomy, creativity, and participation during the students' scholar period. The reading of the dissertation can also contribute to re-think the librarians' tasks in order to a less technocrat work, more interactive than we can verify on the formation and performance of the librarians. The study trajectory of theoretical reflection about the practical dimension found out that the changes on the students' habits related to the library and their inclusion came from the recognition and strengthening

of the local/regional culture which was the basis of the activities developed.

Key-words: Cultural action. Cultural animator. Arts and culture. Libraries. IFSC.

LISTA DE SIGLAS

AI	Ato Institucional
ABDE	Associação Brasileira de Escritores
ABEBD	Associação Brasileira de Ensino de Biblioteconomia e documentação
Amures	Associação dos Municípios da Região Serrana
APEC	Cooperação Econômica Ásia Pacífico
AVICITECS	Associação Vianei de Cooperação e Intercâmbio no Trabalho, Educação, Cultura e Saúde
BDTD	Biblioteca Digital de Teses e Dissertações
CEFETS	Centros Federais de Educação Tecnológica
CIEPS	Centros Integrados de Educação Pública
CF	Constituição Federal
CNPq	Conselho Nacional de Pesquisa/ Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
Conabip	<i>Comisión Nacional de Bibliotecas Populares</i>
CPC	Centro Popular de Cultura
DGPCul	Diretoria de Gestão Políticas Culturais
EUA	Estados Unidos da América
FIC	Formação Inicial e Continuada
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IBICT	Instituto Brasileiro de Informação Ciência e Tecnologia
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
IFSC	Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Santa Catarina
IPTU	Imposto Predial e Territorial
LDBEN	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC/SETEC	Ministério da Educação/Secretaria de educação Profissional e Tecnológica
Mercosul	Mercado Comum do Sul
MPB	Música Popular Brasileira
NAFTA	<i>North American Free Trade Agreement</i> = Tratado Norte-Americano de Livre comércio
NEPI	Núcleo de Estudos sobre Povos Indígenas
PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
PPGE	Programa de Pós-Graduação Educação
PROEJA	Programa Educação Profissional Integrada à Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos

PRONATEC	Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego
<i>QR Code</i>	<i>Code Quik Response</i> = Código de Respostas
SiBI/IFSC	Sistema Integrado de Bibliotecas
SNCR	Sistema Nacional de Crédito Rural
UDESC	Universidade do Estado de Santa Catarina
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UNE	União Nacional de Estudantes
URSS	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas
VOKS	Relações Culturais da URSS com os Países Estrangeiros (Tradução do autor)

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 - PRINCIPAL CENTRO URBANO DA REGIÃO, A PRAÇA DO MERCADO VELHO EM LAGES.....	30
FIGURA 2 - DIAGRAMA DA ESTRATIFICAÇÃO SOCIAL BRASILEIRA.....	35
FIGURA 3 - JANELA: CRÔNICA SOBRE A CONSTRUÇÃO DO IFSC <i>CAMPUS</i> LAGES.....	44
FIGURA 4 - QUADRO QUE APRESENTAM AS ÁREAS DE CONCENTRAÇÃO DE PESQUISAS EM TORNO DE BIBLIOTECAS.....	63
FIGURA 5 - JANELA: CRÔNICA A LENDA DA SERPENTE DO TANQUE.....	103
FIGURA 6 - GRUPO DE TERCEIRA IDADE, DO BAIRRO SÃO FRANCISCO	106
FIGURA 7 - GRUPO DE BIBLIOTECÁRIOS DA REGIÃO SERRANA	108
FIGURA 8 - DONA LORENA (GRUPO DE TERCEIRA IDADE BAIRRO SÃO FRANCISCO) CONTA HISTÓRIAS DE SUA INFÂNCIA.....	109
FIGURA 9 - <i>QR CODE</i> (VÍDEO) OS PERIGOS DE UMA HISTÓRIA ÚNICA	110
FIGURA 10 - <i>QR CODE</i> : VÍDEO FORA DE REGRAS	115

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	17
1 SUJEITOS DA PESQUISA: PESQUISADORA E PESQUISADOS.....	23
1.1 Trajetória de uma pesquisadora Serrana	23
1.2 O Povo Serrano	28
1.2.1 Origens e Constituição do Povo Serrano de Santa Catarina.....	28
1.2.2 Estratificação Social à Luz de Darcy Ribeiro: contribuição para compreender a identidade cultural serrana	34
1.2.3 Imaginário da população e dos estudantes serranos sobre o IFSC	44
2 LÓCUS DA PESQUISA EMPÍRICA.....	49
2.1 Educação Profissional no Brasil: dos primórdios às oportunidades no IFSC-Lages.....	49
2.2 Problematicando a missão da biblioteca e dos bibliotecários brasileiros e a opção assumida na biblioteca do IFSC	55
3 ARTE E POLÍTICA: INCLUSÃO E TRANSFORMAÇÃO SOCIAL	75
3.1 Lutas e iniciativas das vanguardas brasileiras por um Brasil para todos.....	75
3.2 Ação Cultural: valorização das identidades populares para transformação social e fortalecimento da democracia.....	90
4 EXPERIÊNCIAS DE ANIMAÇÃO CULTURAL NA BIBLIOTECA	103
4.1 A Lenda da Serpente do Tanque	103
4.2 Fora de Regra: produção de um vídeo na biblioteca	113
4.3 Galpão Farroupilha.....	116
CONSIDERAÇÕES FINAIS	121
REFERÊNCIAS.....	125
APÊNDICE A.....	133
APÊNDICE B	136
APÊNDICE C.....	137

INTRODUÇÃO

De uma dissertação sobre biblioteca seria esperada a abordagem da leitura, tema bastante discutido quando se pensa a missão dessa importante instituição milenar na sociedade. Tal temática poderia ser considerada incontornável, sobretudo, quando é uma bibliotecária quem escreve. Entretanto, nesta pesquisa o foco se distanciou da leitura para tratar da **ação cultural na biblioteca**. E não em qualquer biblioteca, mas em uma biblioteca de instituição dedicada ao ensino técnico profissionalizante, na qual disciplinas artísticas ou associadas à cultura praticamente inexistem, sendo o objetivo principal formar para a inserção no mercado ou mundo do trabalho. Nesse contexto, para a grande maioria dos estudantes a biblioteca constitui-se em um espaço praticamente desconhecido, dado o forte elitismo histórico que anima a sociedade brasileira desde a colonização até nossos dias.

Enquanto bibliotecária educadora ou educadora bibliotecária, que assumiu em 2012 a responsabilidade pela biblioteca do IFSC-Lages, algumas preocupações foram se apresentando na prática profissional e delineando o problema de pesquisa que iríamos processar lentamente a partir de 2013, quando ingressamos no Mestrado em Educação. Por exemplo, o desejo de ‘repensar’ o fazer do profissional bibliotecário, em uma direção menos tecnocrata, mais interativa e participativa do que aprendemos na formação e constatamos na atuação dos pares bibliotecários. Desejava ter uma atuação capaz de estimular a transformação pessoal e social na comunidade de alunos, professores e entorno da instituição. E, sobretudo, considerava a primeira missão urgente, aproximar os estudantes da biblioteca.

Durante o primeiro ano de atuação nesse novo espaço para nós e para Lages (o IFSC foi instalado em 2010, dois anos antes de nosso ingresso), utilizamos da criatividade para atrair os estudantes, promovendo ações que, por ser serrana como todos eles, sabia intuitivamente que faria sentido para os mesmos. A biblioteca foi se tornando um espaço frequentado e apreciado, sinal de que estávamos num caminho acertado. Porém, eram ações espontâneas, com escassa reflexão e compreensão pouco aprofundada. Por que estava funcionando? Por que estava tendo sucesso? Essas se tornaram as perguntas de pesquisa.

Ao iniciar as atividades na biblioteca não imaginávamos que elas se tornariam parte de uma pesquisa acadêmica. Estamos mais habituados a partir da teoria e com ela ir para empiria. Mas o caminho inverso é também possível, sobretudo quando assumimos uma perspectiva

antropológica, etnográfica. Sampieri, Collado e Baptista, (2013) no livro “Metodologia e Técnicas e Pesquisa” esclarecem esta perspectiva:

Na busca qualitativa, em vez de iniciar com uma teoria específica e depois ‘voltar’ para o mundo empírico para confirmar se a teoria é apoiada pelos fatos, o pesquisador começa examinando o mundo social e, nesse processo, desenvolve uma teoria (SAMPIERI; COLLADO e BAPTISTA, 2013, p. 44, grifo dos autores).

Ao nos aproximarmos do método etnográfico, que vem sendo utilizado na área da educação desde a década de 1950, López (1999, p. 46), em um artigo de revisão de literatura, afirma que o método que se desenvolveu no seio da antropologia, o estudo da cultura dentro do âmbito educativo, deu lugar à antropologia educativa “institucionalizada pelos professores norte-americanos S. Kimball e E. Spindler. Estes estudaram a influência da cultura na educação: os processos de enculturação (as formas como as crianças e adolescentes introduzem no seu cotidiano práticas e crenças dos grupos sociais) e aculturação (os efeitos que produz a falta de escolaridade).

Woods (1987) conceitua o método etnográfico naturalista na educação como sendo um modo de descrever as estruturas sociais e a conduta dos sujeitos como membros do grupo a partir das interpretações e significados da cultura a qual pertencem. Para López (1999, p. 47), o modelo de análise etnográfico tem por finalidade descrever, caracterizar e explicitar claramente todos os seus elementos inclusos com uma narração histórica e contextualizada dos fatos,

Não costuma trabalhar com o modelo de hipóteses pois haveria que formular uma multiplicidade de hipóteses visto que as particularidades do método localizado nas categorias de qualitativo tende mais a fazer a análise e síntese, deduzir e induzir, comparar e mostrar cronologicamente as fases que experimentou o assunto (LÓPEZ, 1999, p. 49).

Encontramos amplo material sobre o assunto, em textos de Michael Genzük, que afirma: “etnografia é um método de olhar de muito perto, que se baseia em experiência pessoal e em participação que pode ser de observação participante, participação completa e participação ativa” (GENZÜK, 1993, p. 1). Ou seja, a observação participante completa se dá

“caso o investigador seja membro da situação que irá estudar; também como investigador, e com o fato de o seu ambiente de trabalho ser tomado como lócus primário da sua tarefa de investigação” (GENZUK, 1993, p.2). Outra implicação importante do naturalismo neste contexto é que “no estudo de ambientes naturais o pesquisador deve procurar minimizar seus efeitos sobre o comportamento das pessoas que estão sendo estudados” (GENZUK, 1993, p. 3).

Sampieri, Collado e Baptista ajudam-nos a compreender o método naturalista etnográfico afirmando que “[...] a coleta de dados encontra-se caracterizada pela coleta de dados naturais (gravações, fotografias) sem a utilização explícita de métodos de reconstrução” (SAMPIERI; COLLADO; BAPTISTA, 2013, p. 31).

Alguns autores argumentam que na utilização do método etnográfico naturalístico devem ser tomados alguns cuidados para que o pesquisador não influencie a dinâmica natural do ambiente. A ideia de naturalismo implica que os acontecimentos e os processos sociais devem ser explicados em função da sua relação com o contexto onde decorrem, comportamento das pessoas é estudado no seu contexto habitual e não em condições artificiais criadas pelo investigador; recolha de dados não é estruturada, no sentido em que não decorre da execução de um plano detalhado e anterior ao seu início, nem são pré-estabelecidas as categorias que serão posteriormente usadas para interpretar o comportamento das pessoas (SAMPIERI; COLLADO; BAPTISTA, 2013, p. 34).

Em nosso caso é preciso problematizar a ideia destes autores, porque de fato houve interferência da autora nos acontecimentos ocorridos na biblioteca. Porém, é preciso distinguir dois tempos e duas posições ocupadas pela autora perante a biblioteca. O tempo de dinamizar a biblioteca e seus atores, quando os registros foram produzidos, sem intenção de pesquisa, e o tempo de examinar esses registros e refletir sobre eles, compreendendo-os e explicitando os processos envolvidos, a partir de referenciais teóricos. A partir de determinado momento da pesquisa instalou-se uma dinâmica em dois sentidos, ora analisava os fatos e buscava referências na teoria que os explicassem, ora encontrava uma teoria capaz de ampliar a concepção do fato.

Estabeleceu-se um movimento constante e não linear que podemos aproximar da concepção trazida por Geertz (1973), que considera a cultura como uma ‘teia, um emaranhado de fios que o próprio homem teceu’.

Assim também o texto da dissertação é um emaranhado de fios com cores e texturas diferentes que podem ser tramados de diversas formas e em diversas sequências. O relato escrito poderia começar por

qualquer dos temas abordados nos quatro capítulos, sendo difícil hierarquizá-los por algum critério estável. Obedecendo a escrita a uma ordem linear foi necessário escolher uma sequência. Entretanto, o leitor poderia escolher começar a ler o trabalho por qualquer um dos capítulos: 1) sujeitos (serranos); 2) contexto: educação profissional, IFSC, biblioteca e bibliotecários; 3) arte e ação social e 4) atividades concretas realizadas na biblioteca. Esta ordem foi alterada muitas vezes durante o processo, sendo difícil decidir qual seria mais adequada. Nesses movimentos de reordenação das partes do todo, fomos percebendo que várias sequências se justificavam: certa circularidade estava presente: uma estrutura de teia!

Finalmente, a dissertação ficou organizada em quatro capítulos. O primeiro capítulo tratou dos sujeitos da pesquisa: pesquisadora e pesquisados. Colocar os sujeitos em primeiro plano corresponde à sua valorização tanto prática como teórica: o trabalho partiu e destinou-se às pessoas, aos sujeitos da ação cultural na biblioteca. Por isso, exploramos nesse capítulo o percurso da autora, tentando evidenciar ao leitor os caminhos que a levaram a desenvolver esta temática com os referenciais escolhidos. Tratamos da constituição e origem do Povo Serrano (pesquisadora e pesquisados), procurando registrar as peculiaridades da sua formação desde os primeiros habitantes, trazendo os aportes de Santos (1938-2008) e guiados pela teoria de estratificação social de Darcy Ribeiro (1922-1977). Partimos nesse caso do geral para chegar ao particular, chegando a abordar alguns traços dos estudantes concretos que participaram das atividades na biblioteca do IFSC, bem como os membros da comunidade e região.

No segundo capítulo tratamos de delimitar o cenário da pesquisa: a biblioteca que, por sua vez, está inserida em um instituto de educação profissionalizante que, por sua vez, é parte de uma Rede Federal de Ensino Técnico Profissional. Assim, percorrendo os percalços da história do Ensino Técnico Profissional no Brasil, fomos nos aproximando do momento recente, quando, em 2003, teve início a expansão da rede federal de educação, chegando a 2010, com a implantação do instituto em Lages, para, então, adentrarmos no espaço da biblioteca que é nosso espaço direto de ação e pesquisa. Neste ponto, julgamos necessário narrar brevemente a evolução as bibliotecas e as concepções e tendências dominantes na biblioteconomia. Pareceu-nos relevante incluir este tópico: a autora bibliotecária compartilhando elementos de sua área com os educadores, a fim de que possam perceber o valor e possibilidades da biblioteca juntos aos alunos dos diversos níveis.

No terceiro capítulo trazemos Arte e a Política para inclusão e transformação social. Partimos de um sentido profundo do sentido da arte na existência humana, como ferramenta de sobrevivência Ernest Fischer (1899-1972) e elemento de união e luta das comunidades. E exploramos a conexão das vanguardas brasileiras, em alguns momentos históricos do século XX, com o movimento revolucionário da URSS: lutas pela transformação das sociedades, sendo o acesso à arte e as possibilidades de manifestação artística fundamentais para a participação política das classes trabalhadoras.

No quarto capítulo apresentamos algumas das atividades desenvolvidas no período de 2012 a 2013 na biblioteca do IFSC. De um conjunto de vinte eventos realizados na biblioteca, alguns com duração de vários meses e outros pontuais, selecionamos três que consideramos mais representativos para descrever com detalhes, no enquadramento dos conceitos de ação cultural e o papel do animador cultural. Por fim apresentamos as considerações finais, referências e alguns apêndices.

1 SUJEITOS DA PESQUISA: PESQUISADORA E PESQUISADOS

1.1 Trajetória de uma Pesquisadora Serrana

Fazer um curso de extensão oferecido pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) e ministrado pela professora Dra. Vera Roesler, denominado *Pesquisa e Histórias de Vida*, foi decisivo para delinear meu projeto de pesquisa, pois permitiu identificar alguns fatos pontuais que marcaram minha infância e que estavam adormecidos/esquecidos. Ao retomar esses fatos percebi que havia seguido um caminho diferenciado daquilo que estava pré-destinado para a minha vida. Esse caminho diferenciado foi motivado por um personagem muito peculiar, cuja presença fugaz foi fundamental na escolha da minha profissão 20 anos depois, e na maneira como a concebo e exerço a profissão de bibliotecária.

Escrever sobre a trajetória da minha vida requereria muitas páginas. Lembro de muitas arteirices de infância. Mas no contexto deste trabalho cabe selecionar aquelas que contribuem para a compreensão da construção de conhecimentos perseguida nesta pesquisa. Nascida em São Joaquim (Serra Catarinense), cresci na localidade rural de Santa Isabel, num sítio distante 30 km do centro da cidade...

Lembro dos avôs agricultores católicos e conservadores, da bela paisagem rodeada de montanhas, do rio de águas límpidas e geladas onde, como escreve Monteiro Lobato “na minha infância até os peixes tinham os olhos mais estalados e felizes” (LOBATO, 1987, p. 25), das grandes árvores de maçãs, que nos acolhiam em seus galhos para brincarmos de casinha, dos animais que cuidávamos com esmero, das plantações e colheitas animadas junto aos meus onze tios, cinco irmãos e inúmeros primos e de todas as pessoas da comunidade que se conheciam, para aquelas mais velhas, para as quais pedíamos à benção, da caça aos vagalumes ao anoitecer, da cata do feijão e do debulhar de milho à luz de velas, momentos de muito diálogo no seio de uma família presente.

A lembrança da minha querida mãe, batalhadora, guerreira e forte que sozinha educou seis filhos, tornando-se uma “pãe”¹ exemplar. Seu exemplo de vida reflete hoje nos filhos que seguem caminhos de justiça, humildade, respeito, trabalho e dedicação. Lembro-me que em seu tempo

1 Neologismo que integra as palavras mãe e pai.

livre lia e relia fotonovelas emprestadas de dona Célia, minha professora da terceira série, ao lado de quem, iniciei, talvez, os primeiros passos como bibliotecária, pois eu fui, durante o tempo escolar de 1ª a 4ª série, a mediadora na troca de livros e revistas entre minha mãe e a professora. Minha mãe iniciou a revolução na construção do meu presente. Na época, era fã da cantora Nara Leão, que fora modelo de mulher revolucionária dos anos 1960, momento de uma das maiores crises sociais do Brasil do século XX (e também momento de revoltas na Europa e outros espaços do planeta). Apesar das muitas dificuldades, minha mãe trazia sempre um sorriso sincero, e tornou-se uma espécie de conselheira para as mulheres da região. Como arrimo de família, sua posição de mulher carregava o ânimo da independência, apesar de viver em uma comunidade bastante isolada (interior da Serra Catarinense), com poucos habitantes e hábitos tradicionais compatíveis com regiões de grandes latifúndios.

Sobre cada relato acima poderia detalhar momentos alegres ou tristes e muita superação, tendo em vista que ao longo da história do Brasil existiu muito mais investimento para o desenvolvimento das cidades do que para campo, que permaneceu durante séculos praticamente esquecido em termos de serviços e atenção do Estado: Ainda há poucas escolas, poucos hospitais, escasso saneamento nos pequenos municípios do interior.²

Tinha a sensação, na época, que nós e outros pequenos agricultores, não figurávamos como importantes para o olhar do Estado, parecíamos estar abandonados. Abandono este analisado na tese de Nascimento (2005) quando teoriza sobre a política de modernização nas décadas de 1960 a 1980. Justamente nessas décadas “[...] a política agrícola de modernização da agricultura, conduzida através do Sistema Nacional de Crédito Rural (SNCR), privilegiou a grande propriedade como centro do modelo agrícola a ser estruturado no país (GESSER, 2004, p. 18).

Esses homens, mulheres e crianças de mãos calejadas trabalham de sol a sol. Em seus semblantes tem-se a percepção de possuírem três vezes a sua real idade. Esses pequenos agricultores, ao perderem suas terras, seu chão, são conduzidos a viverem nas periferias de grandes cidades, sem dignidade, valorização ou reconhecimento da sua importância para a sociedade. Alguns desses indícios foram encontrados nos estudos

2 José Eli da Veiga (2001) esclarece a diferença existente entre municípios rurais e urbanos das regiões das partes tropicais e temperadas ou subtropicais do país, onde para haver um plano nacional de desenvolvimento é preciso considerar as características dos habitantes e não somente contar os dados estatísticos dos índices de habitantes que residem em locais considerados urbanos.

realizados por Marivete Gesser (2004) no estudo há vários elementos sobre êxodo rural das jovens agricultoras³.

Sinto-me parte desse cenário. Como filha de agricultores poderia prever meu futuro, seguindo a mesma trajetória⁴ da minha bisavó, avó e mãe. Porém, não foi esse o desenlace para mim. Um fato inusitado marcou meu rumo para sempre. Eu tinha uns seis ou sete anos quando conheci um personagem especial, diferente de todas as pessoas que conhecia até então. Naquelas passagens havia um homem que passava de vez em quando de sítio em sítio. Era visto como uma espécie de curandeiro, não no sentido de ser um vidente, mas porque ao viver integrado à natureza conhecia muitos ‘remédios’ caseiros, retirados de plantas, raízes. Era também consultor de negócios, informava quem comprava ou vendia e sabia indicar onde. Estimava o valor, o preço justo, de propriedades móveis e, imóveis (terra, animais). Sabia onde havia a melhor terra para plantar ou para criar gado, o local onde havia ‘água boa’. Pelas informações cobrava um prato de comida ou ‘pouso’ muitas vezes dormia em galpões junto aos animais.

Muitos, principalmente as mulheres, tinham medo dele. Ao avistá-lo em seu caminhar compassado e lento, mas elegante, corriam para se esconder. Eu simplesmente o adorava. Sabia que cada vez que ele chegava muitas histórias eu ouviria. Com paciência e tempo, ele desenhava, com um galho no chão de terra batido, os astros, o mar, qual Marco Pólo (1254-1323)⁵ os lugares por onde havia andado, os animais

3 Conforme dados do IPEA (publicados na Folha de São Paulo, 15/4/1997) destacam que, em 1990, havia cerca de 32 milhões de brasileiros no meio rural e que, entre 1990/1995, saíram quatro milhões, perto de 13% do total da população rural, principalmente jovens. Desses migrantes, 60% eram mulheres, com idade entre 15 e 19 anos.

4 Baseada em publicação de 2001 de Renk, Gesser (2004, p. 6) afirma que a mulher agricultora familiar foi colocada em uma condição de extrema subalternidade, sendo vista, antes de casada, como propriedade do pai e depois, do marido. O trabalho da mulher ainda hoje vem sendo caracterizado como uma “ajuda” à família, mesmo ela tendo uma vida muito desgastante. É a primeira que acorda e a última que vai dormir, pois além de trabalhar na roça tanto quanto o homem, de não descansar, não ter lazer, nem reconhecimento e participação social, é responsável pela casa e pelos filhos.

5 A vida deste viajante da Idade Média e os relatos que ele deixou em seu livro, vão além do que a descrição de seres fantásticos e de exageros por sua parte. Marco, deixou um relato vivo, de quem realmente visitou tais lugares numa época que grande parte da Ásia, estava sob o domínio do Império Mongol, tendo sido Kublai Khan o último grande imperador mongol a reinar. “O livro das maravilhas”, também conhecido como “A descrição do mundo”, foi em seu

da Patagônia e os diferentes modos de vida de pessoas de paragens distantes. Ele desmistificava assombrações esclarecendo-as a partir das leis da natureza, como por exemplo, o fenômeno do “fogo fátuo”⁶.

Seu nome? João Ramos. Por muitos era considerado louco, porque tinha rompido com várias regras, não tinha família nem lar, vivia a caminhar pelo mundo, sozinho sem dinheiro, sem bens. A única coisa que carregava era uma “bruaca”⁷. E o que havia nela? Livros! Em função da sua forma exótica de vida e de carregar livros, diziam que tinha ficado louco de tanto estudar. Sinceramente, mesmo pequena eu desconfiava que dissessem isso para que nós crianças conservássemos nossas raízes e não nos afastássemos de nossa condição de agricultores. Nem sonhássemos em desejar uma vida como aquela, de aventuras mundo afora, sem lar, sem família, sem dinheiro, nem bens, nem uma (aquela) tradição.

Foram poucas as vezes que o vi, momentos fugazes que se tornaram perenes em minha vida. Com ele aprendi a observar a seguir o caminho do conhecimento sem pressa. Passo a passo, aproveitando todos os momentos, porque dificilmente eles se repetem.

Talvez, das fortes impressões deixadas por João Ramos tenha, décadas depois, tenha escolhido a profissão de bibliotecária, porque me

tempo um best-seller, fato testemunhado pela quantidade considerável de manuscritos que se conservaram até nossos dias. Todas as grandes bibliotecas europeias possuem pelo menos um exemplar, ou mesmo dois, do século XIV ou do século XV. Entre as primeiras obras impressas, no final do século XV, existem várias edições do livro de Marco Polo. Mas foi justamente esse sucesso que prejudicou sua credibilidade - as aventuras maravilhosas atraíram um número muito grande de leitores que o liam como ficção. Se o livro inspirou contistas e poetas, pouco foi utilizado por sábios. (CALVINO, 2005, p. 57)

- 6 Quando um corpo orgânico começa a entrar em putrefação, ocorre a emissão do gás metano (CH₄). O metano, em condições especiais de pressão e temperatura, em local não ventilado, começa a sair do solo e se misturar com o oxigênio do ar. Em uma porcentagem de aproximadamente 28%, o metano se inflama espontaneamente, sem necessidade de uma faísca. Forma uma chama azulada, de curta duração, gerando um pequeno ruído. Muitos que avistam o fenômeno tendem a evacuar o local rapidamente, o quê, devido ao deslocamento do ar, faz com que o fogo fátuo mova-se na mesma direção da pessoa. Tal fato leva muitos a acreditar que o fenômeno se trata de um evento sobrenatural, tais como espíritos, fantasmas, óvnis, dentre outros. Disponível em: http://www.cubbrasil.net/index.php?option=com_content&task=view&id=773&Itemid=93. Acesso em 10 jun. 2014. No Rio Grande do Sul as lendas falam em Boi Tatá e no Uruguai e Argentina os habitantes do campo o chamam de *luz mala* (luz má).
- 7 Saco ou mala de couro cru, para transporte de objetos e mercadorias sobre besta (FERREIRA, 1986, p. 288).

tornei uma mediadora de conhecimentos, como ele fora. Adoro contar e ouvir histórias, como bibliotecária me é permitido transitar por várias áreas do conhecimento sem ter que ficar presa a uma única especialização. Ao abraçar a profissão de bibliotecária, tornei-me uma generalista⁸, de certa forma rejeitando o caráter altamente especializado que predomina na profissão.

O mais importante do episódico convívio com João Ramos é que ele me ensinou a andar, ou seja, a não “parar”, me tornar uma cidadã do mundo. Não literalmente uma andariça sem vínculos, desapegada de todos os bens. Talvez por força da tradição familiar, eu não tenha conseguido romper todos os vínculos. Mas estar sempre em busca de tornar-me uma pessoa capaz de entender as diferenças culturais, enfrentar as dificuldades e proporcionar momentos de reflexão para as pessoas, por meio da arte e da literatura que são atitudes que venho praticando e se inspiram neste personagem. Esses elementos nos conduzem a viagens extraordinárias, que permitem minimizar regras e padrões, autorizam transgressões necessárias e permitem não ceder a imposições. E como princípio ter nos livros (leitura e escrita) elementos capazes de transformação de pessoas, grupos, comunidades, instituições, realidades.

Já na universidade percorri caminhos diferentes de muitos de meus colegas de curso. Enquanto a maioria concentrava seus estudos nas técnicas biblioteconômicas, com ênfase na disseminação de informações pela *web*, porque era novidade recém chegada no Brasil na década de 1990, eu, na contra mão da febre tecnológica, dedicava-me às bibliotecas que não possuíam sistemas informatizados ou, até mesmo, a instalar pequenas bibliotecas embrionárias onde elas não existiam⁹. Com um

8 Generalidade é uma das áreas do conhecimento dentro da biblioteconomia. Na classificação de documentos a biblioteconomia está inserida nesta área assim como: sistemas de recuperação de informação, informática, jornalismo etc. Essa área do conhecimento é responsável pela organização das demais áreas do conhecimento. Logo, mesmo que parece pouco especializada e possa gozar, na percepção inicial de pouco prestígio, ela é condição para acesso às demais.

9 O Projeto de Extensão da UDESC - Biblioteca Escolar Guarani - ressalta a importância cultural da instalação de uma biblioteca em território indígena e suas vantagens para a área da Ciência da Informação e da Biblioteconomia. Iniciou no ano de 2002 e no ano de 2004 passou a integrar o Programa Memorial Antonieta de Barros, do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros. O projeto passou por três etapas distintas: 1 - preparação antropológica dos membros da equipe com o prof. Aldo Litaiff da UFSC. (2003 – 2004) 2 - arrecadação de material para composição do acervo e primeira e segunda edição do evento “Dia do índio: o que eu tenho com isso?”, voltado para a sensibilização dos estudantes da FAED na temática indígena que ocorreram nos anos de 2004 e 2005. 3 - Técnicas biblioteconômicas

grupo interdisciplinar (história, letras, pedagogia e antropologia) iniciamos as bibliotecas na aldeia indígena Guarani (Morro dos cavalos e Massiambú) em Florianópolis.

A partir dessa experiência encantei-me com a área de antropologia. Fui selecionada para uma bolsa de Iniciação Científica pelo Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq), no Núcleo de Estudos sobre Povos Indígenas (NEPI) do Departamento de Antropologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Na condição de bolsista de Iniciação Científica (IC) tempo da graduação (cinco anos), e depois já formada atuando como bolsista de Apoio Técnico (AT) por mais três anos. As duas bolsas financiadas pelo CNPq.

Como convívio com pensadores da antropologia, principalmente do mentor Sílvia Coelho dos Santos, e a partir de algumas disciplinas da biblioteconomia pelas quais possuía afinidades como: “estudos de usuários”, “história da arte”, “tópicos especiais em biblioteconomia – bibliotecas públicas e comunitárias” fui construindo uma concepção bastante especial, com influências marcantes de outras disciplinas, via de regra, distantes da formação dos bibliotecários.

1.2 O Povo Serrano

1.2.1 Origens e Constituição do Povo Serrano de Santa Catarina

Os registros arqueológicos realizados por Maria José Reis (2007) demonstram que os primeiros habitantes da região de Lages eram seres primitivos que se abrigavam em ‘tocas’ construídas embaixo do subsolo:

A área arqueológica dos campos de Lages, de 1969, noticia a descoberta de cinco sítios com estruturas subterrâneas, as quais apresentam aglomerados de cinco a dez estruturas, cujos diâmetros variam de 2 a 5 metros e têm profundidade superior a 1,50 metros (REIS; FOSSARI, 2014, p. 20).

Os estudos do antropólogo Sílvia Coelho dos Santos (1938-2008) no livro “Índios e Brancos no sul do Brasil” (1973) relatam que essa

– desafio do projeto na etapa atual. (ARAÚJO, 2005, p. 45) Disponível em: <http://www.pergamum.udesc.br/dados-bu/000000/000000000000/00000097.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2014.

região era habitada por índios bugres do tronco Jê¹⁰, considerados, astutos e bravios.

Santos (2007) diz que:

À época da chegada dos portugueses, estima-se que o Brasil possuía uma população indígena calculada em 4 a 6 milhões de indivíduos. Esta população era dividida em diferentes povos, que tinham uma larga experiência em relação à natureza. [...] A presença desses contingentes no litoral sul do Brasil remontava há cerca de 5 mil anos. O litoral era domínio dos Tupi-Guarani, mas no interior outros grupos tinham seus territórios tradicionais (SANTOS, 2007, p. 16).

Pelo Tratado de Tordesilhas (1496), Portugal e Espanha dividiram o mundo a ser descoberto. A 370 milhas a oeste do Cabo Verde foi traçada uma linha que fazia esta divisão. Portugal, então, ficaria com as terras leste do meridiano a qual, passaria pelas futuras cidades de Belém ao norte e Laguna ao sul.

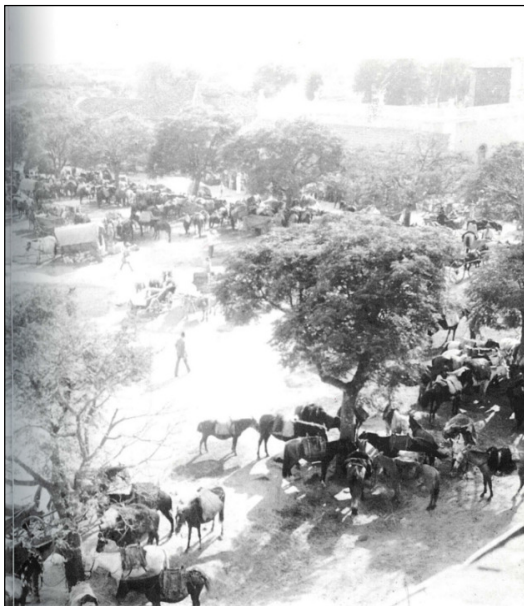
A Espanha ignorou o meridiano e começou a empurrar as fronteiras de Portugal para oeste. As terras, hoje conhecidas, como Planalto Serrano, estavam sob o domínio da Espanha. Santos, afirma que “deve-se entender que, até o final do século XVII, a maior parte do que hoje chamamos Região Sul, na concepção de portugueses e espanhóis, era **terra de ninguém**” (SANTOS, 2007, p. 19, grifo do autor)

Sabendo que aqui existiam enormes vazios de terras e muito gado, os bandeirantes iniciaram o processo de conquistas. Os desbravadores bandeirantes possuíam poucas informações sobre essa região, assim dividiram o grupo em dois pelotões, um grupo partiu de Sorocaba por terra, e o outro de São Vicente pelo mar. Os que chegaram até Laguna, buscando o encontro com os que vinham por terra descrevem que “subiram uma serra de incrível beleza” (RODRIGUES NETO, 2010, p. 11).

10 O tronco Macro-Jê, ao qual se filia a família Jê, tem a peculiaridade de estar presente exclusivamente em território brasileiro. Trata-se do único tronco indígena (e respectivas famílias) que não tem representantes em línguas faladas em quaisquer outros países da América.

Em 1728 foi oficialmente aberto um caminho ligando o litoral de Laguna aos campos das ‘Lagens’¹¹, aqui também era o marco dos caminhos que ligavam Curitiba e São Paulo. Após a demarcação desses caminhos com as “taipas¹²”, o comércio foi se intensificando. “Foram surgindo os ‘locais de pouso’, nos campos de Lages e Curitiba, e os primeiros moradores permanentes” (SANTOS, 2007, p. 19, grifo nosso).

FIGURA 1 - PRINCIPAL CENTRO URBANO DA REGIÃO, A PRAÇA DO MERCADO VELHO EM LAGES.



Fonte: SANTOS, Silvio Coelho (Org.). Santa Catarina no Século XX: ensaios e memória fotográfica. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2000, p. 37.

Porém a conquista dessa terra não foi tão pacífica como imaginavam os bandeirantes portugueses. Os índios daqui não eram tão

11 Nome dado a esse local por conter grande área de rochas planas chamadas na época de lageados (SANTOS, 2007, p. 20).

12 Taipas muros de pedras. Hoje, os chamados *Caminhos das Tropas* tornaram-se um dos pontos turísticos do município de Lages.

‘mansos’. Houve revoltas. Como a liderada por “Sepé¹³ Tiaraju, que enfrentaram os exércitos de Espanha e Portugal sendo derrotados em 1756” (RODRIGUES NETO, 2010, p. 12).

Desde, então, das lutas para manter a terra e posteriormente os direitos dos cidadãos, os descendentes mantiveram a força para combater muitas injustiças. Tomemos como exemplo revoluções que se sucederam com o passar dos anos como: a Revolução Farroupilha, a Guerra do Contestado, entre outras. Na região sul nasceram grandes líderes revolucionários como Anita Garibaldi¹⁴, cito aqui também, o nome de Luís Carlos Prestes nascido, em Porto Alegre, para manter o diálogo entre os tópicos dessa pesquisa que estamos desenvolvendo. Para Santos (2007, p. 23) “Toda essa movimentação armada afetou a Região Sul, em particular o Rio Grande, pelo desenvolvimento de um forte sentimento de nacionalidade”.

Peço licença para completar as ideias de Santos, não só a movimentação armada, desenvolveu um sentimento de nacionalidade. Percebemos que nas artes, principalmente, na música, composições melancólicas de amor e apego às terras do sul são frequentes; muitas descrevem o indivíduo com forte ligação às lidas campeiras, um ser bravio, persistente e justo. Um exemplo é a conhecida canção cuja letra assim reza: “*É o meu Rio Grande do Sul, céu, sol, sul terra e cor, onde tudo que se planta cresce é o que mais floresce é o amor... (Trecho da letra de música composta por Jader Moreci Teixeira “Céu, Sol, Sul, Terra e Cor”)*”.

A partir do século XVIII testemunhou-se a integração do Sul ao resto da colônia, através do comércio de gado. Lages, nessa época, tinha

13 Esta terra tem dono! - Com esta pequena e grandiosa frase, o guerreiro guarani Sepé Tiaraju deu início à resistência da nação guarani contra o branco invasor. Sepé Tiaraju liderou o povo guarani durante o período que vigorava a experiência dos Sete Povos das Missões, um trabalho realizado pelas missões dos jesuítas, a partir de 1534. Portugal e Espanha, mesmo sendo nações rivais, faziam suas "armações" políticas ao sabor do vento dos interesses econômicos. Assim, através do Tratado de Madri, acabaram trocando a Colônia de Sacramento pelo local já conhecido por Sete Povos das Missões, o que acabou deflagrando o ódio dos índios contra os impérios luso e espanhol. Sepé Tiaraju, que havia nascido nas missões de São Miguel, estudou com os padres jesuítas e, líder nato, foi elevado a cacique da nação guarani e comandou a resistência dos índios contra Espanha e Portugal.

14 Existe controvérsias sobre o local de nascimento de Anita Garibaldi, há no entanto, o registro de nascimento de Anita Garibaldi em Lages.

mais ligação com o Sul reconhecendo Porto Alegre como centro comercial, o que se deve, em parte, ao fato que:

O primeiro governador gaúcho foi nomeado em 1790. Diversas vilas já estavam estruturadas. Porto Alegre foi elevada à condição de Paróquia e logo passou a sediar o governo. Quase à mesma época (1771), o governador de São Paulo mandou fundar no extremo meridional de sua capitania a vila de Nossa Senhora dos Prazeres de Lages (SC) (SANTOS, 2007, p. 22).

Se, hoje Lages possui uma das maiores extensões territoriais de Santa Catarina, até aproximadamente 1880, período em que começa a independência política de alguns municípios da região, Lages era um local de terras sem fim... Rodrigues Neto (2010, p.21) diz que na região que hoje se localiza o município de São Joaquim e pertencia a Lages até 1887, naquele local “havia 82 moradores distribuídos em 16 fazendas”.

Esses imensos vazios de terras, na visão da colônia, tinham que ser ocupados por portugueses para evitar a invasão espanhola. E, também porque a criação e o comércio de gado tornaram-se bons negócios¹⁵. A procura por terras, para a instalação de estâncias, aumentou. Quem tinha prestígio requeria ‘cartas de sesmaria’¹⁶.

Nos campos do planalto e no pampa do Rio Grande do Sul, desde o início do povoamento a miscigenação entre brancos e índios foi acentuada. O mameluco paulista já era resultante desse processo; o

15 O charque foi um dos primeiros produtos de exportação, trazendo para a colônia grandes divisas. Os criadores de gado dos pampas do Rio Grande do Sul tinham, na época, condições de enviar seus filhos para estudar na Europa. E, também mandavam vir ‘ornamentos’ europeus para a construção de suas residências. Muitas residências de Pelotas (RS) são consideradas patrimônio cultural pelo IPHAN.

16 O termo sesmaria surge no período de ‘ruralização’ do estado português durante o movimento da reconquista dos territórios ocupados pelos árabes desde o século VIII d.C. **No Brasil foi adaptada:** D. João III, estabeleceu concessões de terras com o fim de povoamento em vastas regiões, nas quais viviam populações indígenas e cujas terras eram ameaçadas constantemente por invasores estrangeiros. Tais concessões deram origem a formação de grandes latifúndios. Essas terras recém-conquistadas foram ocupadas pelas populações camponesas cristãs, a fim de que as mesmas não fossem novamente invadidas. No século XIV, o sistema de sesmaria teve a finalidade de resolver o abastecimento com o cultivo dessas terras ociosas pertencentes ao senhorio feudal remanescente... Disponível em: <<http://www.uefs.br/filologiabaiana/10.pdf>> Acesso em 20 jun. 2014.

gaúcho também. Em alguns lugarejos, percebe-se hoje a presença de traços indígenas na população. “Cabelos e olhos negros e uma pele acobreada de rara beleza testemunham o uso da mulher indígena como prazer e como reprodutora da necessária força de trabalho” (SANTOS, 2007, p. 22).

O recorte de excerto da história, em diversos momentos, leva-nos a compreender **a constituição do gentílico lageano**, mistura de múltiplas etnias, moradores de um local central, de paragem de viajantes, centro comercial da região serrana. As grandes extensões de terra, situação que isolou e distribuiu os pioneiros dessa terra em grandes fazendas, servem, em parte, **para explicar “o caráter reservado, desconfiado e arredo que moldou o modo de ser do serrano”** (RODRIGUES NETO, 2010, p. 13).

Por mais que atravessemos os séculos, o homem em sua plenitude não perde elementos de sua constituição histórica, sempre haverá resquícios de uma memória primitiva e quanto maior o isolamento cultural e a integração com outras culturas, maiores as chances de observar elementos primitivos nas características de uma comunidade.

No caso dos habitantes dessa região observamos, além dos traços de desconfiança e reserva, porque viveram isolados em grandes fazendas, uma característica decorrente dos primeiros tipos de moradas subterrâneas: as chamadas ‘tocas’. Com permissão e jamais num sentido pejorativo, consideramos o serrano muito apegado a sua ‘casa’, ou seja, à sua ‘toca’. Nela, acostumou-se, acomodou-se. As casas servem tanto para habitar como para o lazer. O aconchego ao redor do fogão à lenha, condição que faz com que as cozinhas sejam o maior e mais frequentado ambiente da residência, porque é perto do fogo que podem receber as visitas e prostrar-se.

Receber visitas também é característica primitiva. Lages constitui-se por ser um local propício para passagem. Passagem, que requeria pouso aos viajantes. Os primeiros habitantes daqui se acostumaram a receber os forasteiros. Para o lageano é um prazer hospedar. As mulheres com suas prendas culinárias com base nos grãos e sementes (feijão, pinhão) cultivados ou extraídos na região preparam alimentos deliciosos. A preocupação, percebe-se principalmente nos sítios, é que o visitante seja bem acolhido, alimentando-se com “substância¹⁷” e tenha uma cama quentinha com as cobertas de lã de ovelha feitas à mão. O trabalho e as artes, em muitos locais são manuais como, por exemplo: o cultivo de

¹⁷ Substância em grande quantidade. Diz-se regionalmente: sustância, fartura.

alimentos, o uso da força animal para locomoção e transporte de produtos e também o artesanato.

Nesse contexto cultural e histórico, os elementos descritos acima se misturam a tendências de uma modernização para a região. Atualmente, Lages figura como a principal cidade serrana, mantém a tradição de centro comercial, é estrategicamente bem localizada por estar próxima de vias que cortam o Brasil (BR 116) de norte a sul e, interliga de leste a oeste o Estado de Santa Catarina (BR 282), abriga universidades e começa a intensificar seu processo de industrialização. Para compreendermos melhor esse movimento e algumas características atuais dos indivíduos que habitam o município de Lages e Região Serrana (e mais especialmente os estudantes do IFSC) recorreremos à teoria da estratificação social desenvolvida por Darcy Ribeiro. Ele é nosso guia teórico principal, quem nos ajuda a compreender as características do povo da Serra Catarinense. Ele ingressa nessa dissertação como o principal autor, do qual valorizamos especialmente os conceitos de identidade, liberdade, responsabilidade e pertencimento.

1.2.2 Estratificação social à luz de Darcy Ribeiro: contribuição para compreender a identidade cultural serrana

Darcy Ribeiro (1975, p. 92) explica que “no transcurso do período colonial-escravista, no trânsito para o neocolonial e no curso deste último, a sociedade brasileira se estruturou em duas modalidades básicas de estratificação social e de estrutura do poder”. Para que houvesse condição de distinguir as modalidades básicas de estratificação social, ou seja, as classes dominantes e as classes dominadas elas precisavam ser suficientemente diferenciadas, mas, as duas mantêm uma continuidade estrutural básica.

Darcy Ribeiro (1975) identificou as classes dominantes e as classes oprimidas que fazem parte da classe subalterna; essas duas classes antagônicas possuem um setor de ligação chamado setor intermediário.

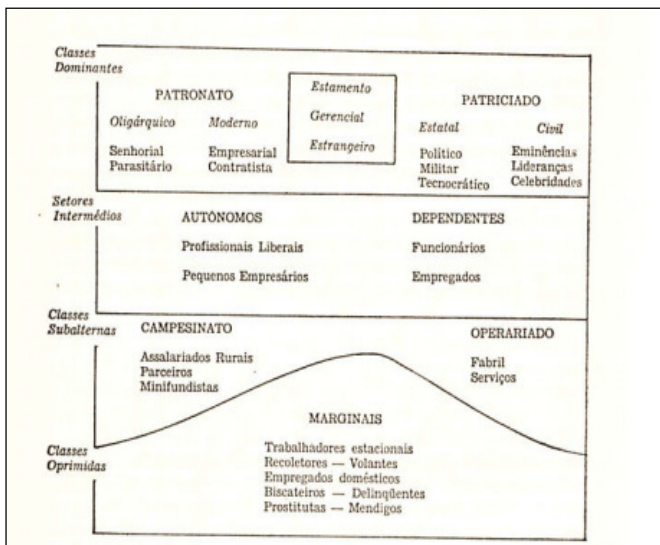
A referida oposição condiciona as respectivas classes; as dominantes, ao papel de perpetuadora da ordenação social que as privilegia; as dominadas, à condição histórica de forças virtualmente insurgentes, cuja afirmação só pode ser cumprida pela ruptura da estrutura social global (RIBEIRO, 1975, p. 98).

Devemos, antes de adentrar na teoria, explicar que não se trata de separar as camadas sociais, mas levantar características culturais que marcam os indivíduos, pois, como explica Darcy Ribeiro, o ‘povo brasileiro’ foi constituído por várias matrizes, e delas ocorreram muitas misturas. Burke (2003, p.16) corrobora o pensamento de Ribeiro de que somos um mosaico cultural, trata-se de um “processo de encontro, contato, interação, troca e hibridização cultural”.

As características das classes dominadas iniciam-se com a rejeição dessas misturas, “o luso ao cruzar com o indígena gerou um ser que não era português e também não era índio” (RIBEIRO, 2006): “a mestiçagem [...] foi especialmente popular nos séculos XIX e XX, tendo surgido a partir de expressões insultuosas como ‘vira-latas’ ou ‘bastardo’ e dado origem a sinônimos como ‘fecundação-cruzada’”. Essa fecundação cruzada gerou ‘camadas’ distintas, ora por se reconhecerem como tal, ora porque renegam suas origens.

Observemos o diagrama da estratificação social brasileira. Nele Ribeiro procurou identificar as características de cada estrato da sociedade vista principalmente pelo ponto de vista do envolvimento na produção de bens e serviços.

FIGURA 2 – DIAGRAMA DA ESTRATIFICAÇÃO SOCIAL BRASILEIRA



Fonte: RIBEIRO, Darcy Ribeiro. *Teoria do Brasil*. (RIBEIRO, 1975, p. 98).

Esse diagrama foi composto em vista de destacar a posição antagônica entre os interesses das classes dominantes e os das classes subalternas e oprimidas, que possuem certa equivalência, bem como o caráter ambíguo dos setores intermediários. Apesar da comunidade essencial de seus interesses mais gerais, cada um dos quatro estratos básicos se divide em setores cujos interesses específicos podem opor-se fortemente. “Nestas circunstâncias, os diversos componentes de cada estrato interagem entre si e com os demais, movidos por duas ordens de tensões: as que os unificam e as que os separam” (RIBEIRO, 1975, p. 99).

Da construção histórica acima e analisando as teorias de Darcy Ribeiro, identificamos três características que compõem a população serrana: o patronato oligárquico, o setor intermediário e as classes oprimidas subordinadas.

O patronato oligárquico desempenhado pelo Senhorial, dono de grandes extensões de terras: aqueles que tinham prestígio requeriam e obtinham cartas de sesmaria.

Por sua origem e continuidade histórica, o patronato senhorial é o setor mais arcaico da classe dominante, mas ao mesmo tempo o mais influente devido à magnitude das massas humanas diretamente dependentes dele, que são justamente, as mais miseráveis. É também o mais retrógrado porque se sente mais ameaçado, que qualquer outro, como primeira vítima provável de qualquer mudança na ordem social. Sua postura básica é de um saudosismo patriarcalista misturado com visões pessimistas quanto ao futuro. Interpreta sua experiência quotidiana no trato com a gente mais pobre e ignorante como uma comprovação da inferioridade do povo, a cujas más qualidades atribui o atraso do país (RIBEIRO, 1975, p. 100).

Das grandes glebas de terra que pertenciam e ainda pertencem a poucos fazendeiros, acostumou-se a acumular. *Não há espaço para tanta gente!* O medo de perder a tradição, os costumes, o poder... Poder esse que permanece nas mãos de poucos, principalmente na esfera política, dominada por poucas famílias. A tradição da perpetuação de “nome” da família, presente, em nome de ruas, escolas e, até mesmo, no cardápio de pizzarias.

Percebe-se a importância dada ao ‘nome’ da família quando em uma situação corriqueira onde duas pessoas se apresentam mutuamente o nome pessoal que individualiza um ser não é importante, mas, a qual família pertence. Indicador de uma sujeição que, dependendo do nome da família, o indivíduo pode ser acolhido, respeitado, valorizado ou, ao contrário, a conversa pode ser simplesmente interrompida.

Situado entre essas grandes classes antagônicas, o estrato intermédio opera como atenuador ou agravador das tensões sociais e é levado a exercer, ora o papel de agente da manutenção da ordem instituída, ora o de ativista de sua alteração revolucionária, explica Ribeiro:

Não é propriamente uma classe, mas um conglomerado ocupacional cujos interesses não estão necessariamente em causa face à oposição principal [...] Seus membros podem, por isto, pender para uma ou outra posição em cada conflito concreto e até assumir as posições mais radicais de direita ou de esquerda. Entretanto, numa conjuntura revolucionária que coloque em causa toda a ordem social, o temor de perder suas vantagens em relação às camadas subalternas leva a maioria das camadas intermédias a engrossar as fileiras da contra revolução (RIBEIRO, 1975, p. 99).

Identificamos neste setor, uma das constituições do serrano: os bandeirantes. Tratava-se de ‘funcionários da colônia’, eram desbravadores/conquistadores, mas dependiam da ordem da colônia. Poderiam até revoltar-se ou instigar uma revolta, mas recuavam quando percebiam que poderiam perder ‘vantagens’. Hoje, poderíamos fazer algumas aproximações e até afirmar que pequenos empresários, pequenos agricultores e funcionários públicos ocupam a posição dos antigos bandeirantes. Esses três seguimentos têm iniciativas, buscam mudanças, mas são altamente dependentes da conjuntura política. Antes de tomar qualquer decisão esperam para ver de qual lado os ‘senhores da cidade’ vão se posicionar.

Outra característica dentro desse estrato é certa inércia, ou seja, ela se constitui também como atenuadora entre as classes antagônicas. O jargão popular “*deixa pra lá*” ou ainda “*eles que são brancos que se entendam*” tão comuns de serem ouvidas nas rodas para tomar chimarrão funcionam como esse atenuante que amortece as oposições e de certa forma as desfaz.

Do outro lado, representam a classe oprimida e subalterna, a composição dos bravios índios, os escravos, porém vencidos! Hoje, os assalariados rurais, domésticos ou das empresas. Esta classe é extremamente temida pelo patriarcado (e patronato). É fácil perceber situações, aqui da região, que nos conduzem a percepção desse medo.

Inspirada na teoria de Darcy Ribeiro, com relação ao “medo” que as classes dominantes têm de que a classe dominada perceba as artimanhas da dominação e promovam um “levante”. Adaptamos para os valores da região o raciocínio de Darcy Ribeiro, trazendo do discurso popular do interior, ouvido muitas vezes por ser oriunda e frequentar esses ambientes. Observemos como se manifesta o padrão, (o fazendeiro) com relação a seus subalternos, (o capataz).

A classe dominante (patronato), na frente de um dominado que cumpre as determinações pacificamente recebe elogios como: *“Esse capataz é guapo!” Doma um cavalo como ninguém, no torneio de laço é o melhor”! É obediente, respeitador, trabalhador...”*.

Quando a classe do dominante precisa tomar decisões sobre a condição de ensino, são os primeiros a levantar a bandeira da dúvida: *Porque escola no interior? Eles precisam aprender a trabalhar na terra, precisam aprender a domar cavalos! As escolas no interior devem proporcionar o ensino para que os mesmos aprendam a trabalhar na terra, para se mantenham em seus locais, que não busquem condições fora daqui. Eles não sabem viver fora daqui!*

Ou seja, quanto mais xucros¹⁸ melhor. Melhor para a classe dominante para que a mesma mantenha o *status quo*. Porque a classe dominada é a que oferece o maior perigo para a classe dominante. Segundo Darcy Ribeiro

As classes subalternas constituem o setor potencialmente mais dinâmico da estrutura social por sua condição de força de trabalho básica do sistema produtivo, que engloba o contingente tecnicamente mais qualificado, das empresas modernas, e o único capacitado a impor suas reivindicações através de greve (RIBEIRO, 1975, p. 104).

18 Do espanhol Chúcaro. Duro; Diz-se do indivíduo ainda não treinado em qualquer tarefa, ou de coisa ainda imperfeita; ignorante, rude, bronco. (AURÉLIO, 1986, p. 1800).

Opondo-se as classes subalternas e a estrutura de poder, concentra nesta classe subalterna, todo o peso da repressão, a fim de paralisá-las. Como classes potencialmente capacitadas a mudar a ordem vigente e substituindo a por outra e que lhe seja mais favorável. “Embora, teoricamente, seu horizonte de aspirações corresponda a uma postura revolucionária predisposta a transformar a sociedade, de fato, seu grau de politização a leva a reivindicar apenas uma ordem social melhor” (RIBEIRO, 1975, p. 104).

Por tudo isto as massas marginalizadas são na realidade a classe oprimida da estrutura social, embora não tenham – e dificilmente venham a construir – uma consciência de si. Sua visão do mundo é uma mistura de arcaísmo, proveniente de antigas tradições orais hauridas no campo (RIBEIRO, 1975, p. 105).

Ribeiro (1975, p. 106) afirma que “sua visão de si é a de uma pobre gente que vegeta em um mundo discricionário onde um Deus, arbitrário, luta contra demônios que não podem ser domados”¹⁹.

Pelo lado dos vencidos, a mão de obra da cidade, figura-se talvez uma acomodação, tudo que é bom ‘*é para os ricos!*’ Tudo que pode ser mudado, precisa da iniciativa de alguém poderoso que o faça. *Eles quem mandam!* Por outro lado, também, esses vencidos são a força motora da cidade, são eles que enfrentam o frio, responsáveis pela produção de alimentos e a criação do gado. E, por constituírem a força e a resistência, eles é que poderão mudar a situação política, social e cultural da cidade, é por meio deles que deve reascender uma revolução, uma transformação.

Marilena Chauí (2000) ajuda a compreender a característica de acomodação dos brasileiros relatando pesquisas realizadas em 1995, uma delas pelo Instituto Vox Populi e a outra pelo Centro de Pesquisa e Documentação da Fundação Getúlio Vargas

[...] indagaram se os entrevistados sentiam orgulho de ser brasileiros e quais os motivos para o orgulho. Enquanto quase 60% responderam afirmativamente, somente 4% disseram sentir vergonha do país. Quanto aos motivos de orgulho, foram enumerados, em ordem decrescente: a

19 Na crônica “Lages recebe uma escola...” identificamos algumas características dessas três modalidades ora explicada (ver o início do capítulo 2.1).

Natureza, o caráter do povo, as características do país, esporte/música/carnaval. Quanto ao povo brasileiro, de quem os entrevistados se sentem orgulhosos, para 50% deles a imagem apresentava os seguintes traços, também em ordem decrescente trabalhador, lutador, alegre, divertido, conformado, solidário e sofredor (CHAUÍ, 2000, p. 8).

Considerável parte da população brasileira parece possuir uma crença quase generalizada de que o Brasil: é um dom de Deus e da Natureza; é um país sem preconceito, é um país acolhedor; é um país de contrastes regionais e por isso com vocação para a pluralidade econômica e cultural. Mas como podemos explicar quando se ouve falar que

[..] os índios são ignorantes, os negros são indolentes, os nordestinos são atrasados, os portugueses são burros, as mulheres são naturalmente inferiores. [...] Em suma, essa representação permite que uma sociedade que tolera a existência de milhões de crianças sem infância e que, desde seu surgimento, pratica o *apartheid* social possa ter de si mesma a imagem positiva de sua unidade fraterna. (CHAUÍ, 2000, p. 9).

Complementando Chauí, perguntamo-nos como o brasileiro pode ter orgulho de um país que possui 38% dos ingressantes em universidades considerados analfabetos funcionais. Como podem afirmar que “o que falta no Brasil é a modernização, isto é, uma economia avançada, com tecnologia de ponta e moeda forte, com a qual sentar-se-á à mesa dos donos do mundo” (CHAUÍ, 2000, p. 10) se quase metade da população mal lê, mal fala, mal compreende. Será que os investimentos e políticas públicas não deveriam primeiro ‘alfabetizar’ essa população? A representação de povo trabalhador/lutador, alegre/divertido, conformado/solidário, explica Chauí é dada pelo ‘mito fundador’ do Brasil cujas raízes foram fincadas em 1500. Chauí (2000, p.13), conceitua tal mito “na acepção psicanalítica, ou seja, como impulso à repetição de algo imaginário, que cria um bloqueio à percepção da realidade e impede lidar com ela”. O mito se manifesta e perpetua, por exemplo, na tendência brasileira de importar modelos do exterior, negando a identidade e valores locais.

Na lógica analisada por Ribeiro, a saída da condição de oprimido é vista no imaginário popular de forma exógena, ou seja, na cópia do outro.

O caráter espúrio da cultura brasileira decorre, como vimos, da própria natureza exógena e mercantil da empresa que lhe deu nascimento como formação colonial escravista, organizada para prover o mercado europeu de certos produtos. Nestas condições, o Brasil nasce e cresce como um proletariado externo das sociedades europeias, destinado a contribuir para o preenchimento das condições de sobrevivência de conforto e riqueza destas e não das suas próprias. [...] A classe dominante branca ou branca por auto definição desta população majoritariamente mestiça, tendo como preocupação maior, no plano racial, salientar sua branquidade e, no plano cultural, sua europeidade, só aspirava a ser lusitana, depois inglesa e francesa, como agora só quer ser norte-americana. E conseguia simular, razoavelmente, estas identificações nos modos de morar, de vestir, de comer, de educar-se, de rezar, de casar, de morrer etc (RIBEIRO, 1975, p. 158).

Esta afirmação de Ribeiro tem quase quarenta anos, mas mantém sua atualidade, apesar dos avanços tecnológicos aplicados à agricultura terem parcialmente substituídos a mão de obra escrava.

Encontramos também no livro “A história da destruição da América Latina: da conquista à globalização” (2010), escrito por Fernando Báez (2010). Nessa obra ele explica que a conquista da América Latina no século XVI consistiu não apenas na tomada do território e na expropriação de suas riquezas, mas no extermínio de determinados grupos, na destruição cultural e na forçosa obrigação do esquecimento do passado, imposto pelos europeus aos povos originários. Báez (2010) afirma que a tomada, a expropriação, o extermínio e a destruição são tipificadas por três grandes crimes: o genocídio, o de etnocídio e o de memoricídio, sobre esse último refere:

O memoricídio, por sua vez, consiste na eliminação de todo o patrimônio, seja ele tangível ou intangível, que simboliza resistência a partir do passado. [...] um povo sem memória é como um homem amnésico: não sabe o que é nem o que faz

e é presa eventual de quem o rodeia. Pode ser manipulado (BÁEZ, 2010, p. 104).

Esta compreensão parece adequada para compreendermos o desejo de cursar mecatrônica pela população pesquisada em Urupema²⁰. Ao escolherem cursos que estão distantes da realidade local, desconsideram a possibilidade de formações que poderiam potencializar os elementos tradicionais de identidade da região. “Buscam o que está fora, o que não têm, o que é estrangeiro e por isso ‘melhor’”, de acordo com o mito fundador trazido por Marilena Chauí (2000, p. 9). Seria essa a ‘herança’ do crime de memoricídio deixada pelos europeus aos povos da América latina? Segundo Báez “Os povos latinos deixaram de acreditar em seus potenciais (naturais e humanos)”.

A transculturação ou substituição da memória foi executada com perfídia em três etapas: a) pelo estilhamento da memória subjugada, aparecendo nas perdas e nostalgias; b) pela incorporação forçada da cultura dominante; e c) pela elaboração, por parte dos sobreviventes, de estratégias de resistência e integração assinaladas pelo grau de contato (BÁEZ, 2010, p. 37).

Sobre transculturação ou substituição da memória, Ribeiro (2007) argumenta que esse mimetismo acontece principalmente na academia. Para ele,

Em grande parte, a intelectualidade brasileira é mimética. A atitude dela é de pai de santo, recebe uma divindade pela cuca, fala pela boca, e dita o que contar. Sobre tudo os cientistas sociais abrem a boca para que fale Lévi-Strauss ou Althusser. Essa é a grande alienação (RIBEIRO, 2007, p. 176).

Ao usar o termo mimetismo – vindo da biologia, que fica bem exemplificado com o caso do camaleão que imita as cores do ambiente ou de outro ser como estratégia para passar despercebido, ou como estratégia de sobrevivência – Ribeiro critica os intelectuais brasileiros de estarem alheios aos elementos da cultura e identidade do povo.

Como educador, afirma, “eu fui me enfronhando na educação [...]”

²⁰ Outras informações sobre este município na página 48.

aprofundi meus estudos de educação, e acabei por integrar a equipe encarregada do planejamento educacional de Brasília” (RIBEIRO, 2007, p. 95). A edificação plana, horizontal, da Universidade de Brasília (UNB) foi planejada para que os diferentes cursos estivessem lado a lado e não uns sobre os outros.

Isso me levou a viver a grande aventura espiritual e intelectual de minha vida e de minha geração. Nós ousamos repensar radicalmente **a universidade e refazê-la como uma utopia, não para reproduzir as classes dirigentes, mas para renovar toda a sociedade brasileira** (RIBEIRO, 2007, p. 96).

Como vice governador do Rio de Janeiro (1983 a 1987) no primeiro governo de Leonel Brizola naquele Estado, a equipe de Ribeiro criou os Centros Integrados de Educação Pública (CIEPS).

Bem, era preciso que a gente fizesse uma coisa que não é nenhuma invenção. **No princípio a concepção que me orientou veio do Anísio Teixeira, com quem trabalhei durante anos e de quem sou discípulo. Ele pensava, e eu também, que a solução era criar escolas-parques**²¹. Ele fez uma experiência fantástica no Parque da Liberdade, uma escola fundada num bairro metido na lama (RIBEIRO, 2007, p. 120).

A primeira experiência foi em Salvador (BA) na década de 1950. Já no Rio de Janeiro existia outra realidade. Não se trata de copiar modelos, o que seria continuar mimetizando experiências bem sucedidas de um lugar para outro, desconsiderando as características culturais e de identidade.

[...] usa-se identidade cultural no sentido de identidade étnica. Até que ponto o gaúcho é brasileiro e não é argentino? Na realidade, estou muito preocupado com isso e venho trabalhando a tentativa de definir em que momento surge um ser que não é índio, não é negro, não é português e que é brasileiro (RIBEIRO, 2007, p. 174).

²¹ No Link <<https://www.youtube.com/watch?v=PjWqOmgdiJo>> Pode-se conhecer um pouco das práticas da escola parque e seus princípios.

Ribeiro está tratando de delinear um traço de brasilidade, que contenha tantas diferenças mas constitua, mesmo assim uma identidade. Consideramos que não haveria mentor melhor que Darcy Ribeiro para nos conduzir ao entendimento da identidade dos habitantes da região serrana, que são brasileiros, mas tem suas particularidades regionais.

Darcy Ribeiro, como militante político e intelectual não tinha meias palavras e era incisivo em criticar essa espécie de colonialismo dos intelectuais brasileiros a repetir aqueles que considera superiores e o descaso com os elementos da identidade de seu próprio país. Mesmo, pertencendo ao mundo da academia, Ribeiro representa para nós a liberdade que um dia identificamos no andarilho, um indivíduo à frente de seu tempo, que trilha seu próprio caminho e faz de sua caminhada uma ação de transformação para os outrem.

1.2.3 O imaginário da população e dos estudantes serranos sobre o IFSC

FIGURA 3 – JANELA: CRÔNICA SOBRE A CONSTRUÇÃO DO IFSC CAMPUS LAGES

LAGES RECEBE UMA NOVA ESCOLA

No cume de uma montanha, onde os ventos sopram mais fortes, começou a surgir uma grande construção. Nasquelas imediações nunca, antes se vira, tanto movimento. Caminhões carregados de materiais de construção, homens a trabalhar dia após dia, até o sol se pôr lentamente, num espetáculo de luzes e cores que deixam a montanha ainda mais bela e, impressionantemente mais distante do agito do centro comercial da cidade.

No entorno da construção que se erguia, muitos casebres de madeira com suas chaminés fumegantes, trazendo até as narinas o cheiro da lenha queimada que serve para aquecer os moradores de uma região fria e adormecida pela acomodação gerada por anos de oligarquias.

Desconfiados os habitantes dessa região se perguntavam: - Para que servirá essa construção? Será que, para aprisionar, pois, se mostra com as cores verdes e vermelhas da bandeira de Santa Catarina e tem uma grande guarita impedindo a livre passagem das pessoas?

Aos poucos ficaram sabendo que o edifício abrigaria uma escola. - Escola pra quê? Diziam os empresários educacionais da região. – Já temos escolas suficientes na região e, além do mais, não existem alunos suficiente para tantas escolas. - Eles vão ‘roubar’ nossos alunos!

- Escolas pra ricos! Diziam os mais humildes.

Mal sabiam que aquela escola fora construída com o dinheiro de cada cidadão daquela cidade. A construção e toda a sua estrutura fazia parte de uma política de expansão da rede pública federal de educação.

Começaram a chegar também pessoas de diversos lugares, carregadas de títulos em múltiplas áreas, que iam se instalando na cidade e não tardaram a iniciar o ensino naquela escola.

Podem não acreditar, mas houve, no planejamento dessa escola, um lugar reservado para uma biblioteca. Ela é ampla e iluminada. A biblioteca possui enormes janelas que se abrem para a cidade, mobiliário e livros novíssimos. Ansiava o momento em ver os alunos ocupando aquele espaço com rostinhos colados nas páginas de todos aqueles livros maravilhosos. Porém, isso não acontecia... A biblioteca, linda e arrumada permanecia estática. O silêncio era absoluto. Não que tivesse alguém estudando, o fato se dava porque ninguém entrava naquele ambiente. Os poucos que se arriscavam, entravam desconfiados, inseguros, medrosos... E foi por isso que soube que tinha que fazer algo para mudar aquela situação...

Essa narrativa no estilo de crônica é um texto de ficção; porém baseia-se na cultura oral das pessoas que estiveram de alguma maneira envolvidas ou afetadas pela instalação da nova instituição. De certa forma ela é reveladora de traços culturais que a prosa não acadêmica consegue às vezes transmitir em poucas palavras. Ela foi escrita pouco depois de eu assumir o cargo de bibliotecária no IFSC-Lages em 16 de janeiro de 2012.

Reflitamos a partir dela. Há 100 anos atrás (em pleno processo de industrialização de nosso país) as escolas técnicas no Brasil foram criadas com o objetivo de oferecer formação profissional. Época em que era preciso preparar mão de obra especializada. Os operários precisavam aprender a operar as máquinas e equipamentos negociados, entre o governo brasileiro e os EUA. Pelo menos alguns precisavam ler e compreender os manuais dessas ferramentas então sofisticadas.

Um século depois, o Partido dos Trabalhadores assumiu o governo federal brasileiro e, em 2002 começou a investir na Rede Federal de Ensino Profissional. O que representou mais escolas federais em todo o país.

A audiência pública que definiu a criação do IFSC *campus* Lages ocorreu de modo peculiar. Peculiaridade que se percebe pela escolha dos cursos que deveriam ser ministrados. Antes, de verificarmos como a escolha dos cursos ocorreu vamos recorrer a teoria da estratificação social de Darcy Ribeiro (1975); interpretamos que a escolha dos cursos foi feita pelos ‘descendentes de bandeirantes’. Porque são aqueles que querem mudanças, mas precisam de certas vantagens para isso, precisam antes de tudo, de mão de obra especializada.

Quem estuda nessa escola? Os descendentes de bandeirantes e uma camada significativa da classe oprimida. Porém, quem são os alunos que conseguem chegar até o final do curso? Os descendentes de bandeirantes. Analisemos alguns dados do que vem ocorrendo no IFSC Lages. O número de ingressos por turma, por exemplo, é de 40 alunos. O processo de seleção é classificatório e não eliminatório: significa que nenhum candidato é eliminado. Basta inscrever-se e se obterá uma vaga – as vagas dificilmente são preenchidas em sua totalidade. Há várias chamadas até que se atinja o número de 40 alunos em uma turma. O curso tem início, mas, o número de evadidos é expressivo. Na penúltima formatura do curso de informática (turma que iniciou em 2012 e finalizou em fevereiro, 2014), dos 40 alunos ingressantes somente oito (8) se formaram, ou seja 5,2%.

Pelas teorias de Darcy Ribeiro (1975) talvez possamos compreender o caso... A classe oprimida não sabe para que serve o ensino técnico. Não foram eles que escolheram os cursos, esses cursos não atendem às necessidades que eles têm ou julgam ter. Há, porém, uma reflexão importante que podemos fazer: mesmo que eles tivessem sido consultados para opinar sobre os cursos a serem ofertados pelo IFSC, a consciência de sua condição e necessidades pode não corresponder. Afirmava Ribeiro (1975, p. 105) que “[...] dificilmente venham a construir – uma consciência de si”.

Outro ponto intrigante, o IFSC Lages oferta o curso de ‘agroecologia’ (curso de dois anos cuja primeira edição iniciou em 2010, já está na quarta turma). A nova turma que ingressou neste curso em junho de 2013, teve somente oito alunos inscritos, dos quais permanecem apenas seis (6) alunas. Chama a atenção que sejam mulheres.

Esse curso poderia ser reconhecido como a real demanda da cidade, tendo em vista as características de trabalho existente na região (extensa área rural no município de Lages – o maior de SC). Entretanto, a partir de Ribeiro podemos interpretar que a inscrição num curso que se refere ao mundo rural (no imaginário local associado ao atraso), representa para a classe oprimida a continuação da sujeição ao senhorial patronal, conforme descreve Ribeiro - da região no contexto dos latifúndios locais. O escasso interesse despertado por esse curso pode estar indicando uma recusa a continuar submissos.

Chama a atenção que este curso esteja sendo frequentado por mulheres. A turma 2012 é composta por oito (8) mulheres e um (1) homem, a turma de 2013 está sendo frequentada por seis (6) mulheres. Podemos tentar uma hipótese explicativa para esta situação: o fato de que as mulheres tendem a ter uma visão mais orgânica da sociedade do que

os homens (imaginário geral, ideia de senso comum). Talvez, seja a elas destinada a grande transformação da cidade. Interessante, também apontar que o curso de agroecologia foi um dos que, na audiência pública, contou com número expressivo de participantes do Centro Vianeí de Educação Popular²². O Centro Vianeí possui uma atuação voltada para o desenvolvimento humano no campo e suas questões. Seja na perspectiva produtiva, onde o Centro Vianeí, trabalha alternativas de produção, em busca de sustentabilidade e inovação na dimensão educativa, numa perspectiva de formação para cidadania e, também, na dimensão cultural, na qual trabalha o patrimônio imaterial da região.

O índice de adesão ao curso de agroecologia é motivo de grande preocupação dos gestores do IFSC Lages, pois há um grande investimento de recursos para o curso e um pequeno número de estudantes formados, o que gera desperdício para os cofres da União (enfim, de todos os brasileiros que pagam impostos). Na tentativa de reverter esse quadro foi iniciado em julho de 2014 o curso de ‘agronegócio’, que de alguma forma, utilizará os mesmos recursos (humanos e físicos) já existentes no *campus*. Este curso difere em termos de objetivo filosófico e social do curso de agroecologia. Enquanto o curso de agroecologia busca o ‘empoderamento’ de pequenos agricultores, o fortalecimento da agricultura familiar e expandir os princípios da economia solidária, o curso de agronegócio está mais voltado para empreendimentos industriais rurais, o ramo dos negócios. Por esse foco de habilitar para se tornar empresário e entrar no mundo dos negócios é muito provável que tenha uma atratividade maior do que o curso de agroecologia. Embora o Plano de desenvolvimento Institucional do IFSC inclua a perspectiva agroecológica com bastante peso.

Neste sentido, a opção do trabalho da terra dominante no contexto capitalista em nossos dias é o agronegócio. O IFSC Lages teve a intenção de inovar e fomentar uma formação sustentável, ecológica e politicamente

22 A Associação Vianeí de Cooperação e Intercâmbio no Trabalho, Educação, Cultura e Saúde – AVICITECS é uma sociedade civil de Direito Privado, sem fins lucrativos, de caráter educacional, beneficente e de assistência social, constituída por pessoas de diferentes áreas do conhecimento, que a ela vierem a se filiar. Fundada em vinte de junho de mil novecentos e oitenta e oito (20/06/1988), reger-se-á pelo presente Estatuto aprovado pela assembleia geral de vinte de junho de mil novecentos e oitenta e oito. Terá foro na cidade de Lages, Estado de Santa Catarina, onde estará sua sede, à Rua Papa João XXIII, 1352. Poderá operar em todo o território nacional. Disponível em: http://www.vianeí.org.br/index.php?option=com_content&view=section&layout=t=blog&id=3&Itemid=4

‘correta’, ao oferecer o curso de agroecologia. Porém, enfrenta um impasse e tenta resolvê-lo: como atrair estudantes para seus cursos totalmente gratuitos?

Outro exemplo interessante aconteceu em Urupema, município vizinho de Lages que também recebeu um *campus* do IFSC em 2010. O caso do IFSC de Urupema, o curso mais desejado, num levantamento realizado pelos professores na fase inicial de instalação do instituto nesse município, feito para conhecer a demandada população local, foi mecatrônica (OLIVEIRA, 2013, p. 48). Foi surpreendente para os docentes constatar que esse curso futurista, altamente tecnológico e para nada conectado com um município de pequeno porte atualmente Urupema possui 2.482 habitantes, é eminentemente rural não há indústria de grande porte que necessite/demande o tipo de formação profissional solicitada. A implantação de um curso como o sugerido pela população destoaria completamente das finalidades e características da lei 11.892/2008 que instituiu os Institutos Federais. Na seção II, Art 6º, inciso IV, que se refere à criação de cursos, lê-se:

[..] orientar sua oferta formativa em benefício da **consolidação e fortalecimento dos arranjos produtivos, sociais e culturais locais**, identificados com base no mapeamento das potencialidades de desenvolvimento socioeconômico e cultural no âmbito de atuação do Instituto Federal (BRASIL, 2008).

Como podemos interpretar essa resposta? O povo deseja o oposto do que tem como potencial já estabelecido? Rejeita sua identidade para livrar-se de uma condição de subserviência? Seria este um efeito da globalização, do acesso a informações via tecnologias (televisão, telefone celular com acesso à *internet*?). Ou será que se trata de um caso de memoricídio?

2 LÓCUS DA PESQUISA EMPÍRICA

2.1 Educação Profissional no Brasil: dos primórdios às oportunidades no IFSC-Lages

No item anterior apresentamos uma narrativa que recolhe as manifestações dos moradores do entorno do IFSC de Lages durante a fase de construção das suas instalações. Servimo-nos dela também para ingressar neste tópico sobre o ensino técnico no Brasil. Este foi iniciado pelos Jesuítas para a administração temporal dos bens divinos. Saviani (2010, p. 43) explica como eram elaborados os currículos, nele pode-se perceber a divisão de classes; para aqueles que pudessem prosseguir em estudos superiores era destinado o ensino de latim e para os que não tinham condições de estudar na Europa era destinado o ensino profissional e agrícola.

A primeira fase da educação jesuítica foi marcada pelo plano de instrução elaborado por Nóbrega. O plano iniciava-se com o aprendizado do português (para os indígenas); prosseguia com a doutrina cristã, a escola de ler e escrever e, opcionalmente, canto orfeônico e música instrumental; e culminava, de um lado, com o aprendizado profissional e agrícola e, de outro lado, com a gramática latina para aqueles que se destinavam à realização de estudos superiores na Europa (SAVIANI, 2010, p. 43).

Com o advento do ouro em Minas Gerais foram criadas as casas de fundição e de moeda e com elas a necessidade de ensino especializado; também a Marinha do Brasil criou centros de aprendizagem de ofícios arsenais. Conforme Saviani (2010, p.95), no período de 1785 a 1800 o desenvolvimento tecnológico no Brasil ficou estagnado; com a proibição da existência de fábricas na colônia, houve nesse período várias experiências com a adoção do modelo de aprendizagem dos ofícios manufatureiros que se destinavam ao amparo da camada menos privilegiada da sociedade brasileira. Com a vinda da família real, D. João cria o Colégio das fábricas em 1808. Em 1889, após a abolição legal dos escravos no Brasil já havia 636 fábricas e faltava mão de obra especializada.

Nilo Peçanha, governador do Rio de Janeiro (1903- 1906) por meio do Decreto 787 de 11 de setembro de 1904, criou três escolas de Aprendizizes Artífices nas cidades de Campos, Petrópolis e Niterói. Com a morte de Afonso Pena, Nilo Peçanha assume a Presidência e assina o Decreto 7566, em 23 de setembro de 1909, criando 19 escolas de Aprendizizes Artífices ofertando ensino profissional, primário e gratuito. Na época o Brasil contava com uma divisão geopolítica de vinte (20) Estados. Quando da criação das Escolas de Aprendizizes Artífices (em 23 de setembro de 1909), o Rio Grande do Sul foi o único Estado brasileiro que não recebeu uma Escola de Aprendizizes Artífices²³.

Conforme Decreto N. 7566, Art. 2º O objetivo central da criação das Escolas de Aprendizizes Artífices era “formar cidadãos úteis à nação”, “nas escolas de Aprendizizes Artífices, custeadas pelo Governo Federal se procurará formar operários e contramestres, ministrando-se o ensino prático e os conhecimentos técnicos necessários” (ALMEIDA, 2010). Em mais de 100 anos de história desde a oficialização do ensino técnico profissional no Brasil essa instituição passou por várias transformações, da Escola de Aprendizizes Artífices para as Escolas Industriais e Técnicas, que poderiam oferecer ensino superior (conforme reforma Capanema em 1941); de 1956 a 1961, com o plano de desenvolvimento do país, Juscelino Kubitschek investiu 3,4% do total previsto para a educação técnica com o objetivo de formar profissionais orientadas para as metas do governo. Em 1959, as Escolas Industriais que até então eram subordinadas ao Ministério da Agricultura, são transformadas em autarquias com o nome de Escolas Técnicas Federais.

Em 1994, com a lei 8948 as Escolas Técnicas são transformadas em Centros Federais de Educação Tecnológica (CEFETs), e por meio do Decreto 2208/1997 é regulamentada a Educação Profissional, assinada pelo Presidente Fernando Henrique Cardoso, com objetivo de formar engenheiros de operação e tecnologia.

O Decreto 2208/97 sofreu muitas críticas, os CEFETs tornaram-se muito seletivos, impossibilitando o ingresso da camada empobrecida da população. O objetivo central das Escolas Técnicas que previam o

23 Acreditamos que o fato deva-se pelas diversas lutas armadas de movimentos Separatistas iniciadas desde 1835 O dramático conflito que envolveu os gaúchos numa guerra fratricida, a Revolução Farroupilha, de caráter **separatista e republicano**. Finda a guerra a sociedade pôde se reestruturar. No final do século o comércio se fortaleceu, chegaram imigrantes de outras origens como italianos e judeus, e na virada para o século XX o Rio Grande do Sul havia se tornado a terceira maior economia do Brasil.

ingresso escolar da camada empobrecida da população brasileira não estava mais sendo cumprindo. Isso foi considerado por alguns autores como Frigotto; Ciavatta; Ramos (2003) a perda da identidade da Instituição. Após intenso debate entre educadores dessa área do ensino, amparada com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN)1996 o Decreto 2208/97 foi revogado.

A partir de 2006 alguns CEFETs passam a ser denominados Institutos Federais de Ciência e Tecnologia (IF) e inicia-se o processo de expansão. Por meio do Decreto 5773/2006, assinado pelo Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, os IFs são regulamentados. O processo de expansão dos Institutos Federais busca condições de promover uma atuação integrada e referenciada regionalmente, de acordo com alguns dos pilares do Plano de Desenvolvimento da Educação.

No tocante à oferta de cursos, ressaltou a observância da sintonia com a consolidação e o fortalecimento dos arranjos produtivos locais, o estímulo à pesquisa aplicada, à produção cultural, ao empreendedorismo e cooperativismo e o apoio aos processos educativos que levem à geração de trabalho e renda, especialmente a partir de processos de autogestão (FERRETI, 2011, p. 790).

Em 2007 quando do lançamento da segunda fase do Plano de Expansão da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica, tendo como meta entregar à população mais 150 novas unidades (foram um total de 354 unidades até o final de 2010), os municípios lageanos, principalmente a classe política, empenhou-se para que uma dessas unidades fosse instalada no município.

Assim, quando publicada a portaria do Ministério da Educação? Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica (MEC/SETEC) de número 007/2007, a qual previa a expansão da rede nos municípios que encaminhassem projetos e oferecessem como contrapartida o terreno para construção da instituição, o município de Lages ofereceu uma proposta qualificada, obtendo pontuação que possibilitou a instalação de um IF.

Além do terreno cedido pela Embrapa que perfaz uma área de 102.000m², os argumentos pautaram-se na importância do município, que é pólo da Serra Catarinense, composta por 18 municipalidades e duas SDRs (Secretarias de Desenvolvimento Regional: Lages e São Joaquim), contando com diversas indústrias e significativa rede educacional dos

níveis fundamental, médio, superior e profissional. População estimada (2013) 158.961²⁴ mil habitantes numa área de 2.632 Km², sendo 153.944 mil da população residente no espaço urbano. A região apresenta índices per capita de 4,3% de arrecadação em Imposto Predial e Territorial (IPTU), compondo o grupo IV dos municípios catarinenses que mais necessitam de repasse Estadual (SANTA CATARINA, 2012).

Dos 18 municípios congregados pela Associação dos Municípios da Região Serrana (Amures) 10 fazem divisa político-geográfica com o município de Lages e, estão, segundo o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD)/2010, entre os que possuem Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) considerado médio baixo, conforme ranking do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) - o IDH é de 0,68. (PNUD / 2000; IBGE/2010).

Para identificar as áreas de atuação para o novo IF que seria instalado em Lages foi realizada uma audiência pública com a participação de quatrocentas (400) pessoas, sendo: vinte (20) empresários, cento e vinte (120) trabalhadores²⁵ quarenta (40) pequenos produtores familiares, sessenta (60) desempregados, e cento e sessenta estudantes do ensino médio. A audiência pública realizada em novembro de 2007 teve uma representação de 0,25% da população urbana, que elegeu os cursos técnicos em Biotecnologia, Agroecologia e Informática.

O IFSC foi implantado em 2010 e está localizado à Rua Heitor Villa Lobos, Bairro São Francisco. Em 2014 oferece os seguintes cursos técnicos: Subsequente ²⁶ em Biotecnologia, Eletromecânica e Mecatrônica e Técnico Concomitante²⁷ em Agroecologia, Informática e Análises Químicas. Além dos cursos técnicos de nível médio, oferece uma variada gama de cursos de Formação Inicial e Continuada (FIC's):

24 Dados obtidos pelo senso 2010 IBGE fonte disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=420930&search=santa-catarinalages>> . Acesso em: 20 jun. de 2014

25 O documento da audiência pública não oferece informações sobre a caracterização dos trabalhadores participantes no processo.

26 **Curso Subsequentes:** Curso profissionalizante onde aluno deverá possuir o ensino médio completo, devido à isso a palavra subsequente, pois estes cursos são subsequentes ao ensino médio. São cursos voltados para o mercado de trabalho, onde o aluno poderá adquirir conhecimentos avançados na área profissional correspondente ao curso que escolher.

27 **Curso concomitante:** Cursos técnicos concomitantes são destinados a alunos que, no ato da matrícula, tenham concluído pelo menos a primeira série do Ensino Médio. Alunos de ensino médio frequentam aulas nas instituições de ensino fundamental (Pública ou Privada) em um período e no outro período complementam a formação fundamental com ensino técnico profissionalizante.

(Matemática Financeira, Java, Balconista de Farmácia, entre outros). Os cursos FIC's são estipulados conforme a demanda da comunidade²⁸. Oferta também a estrutura para programas governamentais do Programa de Educação Profissional Integrado à Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (Proeja) e do Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec) além do Programa Mulheres Mil²⁹, que atende mulheres em situação de vulnerabilidade e risco social. Assim, a missão desses institutos configura-se na relação da educação com o trabalho, do trabalho com a pesquisa e da pesquisa para com a extensão. Ou seja, o princípio dos IF's atualmente é:

[...] ofertar educação profissional e tecnológica, como processo educativo e investigativo, em todos os seus níveis e modalidades, sobretudo de nível médio; orientar a oferta de cursos em sintonia com a consolidação e o fortalecimento dos arranjos produtivos locais; estimular a pesquisa aplicada, a **produção cultural**, o empreendedorismo e o cooperativismo, apoiando processos educativos que levem à geração de trabalho e renda, especialmente a partir de processos de autogestão (BRASIL, 2007b, p. 32).

O breve histórico do ensino profissional do Brasil que traçamos mostra que, ao longo das décadas passou por várias transformações, ora para acompanhar as mudanças da sociedade, ora como resultado de planos de governo. Desde 2008 os IFs buscam construir sua identidade, e uma cultura própria da instituição. Com a reformulação de 2008 ainda se procura definições de estruturas internas, tanto na alocação de servidores, como na distribuição de setores administrativos.

É o caso das bibliotecas que ainda hoje não estão inseridas no organograma da instituição. Há entre os bibliotecários e o corpo administrativo, debates no sentido de que seja definido a qual Departamento as bibliotecas irão pertencer, se farão parte da Pró-Reitoria de Ensino, visando atender as necessidades pedagógicas; se elas farão parte da Pró-Reitoria de Administração que participam das decisões administrativas da instituição, ou se será criada uma Pró-Reitoria de Assuntos Culturais. Nesta, acreditamos que as bibliotecas encontrariam

28 Para saber a demanda são realizadas pesquisas junto às empresas da região.

29 Projeto criado pelo Instituto Federal do Rio Grande do Norte e absorvido como programa de Governo em 2010 para ser aplicado em todos os IF's do Brasil.

mais espaço para desenvolver um trabalho que leve à formação integral e à politécnica³⁰. Ou seja:

Quando Marx e Gramsci se reportam à escola, pretendem que ela contemple a formação técnica, mas não se encerre nela, nem na mera aquisição de informações. **Gramsci, em particular, estabelece estreita associação entre a ação cultural como estratégia da luta política e a educação escolar**, pois percebe a escola como elemento central, embora insuficiente **no processo de desenvolvimento intelectual-moral do homem-massa**, tendo em vista a constituição da **sociedade socialista**. O que se propõe não é a adaptação dos sujeitos sociais as novas configurações de um mesmo modo de produção (no caso, o capitalista), mas sua superação (FERRETI, 2011, p. 798).

A reflexão de Ferreti, inspirada nas teorias marxistas e na visão de Gramsci sobre educação no sentido largo do termo parece interessante para pensar os IF e principalmente a posição das bibliotecas nesta instituição, pois elas são escolas destinadas a um público muito diversificado e pretendem contribuir com o desenvolvimento das regiões. Nos documentos legais brasileiros e também nos específicos do IF a menção ao desenvolvimento sempre parece pender mais para os aspectos econômicos do que os humanos. No entanto, a lei 11.892/2008 determina como uma das finalidades uma formação integral, congregando ensino profissionalizante com pesquisa e extensão. No capítulo II, seção III, duas alíneas trazem a palavra cultura;

IV - **Orientar** sua oferta formativa em benefício da consolidação e fortalecimento dos arranjos produtivos, **sociais e culturais locais**, identificados com base no mapeamento das potencialidades de **desenvolvimento socioeconômico e cultural** no âmbito de atuação do Instituto Federal;
VIII - **realizar e estimular** a pesquisa aplicada, a **produção cultural**, o empreendedorismo, o

30 Esta noção de formação que foi trabalhada pela colega também professora do IFSC Lages, Luciane Oliveira, egressa do PPGE-UNIPAC e que desenvolveu sua dissertação sobre o conceito de politécnica no contexto dos IFSCs.

cooperativismo e o desenvolvimento científico e tecnológico (BRASIL, 2008).

Como vemos a arte e a cultura são elementos que podem integrar o tripé “ensino pesquisa extensão”. Porém, encontram-se timidamente na composição da formação dos IF’s, embora nesta administração tenhamos recebido apoio para o desenvolvimento de atividades artísticas e culturais na biblioteca, elas estiveram vinculadas à extensão. Uma visão ainda restritiva de suas possibilidades de contribuição com a formação profissional.

Nessa pesquisa, as atividades desenvolvidas servem para demonstrar que as bibliotecas contribuem para um processo formativo integral, e que se faz necessário repensar a posição das mesmas na instituição, e vinculá-las não somente à oferta e disponibilidade de materiais que atendam às necessidades pedagógicas dos cursos, mas que possuam elementos que conduzam o educando a ampliar sua noção de cidadania, a conhecer seus direitos e deveres, a ter um papel proativo na sociedade.

2.2 Problematizando a missão da biblioteca e dos bibliotecários brasileiros e a opção assumida na biblioteca do IFSC

A formação em biblioteconomia é de longa data na história da humanidade. Pelo fato de escrevermos desde a biblioteconomia em um Mestrado em Educação, consideramos importante compartilhar com os educadores um pouco da história desta importante instituição social que uma das mais antigas e permanentes na história: as bibliotecas.

Jostein Gaarder (1995), no popular livro “O mundo de Sofia” propõe à Sofia que antes de falar sobre o filósofo Aristóteles, a mesma organize seu quarto. Até que, enfim, após muito trabalho e exaustiva organização, Sofia encontra local apropriado para cada objeto facilitando a recuperação dos seus pertences depois da arrumação. O exemplo serviu como base para explicar que Aristóteles utilizou a classificação filológica, a partir da qual se podem organizar os conhecimentos e também a sua transmissão. Sem essa organização seria muito difícil ou mesmo impossível descobrir onde encontrar os conhecimentos de que cada um precisa em determinado momento, dado o enorme acúmulo de saberes que não cessa de crescer cada vez mais vertiginosamente. Essa é a especialidade dos bibliotecários, desenvolver formas de encontrar o que se deseja.

A palavra biblioteca tem sua origem nos termos gregos *biblió* (livro) e *Thek* (caixa). Significa caixa ou casa de livros. “A história das bibliotecas antecede a dos livros. As primeiras bibliotecas tinham seus acervos formados por placas de argila, depois constituídas por rolos de papiros e pergaminhos” (BARROS, 2011, p. 12).

Considera-se a biblioteca mais antiga a do rei Assurbanipal, na Assíria no século VII a.C, com acervo formado por placas de argila. Em Reale (1990) encontramos registros sobre os acontecimentos que levaram à fundação do “Museu” e da “Biblioteca” e ao nascimento da profissão de bibliotecário.

Conta-nos Reale (1990, p. 284-286) que após a morte de Alexandre, Ptolomeu Lago recebeu o Egito e seus sucessores conservando as tradicionais estruturas sociopolíticas que haviam assegurado ao reino uma vida milenar. Assim, impediram a helenização do Egito, com a única exceção de Alexandria, para a qual, ao contrário, procuram atrair os intelectuais gregos, na tentativa de transformá-la por todos os meios na capital cultural do mundo helenístico.

Demétrio, que provinha das fileiras dos peripatéticos e havia sido obrigado a refugiar-se em Alexandria por razões políticas, passou a manter intensos contatos com Ptolomeu³¹. “Demétrio pensava fundar em Alexandria algo que fosse como que um Perípatos³² de proporções multiplicadas, construído e adaptado com base nas novas exigências”.

31 Ptolomeu I Sóter (366 – 283 a.C.1) foi um general macedônio de Alexandre O Grande que se tornou sátrapa do Egito de 323 a.C. a 283 a.C., fundando a Dinastia Ptolemaica. Tomou o título de rei a partir de 305 a.C., instituindo então o culto dinástico do rei-salvador (Sóter), de acordo com a tradição dos Faraós egípcios. Recusou-se a pagar tributo ao rei da Macedônia, sucessor de Alexandre Magno. Fundou um império poderoso que, sem conquistas territoriais, manteve um reconhecido esplendor econômico e cultural, firmado em novas e eficazes formas administrativas. Instituiu a capital de sua dinastia em Alexandria, hoje a segunda maior cidade do Egito e uma das cinco maiores cidades da África, cidade fundada por seu predecessor, Alexandre. Nos últimos anos do seu reinado, exerceu co-regência com o filho, seu herdeiro real. Implantou o culto de Serápis e fundou a cidade de Ptolemaida, no Alto Egito. (REALE, 1990).

32 A Escola peripatética foi um círculo filosófico da Grécia Antiga que basicamente seguia os ensinamentos de Aristóteles, seu fundador. Fundada em c.336 a.C., quando Aristóteles abriu a primeira escola filosófica no Liceu em Atenas, durou até o século IV. “Peripatético”, é a palavra para 'ambulante' ou 'itinerante'. Peripatéticos (ou 'os que passeiam') eram discípulos de Aristóteles, em razão do hábito do filósofo de ensinar ao ar livre, caminhando enquanto lia e dava preleções, por sob os portais cobertos do Liceu, conhecidos como *perípatoi*, ou sob as árvores que o cercavam (REALE, 1990). Importante destacar que os

A intenção de Demétrio e Ptolomeu era a de reunir em uma grande instituição todos os livros e todos os instrumentos científicos necessários às pesquisas, de modo a fornecer aos estudiosos material que não pudessem encontrar em nenhum outro lugar, induzindo-os assim a irem para Alexandria (REALE, 1990, p. 284).

Desse modo, nasceram o “Museu” (que significa ‘instituição sagrada dedicada às Musas’, protetoras das atividades intelectuais) que oferecia todo o instrumental para as pesquisas médicas, biológicas e astronômicas; e a “Biblioteca”, que oferecia toda a produção literária dos gregos. “Sob Ptolomeu II, a Biblioteca encaminhou-se para a imponente cifra de quinhentos mil livros que, pouco a pouco, cresceu para setecentos mil, constituindo a mais grandiosa coleção de livros do mundo antigo” (REALE, 1990, p. 284).

Zenódoto (323 a.C) é considerado o primeiro bibliotecário, mas foi Calímaco quem compilou os *pinakes* (catálogos) e ordenou os livros por setores, gêneros em uma sistematização alfabética. Do papiro e o pergaminho, a prática da técnica do palimpsesto³³, aos copistas, o livro concentrou um saber denso, profundo e ameaçador do *status quo* da sociedade. Enquanto produto artesanal só era acessível a muito poucos, com censura absoluta de seus conteúdos³⁴ como, por exemplo, o *Index Librorum Prohibitorum* (Índice dos Livros Proibidos), extinto somente em 1966.

bibliotecários possuem descendência “dos que passeiam”. Para fazermos ligação entre os capítulos, evocamos desde o início da dissertação o ‘andarilho’, que foi meu primeiro mentor enquanto bibliotecária.

- 33 Palimpsesto significa ‘riscar de novo’. Designa um pergaminho (ou papiro) cujo texto foi apagado para permitir a reutilização do suporte de escrita. Esta prática foi adotada na Idade Média, entre os séculos VII e XII, devido ao elevado custo do pergaminho. A eliminação do texto era feita por meio de lavagem ou, mais tarde, de raspagem com pedra-pomes.
- 34 O livro “O nome da Rosa” (1980) de Umberto Eco tem como tema central a liberdade de estudo e de ensino, a livre circulação do conhecimento. Mergulhada em obscurantismo durante séculos, os mosteiros cristãos constituíam fortalezas onde o conhecimento era preservado com imensas dificuldades. Dado a inexistência da imprensa, os livros tinham de ser copiados à mão por monges dedicados; em consequência, os livros eram bastante raros e de difícil acesso. A ideia ainda hoje popular de que os antigos eram muito sábios resulta em parte da falta de circulação do conhecimento que persistiu até à revolução científica dos séculos XVII e XVIII.

Gutenberg, ao inventar a imprensa, foi responsável por mudança significativa na produção e registro do conhecimento, gerando uma das mais importantes inovações, com grande impacto para a vida social da humanidade. Também podemos mencionar a importância de Lutero como primeiro tradutor da Bíblia sagrada, ocasionando a divisão da Igreja Católica e uma intensa reflexão sobre as ações humanas.

A facilidade na reprodução do registro do conhecimento tomou proporções significativas. Essa proliferação desenfreada na produção e reprodução do conhecimento foi tema do discurso de Ortega y Gasset (1883-1955) em 1935 no *Segundo Congresso Internacional de Bibliotecas e Bibliografia*, ocorrido em Madri (Espanha), com o tema “Missão do bibliotecário”. O evento foi organizado pela Federação Internacional de Associações de Bibliotecários (IFLA). Entre 1931 a 1936 a Espanha vivia a chamada Segunda República, apesar da situação de instabilidade política e econômica, as bibliotecas espanholas tiveram uma fase de intenso movimento até 1936 quando a Espanha entrou num dos mais longos e repressivos regimes ditatoriais que ocorreram na Europa, que só acabaria em 1975.

No período de 1931 a 1936, Ortega y Gasset, talvez já previsse os conflitos civis que aconteceriam não só na Espanha; vários países já se encaminhavam para o mais terrível acontecimento da história, a Segunda Guerra Mundial. Assim, Ortega y Gasset procura, nesse célebre discurso, ‘preparar’ os bibliotecários, afirmando que “a missão dos bibliotecários era tornarem-se filtro”, dada a proliferação editorial e a posição que eles deveriam assumir para fazer chegar até os usuários a qualidade das informações. Para Ortega y Gasset (1935).

[...] a finalidade dos bibliotecários é ser os guardiões da necessidade social que é o livro. Agindo assim, os bibliotecários conquistam o seu valor ao prover o conhecimento de eras passadas aos indivíduos que dele precisam como auxílio para agir, para decidir por uma missão pessoal, em suma, para viver. A razão não só para a existência de bibliotecários, mas também para a sua finalidade e valor está na própria natureza da vida (ORTEGA Y GASSET, 2006, p.65).

Durante os conflitos mundiais, e em todos os regimes ditatoriais que então vicejaram, inclusive no Brasil, a censura, a busca, apreensão e destruição de livros era uma prática sistemática, havendo um período de

silêncio em muitas bibliotecas, e consequentemente uma neutralidade de muitos profissionais bibliotecários.

Surgem, então, novas interpretações ao discurso de Ortega y Gasset, talvez, contrárias, aos princípios de guardiões da necessidade social que é o livro. No livro “A missão do bibliotecário”, traz o discurso de Ortega y Gasset na íntegra, e também a análise de diversos autores sobre o teor do discurso, os autores Daniel Gore (1970) e James Thompsom (1974) aparecem mencionados porque nas respectivas datas eles criticaram o termo ‘filtro’ utilizado por Ortega y Gasset ao afirmarem que nele há indícios para que os bibliotecários se tornassem redutores do conhecimento.

O termo ‘filtro’ é utilizado para propor aos profissionais bibliotecários a composição do acervo em uma biblioteca já que é impossível para qualquer biblioteca dispor de todos os registros de informação que se proliferam mundialmente.

O discurso de Ortega y Gasset, atualmente é percebido como uma seleção rigorosa, não do acervo e muito menos do não acesso aos livros, mas da forma como o conhecimento se dissemina. Ou seja, para Ortega y Gasset **a principal missão do bibliotecário é tentar aproximar o conhecimento do leitor, respeitando a liberdade da escolha, criando condições para que os leitores possam repensar e apropriar-se do conhecimento registrado nos livros e documentos.**

Durante muito tempo a guarda e manutenção de acervos compunham praticamente todo o arcabouço de competências para o profissional bibliotecário. Todavia, as competências dos profissionais bibliotecários vêm se transformando e se adaptando conforme as mudanças ocorridas na sociedade.

Essa foi uma das constatações dos colombianos Martínez e Calvi (1994) que, em 1991, buscaram no Brasil elementos para aprimorar os serviços bibliotecários da Colômbia porque, como esclarecem, “para os latinos americanos vizinhos, a imagem do Brasil é a de um irmão maior, o país-professor” (1994, p. 15). Ao iniciarem suas incursões perceberam outra realidade: “agora sabemos que ele também tem muito a aprender” (1994, p. 15).

Não queremos deixar de mencionar que, possivelmente por acompanhar o processo de desenvolvimento industrial no Brasil, também os profissionais da educação e da biblioteconomia **priorizaram a criação e o desenvolvimento de centros de documentação especializados e de**

unidades de informação científica e tecnológica e industrial. Enquanto isso, em outros países, onde a preocupação máxima voltou-se para melhorar os níveis de educação básica dos cidadãos, aparecem mais nítidos os esforços por desenvolver serviços bibliotecários públicos e escolares como ponto de apoio a essa melhoria da qualidade de ensino (MARTÍNEZ; CALVI 1994, p. 15).

Centrados nesse processo industrial os currículos da área de biblioteconomia brasileiros privilegiam a formação para o cientista da informação. Houve a partir de 1998 discussão para redefinir a nomenclatura do curso. Alguns estudiosos afirmavam que o nome biblioteconomia era muitas vezes percebido, principalmente pelos empregadores³⁵, como algo ultrapassado, estático. Essa percepção não acompanhava o fluxo de informação que ora se apresenta vertiginosa. Atualmente, as informações não estão nos ambientes físicos, elas permeiam o espaço das ‘nuvens’³⁶. Esse tipo de alocação de informação gera discussões no sentido de propiciar às pessoas o acesso, a disponibilidade, a praticidade e disseminação da informação, principalmente em bibliotecas especializadas ou universitárias, que têm

35 Mudanças significativas no fazer de bibliotecário a partir do advento da *web* e a constante atualização de tecnologias. Cada vez mais, um expressivo contingente de profissionais bibliotecários é habilitado para a “gestão do conhecimento”, desenvolvendo atividades em grandes empresas ou em multinacionais. Por essa razão, alguns consideram o nome ‘bibliotecário’ ultrapassado.

36 O conceito de computação em nuvem (em inglês, *cloud computing*) refere-se à utilização da memória e das capacidades de armazenamento e cálculo de computadores e servidores compartilhados e interligados por meio da Internet, seguindo o princípio da computação em grade. O armazenamento de dados é feito em serviços que poderão ser acessados de qualquer lugar do mundo, a qualquer hora, não havendo necessidade de instalação de programas ou de armazenar dados. O acesso a programas, serviços e arquivos é remoto, através da Internet - daí a alusão à nuvem. O uso desse modelo (ambiente) é mais viável do que o uso de unidades físicas. Num sistema operacional disponível na Internet, a partir de qualquer computador e em qualquer lugar, pode-se ter acesso a informações, arquivos e programas num sistema único, independente de plataforma. O requisito mínimo é um computador compatível com os recursos disponíveis na Internet. O PC torna-se apenas um chip ligado à Internet - a “grande nuvem” de computadores — sendo necessários somente os dispositivos de entrada (teclado, mouse) e saída (monitor).

como fundamento integrar a **pesquisa como elemento essencial na formação e nos negócios**.

Os currículos dos cursos de biblioteconomia sofreram mudanças a partir da promulgação da lei 9.394/1996 que estabeleceu novas diretrizes para todos os cursos de graduação no Brasil; a LDB propõe autonomia para as universidades fixarem os currículos de seus cursos, desde que observem as Diretrizes Curriculares Nacionais (BURIN, 2009, p. 51). Segundo, Burin (2009, p. 52)

[...] a reforma curricular dos cursos superiores brasileiros foi iniciada em 1997. Com o objetivo de elaborar as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação brasileiros, o SESu/MEC solicitou que as IES enviassem suas propostas. Para a área da Ciência da Informação, na qual se incluem os cursos de Biblioteconomia, o Sesu/MEC criou uma comissão de especialistas da área. Esta comissão consultou os professores dos cursos de Biblioteconomia do País e a ABEBD. Em 2000, esta comissão apresentou uma proposta de diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de Biblioteconomia³⁷.

Burin (2009) em sua dissertação de mestrado, analisa a proposta de perfil dos profissionais bibliotecários a partir dos projetos pedagógicos dos cursos de biblioteconomia da região sul do Brasil e de programas que buscam a harmonização curricular com os países que compõem o Mercado Comum do Sul (Mercosul), à luz da LDB. Em sua análise comparativa dos programas analisados, ao todo cinco (5) Universidades que ministram o curso de Biblioteconomia, afirma que todos seguem as Diretrizes Curriculares. No entanto, os quadros comparativos indicam que a grande maioria concentra a formação do perfil bibliotecário para competências Técnico-científicas e Gerenciais. Esse enfoque e direcionamento dos cursos de biblioteconomia para a competência técnico-científica e gerenciais também foi observado quando realizamos o estado da arte.

No breve levantamento realizado na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) do Instituto Brasileiro de Informação Ciência e Tecnologia (IBICT) utilizando como termo de pesquisa 'perfil do

37 As diretrizes Curriculares Nacionais específicas para o ensino de biblioteconomia foram estabelecidas em 2001 por meio do parecer CNE/CES 429/2001 do Conselho Nacional de educação/Câmara Superior de Educação.

bibliotecário' foram recuperadas vinte e duas (22) teses ou dissertações em cursos *stricto sensu*. Desses vinte e dois (22) trabalhos de pesquisa apenas três (3), ou seja, (12%) não fazem referência à utilização dos conhecimentos bibliotecários voltados para os sistemas de informação nas universidades. Mesmo os três (3) que não citam os sistemas de informação em bibliotecas universitárias referem-se ao perfil do bibliotecário como aquele que possui as competências para o domínio técnico da biblioteconomia (catalogar, indexar, classificar), racionalidade no aproveitamento bibliográfico entre as diferentes áreas, elevado senso de organização espacial, *layout*, facilidade de relacionamento interpessoal, e uso intensivo de recursos tecnológicos. Ou seja, o desenvolvimento de *softwares* (programas de computador) gerenciadores de informações permite alocar e disseminar com agilidade pesquisas avançadas que movimentam grandes empreendimentos financeiros e intelectuais.

Porém, as primeiras informações colhidas não foram suficientes sendo necessários mais subsídios para verificar porque o perfil do bibliotecário sofreu tantas mudanças. Buscas na base de dados SCIELO utilizando a expressão “crise em bibliotecas” não trouxeram resultados. A busca pelo critério “problemas nas bibliotecas” foi sem sucesso. Chamando “bibliotecas” o sistema recuperou setenta e dois (72) artigos dos quais apenas um (1) possui elementos com aderência ao tema que se pretende discutir o artigo publicado na Argentina por Ivana Mihal (2012) se propõe ao estudo daqueles que fazem a gestão das políticas culturais e da leitura. Os demais artigos buscam descobrir e aperfeiçoar inovação tecnológica em seus afazeres, discutem programas de computadores que podem melhorar o uso pelos usuários frente às novas tecnologias além de outros temas ligados à ciência da informação sobre a disseminação seletiva de registros do conhecimento.

No banco de teses e dissertações da CAPES encontramos muitas pesquisas com o foco em estudos avançados sobre gestão e disseminação da informação. O que se pretendeu averiguar foram estudos sobre a influência das bibliotecas e dos profissionais bibliotecários no incentivo a despertar o interesse pela leitura, também foram considerados alguns estudos sobre o processo histórico que consideramos relevante para construirmos uma base sólida para nossos argumentos.

Em determinado momento procuramos mapear a situação no contexto mais imediato, isto é, no estado de SC. A partir desta inquietação verificamos os campos de atuação do curso em biblioteconomia nas bases de dados da UFSC e Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc): foram recuperadas cento e vinte e nove (129) trabalhos, dos quais cento e vinte e duas (122) dissertações de mestrado e sete (7) teses de doutorado.

Ao iniciar a seleção constatamos um expressivo número de estudos nas engenharias e, por meio desse breve rol, resolveu-se elaborar um quadro por área de conhecimento. Essa relação oferece a visão geral dos campos de atuação nos quais estão concentrados os estudos sobre bibliotecas.

FIGURA 4 – QUADRO QUE APRESENTAM ÁREAS DE CONCENTRAÇÃO EM PESQUISAS EM TORNO DE BIBLIOTECAS

Área de programas de pós-graduação	Número de teses ou dissertações	Número de teses e dissertações que encontram aderência ao objeto de pesquisa
Ciência da Informação	90	6
Ciência da Computação	17	
Engenharia de produção	12	
Administração	4	
Engenharia da Gestão e do Conhecimento	2	
Economia	2	
Direito	1	
Educação	1	1
TOTAL	129	7

Fonte: Elaborado pela autora

Observamos, entretanto, que a partir de 2010 alguns estudos estão direcionados para as bibliotecas comunitárias. É o caso das dissertações das pesquisadoras Madella (2010) e Silva (2011), sobre bibliotecas escolares, as dissertações de Sales (2004), Bessa (2011), Farias (2010), a dissertação de Fleck (2009) sobre contadores de histórias em bibliotecas escolares. Indicamos esses estudos porque tendo em vista o número de estudos direcionados para as engenharias, eles destoam da maioria. Interessante é também observar que essa mudança ocorre a partir de 2010, o que nos chamou a atenção. Será que teve início uma nova perspectiva sobre a atuação do profissional bibliotecário? Não as utilizaremos em nossa pesquisa, pois elas se referem a bibliotecas escolares e o nosso foco

são bibliotecas universitárias ou comunitárias que aplicam atividades artísticas para jovens e adultos. Porém, vale a pena observar seu direcionamento.

Há, também desde 1980 debates sobre a harmonização dos currículos dos profissionais bibliotecários no Mercosul. Confrontando as preocupações predominantes nestes países verificamos que enquanto no Brasil a tônica são os estudos em sistemas de informação, na Argentina, por exemplo, busca-se subsídios para a formação cidadã. O artigo de Mihal (2012) trata especificamente de bibliotecas comunitárias e faz apontamentos sobre o perfil de profissionais que devem estar engajados nesse tipo de bibliotecas. O trabalho apresenta elementos que justificam o desenvolvimento de outras atividades do profissional bibliotecário que não estejam somente associadas ao no seguimento de gestão de acervos; ela discute...

La legislación nacional existente en materia de bibliotecas populares, es la Ley N° 23.351 del año 1986” e en especial Las políticas de la Comisión Nacional de Bibliotecas Populares (Conabip) y del Programa “Bibliotecas para Amar” de la Diretoria de Gestão Políticas Culturais (DGPCul) se orientan hacia esa dirección y desarrollan cursos de formación/capacitación sobre promoción de libros y lecturas (MIHAL, 2012, p. 291).

Mihal relata que:

En Argentina, a partir del estallido de la “crisis del 2001”, las vinculaciones entre lectura y ciudadanía han tomado un renovado énfasis en las políticas de lectura, **jugando un papel clave los actores que las gestionan y apuntan a encontrar los intereses y deseos del público** (MIHAL, 2012, p. 291).

E salienta também a importância da mudança no perfil dos que exercem a função de mediadores entre o livro (as publicações) e a população:

Los intermediarios a la lectura involucran desde profesiones vinculadas con la animación y promoción cultural (técnicos en recreación,

narradores orales, titiriteros ³⁸, artistas) hasta aquellos relacionados con la docencia, bibliotecnología, la atención de la salud, entre otras. **Se instalan en la escena cultural de la promoción de la lectura, oponiéndose a la lectura asociada a valores como aprendizaje, escolaridad y competencias cognitivas.** Éstos son relativizados, cobrando predominancia otros, a saber: **lecturas por placer, por construcción de la propia identidad, por relación con otros** (MIHAL, p. 2012, 306).

Não é nossa intenção ‘julgar’ os caminhos percorridos pelos profissionais bibliotecários, não são novidade para muitas pessoas as transformações que ocorreram na sociedade advindas, em particular, do uso intensivo da tecnologia, em várias esferas do cotidiano das pessoas. Por essa razão, faz-se necessário, para profissionais, neste caso bibliotecários, a busca por inovações como modo de acompanhar a evolução tecnológica.

Também não podemos ser incisivos em determinar somente este fator como propulsor de mudanças, mas, sendo impossível abarcar todos os elementos que contribuem para mudanças na sociedade destacamos as tecnologias como caracterização para a mudança do perfil e dos currículos da área, pela indiscutível abrangência do seu impacto na biblioteconomia e em quase todas as dimensões da vida dos indivíduos e das instituições e organizações das sociedades nas últimas décadas.

Quando os profissionais bibliotecários destinam seu trabalho à área da educação e de uma maneira mais ampla à formação humana, é que se percebem o que poderíamos designar como lacunas na formação e, principalmente, na atuação dos bibliotecários. Ainda, se constata, dentro das instituições, certo desprestígio das bibliotecas, como assinala Camargo:

[...] autores que estudam a temática das bibliotecas, para evidenciar alguns problemas típicos da cultura escolar, amplamente analisados na literatura, mas de difícil solução, poderiam encontrar caminhos promissores para realizar uma formação cultural de qualidade, se a biblioteca ocupasse lugar central entre suas atividades (CAMARGO, 2012, p. 81).

38 *Titiriteros* são aqueles que trabalham com marionetes, bonecos.

Porém, é fácil verificar que biblioteca está muito longe de ser um lugar central nas escolas fundamentais, sendo que muitas delas ainda não têm um espaço específico, contando apenas com um armário ou cantinho destinado a obras bibliográficas, por iniciativa de cada professor. Inclusive, é depoimento corrente de professores de educação básica de que são designados para a biblioteca professores com dificuldades na escola, pois esse espaço é considerado pouco exigente em termos de trabalho, um espaço pouco dinâmico etc. Sinal de desprestígio da biblioteca para o qual se enviam docentes considerados pouco competentes ou frágeis.

Grande parte dos funcionários destinados a uma biblioteca escolar são casos de readaptação funcional, ora por doença, fase final de carreira (idade avançada), ou por desgaste pedagógico; a biblioteca é considerada um local que exige pouca energia, um lugar de repouso, trabalho no qual não é necessário fazer um planejamento didático ou pedagógico, onde o profissional pode esperar calmamente pela sua tão sonhada aposentadoria. (SILVA, 2003; MILANESI, 1986 apud CAMARGO, 2010, p. 81).

Camargo (2012) citando Silva (2003, p. 37) afirma que...

[...] no interior da escola, a biblioteca é potencialmente um dos espaços que mais pode contribuir para o despertar da criatividade e do espírito crítico no aluno, tendo em vista os diferentes tipos de documentos que podem constituir o seu acervo e os variados serviços e atividades que ela pode desenvolver (SILVA, 2003, p. 37).

Entretanto, as bibliotecas e a própria palavra biblioteca “[...] sequer foram mencionadas nas legislações educacionais brasileiras e nem mesmo na Constituição de 1988”, constatou Camargo (2012, p. 81). Fato chocante, uma vez que a escola e a educação lida com o conhecimento e saberes que a humanidade construiu ao longo da história da humanidade e nas diversas culturas.

Esse acúmulo cultural está materializado (e nos dias de hoje também digitalizado e apresentando-se em forma virtual) e

disponibilizado por acervos – sendo boa parte deles as bibliotecas. Como pensar a educação escolar sem bibliotecas? Como explicar que a própria Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) (1996) sequer mencione o termo biblioteca nas suas diretrizes para educação? Como entender que os profissionais bibliotecários não tenham reivindicado sua presença nestes documentos? Consideramos, então, que há um hiato e uma distância difícil de transpor entre o mundo da biblioteconomia e o mundo da educação escolar. Como se a formação das crianças e jovens pouco tivesse necessidade de bibliotecas e bibliotecários.

Já vimos que a contribuição das bibliotecas para educação escolar não tem praticamente nenhum reconhecimento nos documentos legais. Para além dos conhecimentos científicos, as bibliotecas reúnem, conservam e disponibilizam boa parte do acervo cultural e das tradições dos povos, sendo este um aspecto que nos interessa especialmente.

Por isso, com o intuito de verificar onde e como ocorreu no Brasil esse distanciamento e pouca comunicação examinaram-se as leis que dispõem sobre a profissão de Bibliotecários e regulam seu exercício: as leis 4.084/62; 7.504/74; 9.674/98 e 12.244/2010³⁹. Buscamos nesses documentos legais a ocorrência do termo arte, uma vez que arte e cultura na biblioteca são os elementos que perseguimos nesta pesquisa, como relevantes para que esse espaço se torne significativo para a formação humana. Nessas leis não foram encontrados elementos que justificassem práticas associadas à arte e cultura nas bibliotecas, como meio de proporcionar aos usuários, reais e potenciais, contribuição na sua formação. Em todos os documentos analisados o fazer bibliotecário está quase que restritamente a organização de acervos. Na lei 4.084/62 art.7º, alínea *e* prevê-se que haja planejamento de difusão cultural, assim descrito:

Art 7º Os Bacharéis em Biblioteconomia terão preferência, quanto à parte relacionada à sua especialidade nos serviços concernentes a:

e) planejamento de difusão cultural, **na parte que se refere a serviços de bibliotecas.**

Dalgiza Andrade Oliveira (2011, p. 259) relata o marco histórico e legal do desenvolvimento da profissão de bibliotecário no Brasil: expõe

39 Repositório das Leis citadas que regulamentam a profissão de bibliotecários: Disponível em: <<http://repositorio.cfb.org.br/handle/123456789/20>> . Acesso em 06 jun. 2014

como aconteceu a evolução da formação do currículo em biblioteconomia desde a criação do curso em 1911 no Rio de Janeiro. Em suas análises afirma que:

Desta forma é necessário aprofundar mais estudos a respeito do conjunto de atribuições, das funções e tarefas da prática profissional no ambiente de atuação do bibliotecário, com seriedade, com conhecimento do **pano de fundo** político, econômico, histórico e legal, que circundam o problema, para analisá-lo de forma imparcial com objetividade e clareza. (OLIVEIRA, 2011, p. 269, grifo da autora).

Não podemos afirmar se é positivo ou negativo, mas é uma prática do legislador brasileiro aprovar leis com textos subjetivos que proporcionam interpretações diversas; podemos verificar o caso específico da Constituição Federal (CF)⁴⁰ de 1988, as interpretações são tantas que já foram aprovadas oitenta e uma (81) emendas com a tentativa de que seus nove (9) títulos em duzentos e quarenta e cinco (245) artigos alcancem alguma efetividade para a sociedade por meio das leis complementares.

Encontramos também o artigo de Jussara Pereira Santos (1997) que faz reflexões sobre currículo e legislação na área da biblioteconomia e aponta elementos sobre o desenvolvimento da homologação da lei 8048/62, até a década de 1990. Com o advento da globalização, “as redes de informação revolucionaram os conceitos de tempo e lugar e colocaram nas mãos de muitos usuários finais aquilo que era do domínio exclusivo do profissional tradicional (SANTOS, 1997, p. 11). Com a globalização

40 Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/Emendas/Emc/quadro_emc.htm>. Acesso em: 16 jun. 2014; Constituição dos Estados Unidos da América – 1787. Disponível em: <<http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Documentos-antiores-%C3%A0-cria%C3%A7%C3%A3o-da-Sociedade-das-Na%C3%A7%C3%B5es-at%C3%A9-1919/constituicao-dos-estados-unidos-da-america-1787.html>> Acesso em: 16 jun. 2014. Constituição Francesa – 1958 Disponível em: <http://www.conseil-constitutionnel.fr/conseil-constitutionnel/root/bank_mm/portugais/constitution_portugais.pdf> Acesso em 16 jun. 2014.

surgiu a necessidade da criação das Nações Unidas e dos Blocos Econômicos: “[...] a globalização, em seu aspecto econômico, trouxe a integração, expansão e diversificação dos mercados” (SANTOS, 1997, p. 11). Santos (1997, p.10) faz o seguinte comentário sobre os blocos econômicos mundiais (ela mencionava UE, Apec, Nafta e Mercosul). O Brics não constava na sua lista; foi criado posteriormente, em 2001:

Na União Europeia as conversações sobre a mobilidade dos profissionais em todos os níveis de formação passaram a ser uma constante, assim houve algumas mobilizações profissionais no sentido de harmonização curricular⁴¹, também no Mercosul essa harmonização é empreendida como uma das maneiras de facilitar a mobilidade pelos diversos países (SANTOS, 1997, p.10).

Todavia, passaram-se mais de 20 anos e ainda não foram encontrados meios para que as leis que regem o profissional bibliotecário encontrem ajustamentos que possam congrega os currículos da área para um objetivo único. Em suas análises, Santos (1997, p.11) faz o seguinte questionamento sobre as leis que regem os profissionais bibliotecários:

Na verdade, para cumprir a Lei 4.084/62 não é preciso muito. **É possível que um curso pós-médio consiga capacitar pessoas para as funções previstas. Mas não é isto que os bibliotecários brasileiros desejam.** Será necessária uma mobilização nacional muito grande, muita discussão em torno do tema e muita ação e, principalmente, ação política para transformarmos o limão em limonada. Seremos capazes? Ou ficaremos naquela cômoda situação de buscarmos externamente a justificativa para nossos problemas: “É a Lei! Nada podemos fazer!” (SANTOS, 1997, p.11, grifo da autora).

41 O atual programa do Governo Federal, Ciência sem Fronteiras está inserido nesse movimento global de mobilidade profissional. Os estudantes estão sendo preparados para poderem ser aproveitados em outros países, entre outras metas do programa. Mobilidade é o termo-chave neste caso <<http://www.brasil.gov.br/educacao/2013/10/ciencia-sem-fronteiras-abre-inscricoes-para-bolsas>> . Acesso em: 16 jun. 2014.

Embora a profissão de bibliotecário tenha sido criada há mais de 100 anos no Brasil e regulamentada desde 1962 (SOUZA, 1997)⁴², muitas questões ainda precisam ser discutidas, principalmente levando-se em conta a transformação da própria sociedade. Cabe perguntar: afinal qual a finalidade prioritária para o profissional bibliotecário? A que fins e a quem deve seu trabalho servir? Qual a utopia desta profissão, seus princípios éticos?

Acompanharmos a transformação da sociedade poderia ser o ponto-chave para reformular a legislação do fazer dos bibliotecários. Por que estes estão concentrados em estudos na gestão da informação? Gestão essa, compreendida aqui, como administrar a “produção” intelectual de um país com a finalidade principal de aumentar como forma de competitividade do Brasil no mercado internacional. Será que existe a mão invisível⁴³ da força econômica regendo também o fazer bibliotecário?

E, as pessoas sem escolaridade, sem compreensão, com pouco acesso à cultura e escassas oportunidades continuarão à mercê dos mercados? Referimo-nos aquele enorme contingente de brasileiros que historicamente não teve a oportunidade de construir o gosto pela leitura, o amor aos livros, a consciência da importância da literatura, o sentir-se à vontade em um espaço destinado a esse tipo de ambiente, que não faz, portanto, parte de sua vida, como o faz uma loja ou um supermercado. Não deveriam ser estes os sujeitos meta do trabalho dos bibliotecários? Não teriam eles uma função nobre para mudar esse quadro brasileiro? Qual é a missão dos bibliotecários?

A maioria dos estudos e pesquisas realizadas por bibliotecários indicam a tendência em concentrar o fazer do bibliotecário sobre a gestão do conhecimento. Verificamos, também, no caso da pesquisa de Camargo (2012, p. 86) que:

As obras escritas por autores da biblioteconomia, de modo geral, se preocupam mais com o interior da biblioteca, com o acervo. E menos da relação da biblioteca com a comunidade externa ou com a circulação de pessoas, a inclusão da biblioteca nas mentalidades dos jovens e crianças, dos pais e professores, das lideranças, ou na biblioteca como

42 “Biblioteconomia no Brasil” e “O ensino da biblioteconomia no contexto brasileiro”: Os dois títulos do autor e bibliotecário Francisco das Chagas de Souza levantam o contexto e história da criação do curso de biblioteconomia no Brasil.

43 MONLEVADE, J. A.; SILVA, M. A. **Quem manda na educação no Brasil?** Brasília: Idea Editora. 2000.

um lugar relevante de uma comunidade
(CAMARGO, 2012, p.86)

No Brasil, as bibliotecas são caracterizadas pelas funções e serviços que oferecem à comunidade que atendem o vínculo institucional. Assim as bibliotecas são tipificadas em universitárias, públicas, escolares e especializadas. As bibliotecas universitárias têm por objetivo apoiar as atividades de ensino, pesquisa e extensão por meio de seu acervo e dos seus serviços. Atendem alunos, professores, pesquisadores e comunidade acadêmica em geral. São vinculadas a uma unidade de ensino superior, podendo ser uma instituição pública ou privada. As bibliotecas públicas têm por objetivo atender, por meio do seu acervo e de seus serviços, os diferentes interesses de leitura e informação da comunidade em que estão localizadas, colaborando para ampliar o acesso à informação, à leitura e ao livro, de forma gratuita. Nelas podemos encontrar as subdivisões (biblioteca comunitária, ponto de leitura). Estas categorizações e descrições fazem parte do regimento estatal. Encontramos também a Biblioteca Nacional ou Estadual que tem como objetivo o depósito legal⁴⁴, em cada estado existe uma biblioteca para essa finalidade.

As bibliotecas especializadas são voltadas a um campo específico do conhecimento. Seu acervo e serviços atendem às necessidades de informação e pesquisa de usuários interessados em uma ou mais áreas específicas do conhecimento. Já as bibliotecas escolares têm por objetivo atender os interesses de leitura e informação da sua comunidade, desenvolver as atividades em consonância com o projeto pedagógico da escola na qual está inserida. Atendem prioritariamente alunos, professores, funcionários da unidade de ensino, podendo também ampliar sua ação para atender os familiares de alunos e a comunidade moradora do entorno. Está localizada dentro de uma unidade de ensino pré-escolar, fundamental e/ou médio.

A definição dos tipos de biblioteca trouxe outro questionamento para a pesquisa em curso: como pode ser caracterizada a biblioteca de Institutos Federais de Santa Catarina (IFSC)? A pergunta é relevante para

44 Depósito Legal - O Depósito Legal é definido como a exigência, por força das Leis N. 10.994, de 14/12/2004 e 12.192, de 14/01/2010, de remessa à Biblioteca Nacional de um exemplar de todas as publicações produzidas em território nacional, por qualquer meio ou processo, objetivando assegurar a coleta, a guarda e a difusão da produção intelectual brasileira, visando à preservação e formação da Coleção Memória Nacional. Estão incluídas obras de natureza bibliográfica e musical.

nosso caso, pois trabalhamos na biblioteca de um IFSC⁴⁵, instituição pública com um caráter diferenciado que a partir de 2008 vem sofrendo mudanças significativas em sua estrutura e missão, tornando-se uma novidade em nosso país.

Poderíamos enquadrar a biblioteca do IFSC-Lages na categoria escolar, tendo em vista a definição dessas bibliotecas como aquelas que possuem como objetivos atender alunos, professores, funcionários da unidade de ensino que está localizada dentro de uma unidade de ensino pré-escolar, fundamental e/ou médio. Os IFSC's oferecem ensino médio, entre outras formações. Contudo, muitos institutos possuem cursos de graduação tecnológica; nesse caso, seriam bibliotecas universitárias. Contudo, além do ensino médio e a graduação nos IFSC's existem os cursos específicos para a comunidade denominados cursos FIC's que não exigem formação específica e têm a duração de um período entre 4 a 6 meses.

Os cursos FIC's são parte do PROEJA. Como o IFSC promove o atendimento à comunidade, neste caso, as bibliotecas poderiam se encaixar na definição de bibliotecas comunitárias ou bibliotecas universitárias com acervo público. Como podemos apreciar, o enquadramento das bibliotecas dos IFSC's pode ser feito em diversas categorias; o que deixa bastante liberdade de ação.

Estas questões têm sido tema de discussão dos profissionais bibliotecários da rede do Sistema Integrado de Biblioteca (SiBI)-IFSC a partir de 2013. A característica marcante que distingue a nossa biblioteca é a inclusão de atividades artísticas e culturais no arcabouço que compõem as práticas biblioteconômicas, desde 2012.

As atividades artísticas que são desenvolvidas trazem elementos da arte com função social, para que possamos empregar a **ação ou a animação cultural** (conceitos que são tratados no capítulo 3.2). Paulo Freire (1989, p. 21) conceituou ação cultural como “ferramenta que pode ser utilizada para a liberdade e para a quebra do silêncio, dando às pessoas a palavra-poder”. E Victor Flusser, inspirador de diversos bibliotecários, afirmou que:

45 O IFSC foi criado em Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008. Decreto nº 7.022, de 2009) que Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. No capítulo Novidade em Urupema! Nasce o IFSC: formação, mestres, doutores, biblioteca disponíveis para todos! Dissertação de Oliveira (2013) pode-se conhecer em detalhe a história desta instituição e seu contexto.

[...] ação cultural na biblioteca é a transmissão de cultura com uma injeção política, para que o usuário receba a informação de maneira ativa, tendo a possibilidade de modificá-la [...] é caracterizada pela constante superposição das relações inter-humanas e objetivas, sendo preciso a intervenção do agente cultural para estar sempre diante do problema, sintetizando, assim, os dois termos da equação cultural: acervo e contexto cultural (FLUSSER, 1983, p. 146).

É nesse sentido que aprofundamos, no terceiro capítulo, os caminhos da arte na história brasileira do século XX chegando nos conceitos ação e animação cultural, a fim de criar um contexto sólido para embasar a nossa opção de dinamização da biblioteca do IFSC.

3 ARTE E POLÍTICA: INCLUSÃO E TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

3.1 Lutas e iniciativas das vanguardas brasileiras por um Brasil para todos

Neste item exploramos as incursões das vanguardas brasileiras do século XX, na busca de alternativas para combater o elitismo brasileiro e a tendência ao mimetismo, como vimos no capítulo primeiro (1.2.2). O intuito dessas iniciativas foi o de processar a democratização do país. Como veremos, os episódios não alcançaram suas metas, mas permaneceram latentes durante décadas e foram retomados em alguns momentos históricos, como veremos também no tópico 3.2, quando se começa a trabalhar no Brasil com os conceitos de animação cultural na educação.

Iniciamos o item recuperando uma dimensão ampla da arte, vista como uma necessidade vital do ser humano. Nossos questionamentos surgem quando percebemos que a arte nas instituições de ensino é pouco considerada como elemento integrador da produção de conhecimento, desempenhando um papel limitado, associado ao prazer e à distração. Não é difícil identificar que em muitas instituições de ensino, busca-se o aprendizado imediato, ou seja, aquele ensino que tem como objetivo pragmático de capacitação, por exemplo: alocar o educando o mais rapidamente no mercado de trabalho. A arte, neste caso, figura como um elemento que requer tempo, reflexão, paixão, sonho, e até mesmo certo ócio criativo. A arte requer tempo maior de absorção, não tendo compromisso imediato, prático, esse talvez seja um indicio onde se verifica que a contribuição da arte para a educação tenha sido relegada a um plano inferior nos currículos escolares.

Vários são os motivos do afastamento dos homens com as artes, sendo quase impossível encontrar respostas definitivas para nossa indagação, tendo em vista que muitos foram os elementos transformadores da sociedade que envolveram criações e manifestações artísticas. Deste modo, buscamos, neste tópico, levantar alguns aspectos históricos que talvez tenham levado a esse afastamento. Partimos do ser primitivo que utilizava a arte como ferramenta capaz de manter a sua sobrevivência, neste primeiro momento dialogamos com o Fischer (1987) que nos faz refletir que a arte pode levar o homem de um estado de fragmentação a um estado de ser íntegro total. A arte capacita o homem para compreender a realidade e o ajuda não só a suportá-la, como a

transformá-la, aumentando-lhe a determinação em torná-la mais humana e mais hospitaleira para a humanidade.

O emprego da palavra *arte* neste contexto de bibliotecas está impregnada de conceitos e elementos da cultura. É, impraticável reduzir a cultura a um único conceito, pois se configura como uma teia de significados produzidos pelos seres humanos instalados sobre um território, com as particularidades compartilhadas e construídas ao longo das suas histórias e, ao mesmo tempo preservando e desenvolvendo suas tradições. As manifestações e construções de arte, neste caso, podem ser consideradas como um dos fios dessa complexa teia. Esta concepção se inspira no ideário do antropólogo Geertz:

O homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, [...] assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise, portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como ciência interpretativa, à procura do significado (GEERTZ, 1978, p. 15).

Outro elemento que consideramos importante sobre a arte é a capacidade que liberta os homens de uma condição passiva; ela ajuda a compreender como agem os dominadores sobre os dominados. Ernst Fischer (1987), no livro “A necessidade da arte”, explica que, ao longo dos séculos, sempre houve a luta dos homens pelo poder, o domínio do homem sobre o homem. Assim, na visão de Fischer, para que possa haver esse domínio é preciso que se desfaça a união entre as pessoas, e uma forma de romper é fazer o rompimento da sua ligação com a arte, porque é por meio dela que as pessoas se congregam, interagem e compartilham ideias. Pela história da humanidade podemos perceber que esse rompimento aconteceu em vários momentos ao longo dos séculos; eles são componentes da própria construção do ser humano no contexto de suas diversas transformações. Não se pode dizer que são positivas, ou negativas, mas, trata-se de processos de adaptação da vida em sociedade. Refere Fischer que “toda arte é condicionada pelo seu tempo e representa a humanidade em consonância com as ideias e aspirações, as necessidades e as esperanças de uma situação histórica particular” (FISCHER, 1987, p. 17).

Os pensamentos desse autor levam a refletir e indagar sobre a escassa participação da arte em muitas instituições brasileiras de ensino. Muitos teóricos da educação apontam que ela só se faz verdadeira quando proporciona aos indivíduos liberdade. Liberdade que é condição primeira

de criação, de não sujeição a determinismos, liberdade para **empreender** novos caminhos. A arte pode ser considerada como esse elemento que favorece e promove a liberdade na educação pois é dela que surgem princípios para uma revolução de novos pensamentos.

A revolução de novos pensamentos por meio da arte é o nosso objetivo neste tópico. Ou seja, mostrar que a arte possui funções que vão muito além do prazer e da distração, como verificamos em Leon Trotski (1879-1940)⁴⁶. Ao escrever “Literatura e Revolução” (2007), durante os verões de 1922 e 1923, depois de um período de guerra civil intensa na Rússia, para sedimentar o poder dos socialistas, analisou a produção artística de sua época e o papel da arte na formação de uma nova sociedade. Para Trotski,

[...] a solução das questões elementares – alimentação, vestuário, habitação e educação básica – de forma alguma significaria a vitória total do novo princípio histórico, isto é, do socialismo. Só o progresso do pensamento científico em escala nacional e o desenvolvimento de uma nova arte mostrariam que a semente histórica não só germinou, mas floresceu. Nesse sentido, o desenvolvimento da arte é a maior prova da vitalidade e importância de cada época (TROTSKI, 2007, p. 9).

Vemos que para Trotski o desenvolvimento da arte é a maior prova de vitalidade de cada época. Buscamos adentrar nessa força de vitalidade proporcionada pela arte e fomos conduzidos ao ser primitivo e sua ligação com a mesma, por meio de Fischer (1987, p. 21) que afirma: “a arte é quase tão antiga quanto o homem”. Este autor sustenta que o nascimento da arte se deu principalmente em dois momentos: primeiro pela criação de ferramentas que aumentaram a eficácia das ações de caça e, segundo,

46 Lev Davidovitch Bronstein filiou-se cedo a organizações revolucionárias marxistas. Em 1900 foi deportado para a Sibéria de onde conseguiu partir para a Inglaterra em 1902 usando o nome Leon Trotski. Depois de Lênin, foi o mais importante colaborador para o desenvolvimento do marxismo revolucionário do século XX. Profundamente engajado nas históricas transformações sociais de sua época, depois da morte de Lênin, em janeiro de 1924 encontrou a hostilidade de Stálin que, em dezembro de 1927, conseguiu expulsá-lo do Partido Comunista. Asilou-se então com sua mulher Natacha Sedova, no México, continuando a combater o stalinismo e preconizando a ‘revolução permanente’ junto a amiga política e revolucionária Frida Kahlo.

pela linguagem. Fischer, inspirado em Herder (1987, p. 31) afirma: “o homem entrou no mundo: que oceano imediatamente rugiu em torno dele! Com que extraordinário esforço aprendeu a diferenciar, a distinguir, a reconhecer seus vários sentidos! Confiando unicamente nos sentidos que tinha reconhecido!”. Trata-se aí da dimensão mágica associada à arte e à capacidade criadora do homem que ressalta Herder. Nessas manifestações primitivas da arte o homem descobriu o poder da semelhança, da repetição, quando usando o disfarce de um animal, para aumentar a eficácia da caça, quando assinalou um instrumento ou uma arma com uma marca ou um ornamento. “Todos esses foram os pioneiros, os pais da arte”, considera Fischer (1987, p.42).

Por seu trabalho, o homem transforma o mundo **como um mágico: um pedaço de madeira, um osso, uma pederneira**⁴⁷, são trabalhadores de maneira a assemelharem-se a um modelo e, com isso, são transformados naquele modelo. **Objetos materiais são transformados em signos, em nomes, em conceitos. O próprio homem é transformado de animal em homem.** (HERDER apud FISCHER, 1987, p. 42).

Deslumbrado pela imensa importância da semelhança e da imitação, o ser humano deduziu que, desde que todas as coisas semelhantes eram idênticas, o poder sobre a natureza que lhe podia ser proporcionado, tornar semelhante poderia ser ilimitado. **Fascinado pela força da deliberação, da vontade, do propósito capaz de antecipar coisas, de fazer com que coisas existentes como as ideias na mente viessem a ter existência material, ele foi levado a acreditar numa força avassaladora, sem limites, que existiria nos atos de manifestação da vontade.** A mágica do fazer instrumentos levou-o, inevitavelmente, à tentativa de estender a magia ao infinito.

Contemporaneamente arte e ciência parecem ter rumado por caminhos divergentes, esquecendo-se a sua íntima ligação no passado que,

47 A pederneira é um sílex pirômaco, capaz de produzir faíscas quando percutido ou atritado por peças de metal, em especial o ferro. Muito utilizado em peças antigas de artilharia, espingardas, isqueiros etc., gera faíscas, tornando fácil se fazer fogo em qualquer clima, em qualquer altitude, até mesmo sob tempestades e neve. É possível se fazer uma fogueira em qualquer lugar usando apenas uma pederneira e um pouco de vegetação seca, pois ela funciona até mesmo estando molhada.

na atualidade, permanece, porém, latente, encoberta, pouco considerada na tensão ou polaridade que paira em nossas instituições e cotidianos entre ambas: ciência e arte.

Neste sentido, as artes como técnica de sobrevivência tornam-se elementares na vida das pessoas e oferecem condições de superação: primeiro como modo de vencer as forças da natureza e, segundo, como elemento capaz de manter uma coletividade coesa. O homem procura, por meio de sua magia manter a comunidade unida, forte e segura: “a arte não era uma produção individual e sim coletiva” (FISCHER, 1897, p. 47). Acredita-se que o primeiro rompimento dessa coletividade se deu a partir da transição para as normas patriarcais. Com o estabelecimento da propriedade privada, do início da divisão da sociedade em classes sociais e da criação do Estado, a “arte é recrutada - a poderosa voz da coletividade - a serviço de seus propósitos particulares” (TROTSKI, 2007, p. 10). Já no contexto do capitalismo.

Na sociedade recém-dividida em classes, o papel do feiticeiro era repartido entre o do **artista e o do sacerdote, aos quais se acrescentaram depois o médico, o cientista e o filósofo**. O íntimo vínculo entre a arte e o culto só gradualmente veio a ser rompido. Mas, mesmo depois desse rompimento, o artista continuou a ser o representante e porta-voz da sociedade (FISCHER, 1987, p. 51).

As vanguardas europeias do mundo das artes e literatura encontraram inúmeras maneiras de reagir e questionar o *establishment*⁴⁸. Conta Fischer (1987), que Coubert,⁴⁹ por exemplo, ao tomar parte na Comuna de Paris chegou a rejeitar a *Cruz da Legião de Honra* que lhe fora oferecida pelo Ministro das Belas-Artes, escrevendo:

Em tempo algum, em caso algum, eu a teria aceitado. Muito menos a teria podido aceitar hoje, quando a perfídia se multiplica de toda parte e a

48 *Stablishment*: Conjunto de pessoas, instituições e entidades influentes na sociedade num campo determinado, que procuram manter e controlar o ordenamento estabelecido.: Disponível em: <http://www.oxforddictionaries.com/definition/spanish/establishment>>. Acesso em 16 jul. 2014.

49 Gustave Courbet (1819-1877): pintor francês que sobretudo retratou a vida camponesa de sua região; ergueu a bandeira do realismo contra a pintura literária ou de imaginação.

consciência humana não pode deixar de se achar perturbada ante tanta insídia e deslealdade... Minha consciência de artista não podia deixar de repelir o galardão com que a mão do governo procura me aprisionar. **O Estado não é competente em matéria artística** (COUBERT [s.d] *apud* FISCHER, 1987, p. 85).

As artes reivindicam para si a liberdade de expressão, o artista antes de tudo, deve ser um contraventor, ou seja, a arte e o artista, para serem verdadeiros, devem estar livres da objetividade, devem ser mágicos encantadores, devem expressar o sentimento, e se o sentimento se dá pela percepção de uma multidão atormentada, então ele/ela deve expressar esse sentimento mesmo que isso seja feito de forma não convencional.

Segundo Monteiro (2011, p. 51) “numa sociedade em decadência, a arte, para ser verdadeira precisa refletir também a decadência”. Mas, a menos que ela queira ser infiel à sua **função social tradicional, a arte precisa mostrar o mundo como passível de ser mudado. E ajudar a mudá-lo**. Neste sentido, as transformações da sociedade, tão frequentemente almejadas e tidas como meta, planejamento no trabalho humano, nos diferentes segmentos da sociedade, **requerem a força revolucionária de que são portadoras as artes**.

No contexto do capitalismo, a arte foi progressivamente considerada como algo suspeito, frívolo e opaco. Afinal, a arte ‘não dava lucro’, num primeiro momento. “O capitalismo não é, em sua essência, uma força social propícia à arte, disposta a promover a arte. [...] precisa dela como embelezamento de sua vida privada ou apenas como um bom investimento” (FISCHER, 1987, p. 61).

Fischer (1987) narra como surgiram na Europa, os movimentos de protesto como o Romantismo, o naturalismo, simbolismo, misticismo, niilismo, o impressionismo, essa revolta contra a inflada pomposidade⁵⁰ da arte oficial acadêmica. Artistas como Degas, Sisley, Pissarro, Cézane,

50 A arte acadêmica foi um dos produtos mais repelidos do mundo burguês. [...] compunha-se de mentiras, de frases ocas e de uma hipócrita invocação das tradições clássicas. Com clichês, que tem sempre ‘o belo’ e o ‘sublime’ nos lábios de suas criações [...] o academicismo não se encontra apenas na arte, mas em toda parte: no político reacionário que blasona sobre ‘liberdade, igualdade e fraternidade’. “[...] comporta-se como se tudo estivesse em perfeita ordem e esforçar-se por repeti-lo, com todo tipo de floreios polidos” (FISCHER, 1987, p. 84, grifos do autor).

Monet, Renoir, Rousseau, Gauguin, Matisse, entre outros, não gozavam de reconhecimento oficial da academia.

Na medida em que a produção material ia sendo oficialmente consagrada como a quintessência daquilo que valia a pena, na medida em que uma crosta de respeitabilidade recobria o cerne imundo dos negócios, **os artistas e os escritores procuravam com maior vigor e mais intensamente revelar o coração humano, arremessando a dinamite das paixões aparentes contra o disciplinado mundo burguês** (FISCHER, 1987, p. 66).

Nesse movimento contra hegemônico, surgem telas nas quais figuram camponeses e trabalhadores, campos de plantações. Em diversos países **a arte é considerada sinônimo de revolução, numa luta para conquista de liberdade**. No Brasil opera-se o Movimento Modernista (1922). As primeiras ações desse movimento trouxeram uma nova abordagem sobre a estética, **mostrando a importância das camadas populares para a construção do país**.

Tomemos como exemplo a obra de Tarsila do Amaral (1886-1973), a tela *Obaporu*, na qual a artista propõe um homem com formas físicas desproporcionais, sugerindo que a construção do ser tem base nos braços e pés dos trabalhadores, reflexos que podem ser percebidos em outras telas como *Antropofagia*, *Operários*, *A Negra*, *O Lago*, *Morro da Favela* e *O Pescador*.

No período de 1922 a 1926 Artur Bernardes (1875-1955), então presidente do Brasil, incentiva o movimento *Nacionalismo Populista*, seguindo ou copiando, talvez, a ideologia do Movimento Modernista. Ou seja, Artur Bernardes usa as artes para esconder o movimento revolucionário socialista que se inicia no Brasil. Assim, são usados artifícios para que os brasileiros se reconheçam conformados, passivos, pacíficos e felizes com a sua condição de quase miséria, como por exemplo, a figura do Jeca Tatu e o sucesso dos filmes do Mazzaropi (1912-1981).

Isto é, para o movimento *Nacionalismo Populista* significava ficar aprisionado no interior das formulações produzidas pela própria ideologia

nacionalista, sem perceber, por um lado, os limites precisos dos movimentos que ela expressava. Inicia-se a fase das chanchadas⁵¹ onde:

As representações simbólicas do popular se adequaram (e, em parte, foram produto delas) às manipulações ideológicas, por parte das elites brasileiras, na construção de um **tipo popular ideal: conformado, mas com vontade de subir na vida, malandro, mas, no fundo, ordeiro, crítico, porém nunca subversivo** (NAPOLITANO, 2008, p. 17).

Era preciso moldar o sujeito brasileiro para que o mesmo não se revoltasse contra o sistema porque os movimentos revolucionários socialistas eclodiam mundo afora. Na mesma época do Movimento Modernista é fundado o Partido Comunista (25 de março de 1922), e o movimento operário se fortalece porque possui o apoio da também crescente insatisfação militar com o governo de Arthur Bernardes resultando na “Revolta Paulista” de 1924, que levou Bernardes a bombardear a cidade de São Paulo. Essa e outras revoltas como a “Coluna Prestes” levaram Bernardes a decretar o estado de sítio, que perdurou durante quase todo seu governo.

Vencidos, os revoltosos marcharam, então, rumo ao sul do Brasil, onde, na cidade de Foz do Iguaçu (Paraná), uniram-se aos oficiais gaúchos comandados por Luís Carlos Prestes, no que veio a ser o maior feito guerrilheiro no Brasil até então (VIANNA, 2014, p. 8)

O movimento liderado por Carlos Prestes projeta a figura do mesmo, que posteriormente entra no Partido Comunista Brasileiro (PCB). Prestes foi chamado por esta marcha de “cavaleiro da esperança” na luta contra os poderes dominantes da burocracia e dos setores elitistas. Em 1931 parte, para Moscou “[...] **viajo para a Rússia, ali poderei aprender o marxismo leninismo, o instrumento teórico em que se apoiou o proletariado revolucionário para tomar o poder em 1917**”. (PRESTES, [s.d], apud VIANNA, 2014, p. 5).

Antes do fim da segunda guerra mundial, entre 1942 a 1950, o Brasil figurava entre os aliados (Estado Unidos, Inglaterra, França, Itália e Rússia) que derrubaram Hitler. Entre 1947 e 1953, o Partido Comunista

51 Chanchada em arte é considerada o espetáculo ou filme em que predomina um humor ingênuo, burlesco, de caráter popular. Peça ou filme sem valor, em que predominam os recursos cediços, as graças vulgares ou a pornografia. Qualquer espetáculo de pouco ou nenhum valor (FERREIRA, 1987, p.389).

Brasileiro (PCB) aproximou-se do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) de Getúlio Vargas, utilizando-se desta legenda para eleger alguns parlamentares. **“De fato, o PCB teve influência marcante nos meios artísticos e intelectuais, sobretudo entre literatos, músicos, jornalistas e nos meios sindicais”** (NAPOLITANO, 2008, p. 24). Nessa inserção, **adotou uma doutrina estética e uma política cultural oficial que ficou conhecida como realismo socialista**. Os princípios fundamentais dessa doutrina eram os seguintes, como mostra Napolitano:

A arte deveria ser feita a partir de uma linguagem simples e direta, quase naturalista; **o conteúdo deveria ser portador de alguma mensagem exortativa e modelar para as lutas populares**; os heróis e protagonistas ‘do bem’ deveriam ser **figuras simples, positivas e otimistas, dispostas à luta e ao sacrifício em nome do coletivo**; os valores nacionais e populares, folclóricos, **deveriam ser fundidos com ideais humanistas e cosmopolitas, herdados da arte ocidental do século XVIII e XIX** (NAPOLITANO, 2008, p. 24).

Talvez, hoje, possamos refletir sobre este manifesto considerando-o um tanto eurocentrista, mas **para a época era uma forma de buscar a liberdade na luta contra os poderes dominantes da burocracia e dos setores elitistas**.

Em 1950 uma cultura de esquerda, engajada, que aglutinou literatos, dramaturgos, cineastas, com o apoio direto do Partido Comunista Brasileiro, **conseguiu instigar muitos intelectuais, entre eles podemos destacar Graciliano Ramos que, em 1951, é eleito presidente da Associação Brasileira de Escritores (ABDE), e realiza uma viagem à União Soviética em 1952 com uma delegação de 18 brasileiros “mais ou menos anônimos”** (escritores, estudantes, operários). Entre eles estão: “Jorge Amado, Chermont, Rui⁵², Costa Neto, Arnaldo Estrêla – pianista do Rio Grande do Sul, alguns operários, entre eles Augusto, meu hospede no Rio” (RAMOS, 1984, p.20). **Buscam eles, conhecer a estrutura artística e cultural daquele país, apoiada pela entidade denominada “Relações Culturais da URSS com os Países Estrangeiros” também conhecida pela sigla (VOKS)**.

52 No livro não há esclarecimento preciso sobre qual personalidade brasileira é “Rui”. Também não há menção sobre outros nomes que fizeram parte da delegação. Procuraremos mais adiante.

Graciliano Ramos (1952, p.24) considerava a VOKS uma “entidade forte, polimorfa, visível ao mesmo tempo em diversos lugares”. Ao conhecerem **a estrutura cultural da URSS, perceberam como a VOKS oferecia condições para que a arte e a cultura estivessem nos mais variados locais daquela sociedade.** Graciliano, em seu diário de viagem, relata a **visita a comunidades agrícolas, hospitais, indústrias, escolas e, em todos esses espaços, vê uma grande movimentação artística e cultural. Em cada local visitado ele aponta a existência de salas de cinemas, bibliotecas, espetáculos, exposições**⁵³.

Nos excertos são retratados alguns elementos culturais daquele país que se revestem de interesse para nosso trabalho porque apontam elementos de uma sociedade que tinha acesso às mais variadas manifestações artísticas e culturais o acesso era para todas as camadas sociais, especialmente os trabalhadores e não apenas a elite – essa era a originalidade do projeto de nação da URSS que atraiu as comitivas de intelectuais brasileiros, que incluíam lideranças operárias nas expedições. A descoberta destes elementos da história brasileira no que concerne à arte, cultura e política, nos levou a alguns questionamentos importantes, principalmente sobre como promover o gosto e o desejo da população, excluída das oportunidades de apreciação da arte, de frequentar espetáculos, ir ao cinema, acompanhar seu cotidiano com livros, usufruir mais das bibliotecas e menos dos templos de consumo, os *shoppings centers*, que foram se tornando cada vez mais o principal ponto de integração e compartilhamento, entre as pessoas.

Questionamo-nos sobre o seguinte: se o Brasil não houvesse rompido com a URSS, será que teríamos outra realidade cultural no país? Tendo em vista, que o modelo que se apresentava a intelectuais e trabalhadores parece tão distante da forma que as manifestações artísticas se apresentam na atualidade? Será que os rumos tomados pelas escolas de biblioteconomia estariam voltados para o atendimento de grandes empreendimentos industriais e acadêmico-científicos, concentrando suas pesquisas nas tecnologias da informação? Ou será que o ‘modelo’ ou perfil profissional do bibliotecário, hoje pendendo para o ‘tecnocrata’, teria uma dimensão mais ‘social’?

Após o rompimento com a URSS, a cultura, teatro, dança, dramaturgia, música, cinema passaram a ter influência direta dos Estados

⁵³ No **APÊNDICE C** desta dissertação podem ser conferidos trechos deste relato de viagem, transcritos do livro “Viagem: Tcheco-Eslováquia - URSS” escrito em forma de diário em 1952 por Graciliano Ramos, e publicado como obra póstuma em 1984, com prefácio de Jorge Amado.

Unidos da América (EUA) que se caracteriza predominantemente por fomentar arte e cultura de massa, como mercadoria ou produto de consumo (a indústria cinematográfica de Hollywood, por exemplo).

Conjecturamos que, a partir desse ‘rompimento’ com a URSS, na década de 1950, houve um grande prejuízo cultural para nosso país. Porém, uma semente havia sido plantada por Luís Carlos Prestes, que se tornou uma figura emblemática para os jovens. A historiadora Marly Vianna (2014) conta que:

Prestes não era um homem expansivo e na vida política parecia sempre distante [...] enquanto tenente e capitão do exército tratou seus homens quase com carinho. Por onde serviu criou escolas, desde a alfabetização até a preparação para o concurso a Sargento, escolas em que lecionava sozinho ou preparava ‘professores’ para ajudar-lhe com a alfabetização. Cuidava da educação física, da instrução militar e da alimentação que compartilhava com os soldados” (VIANNA, 2014, p. 8).

Preso por dez anos (1936-1946) o Cavaleiro da Esperança, como ficou conhecido, era exemplo de luta, resistência e uma vontade insuperável de mudar a situação política do país. Esses valores, talvez, tenham sido o elo que instigou estudantes, intelectuais e artistas a associarem-se em torno da integração entre arte e política nas décadas posteriores.

João Goulart é eleito presidente em 1961. Ele contava com razoável apoio popular e forte apoio de intelectuais e artistas brasileiros. Assumiu as reformas de base como sua principal bandeira oferecendo total apoio ao **Centro Popular de Cultura (CPC) da União Nacional de Estudantes (UNE) que se dispunha a desenvolver uma nova consciência popular, considerada a base da libertação nacional.** A figura popular, principalmente dos trabalhadores, estava em evidência. No entanto, procurava-se, naquele momento, **desenvolver, por meio da arte, uma participação mais ativa na política e na construção de um país mais justo.** Encontramos nestas ideias e práticas da época um princípio de ação que tem orientado as atividades na biblioteca, numa escola em que justamente temos muitos estudantes que são de camadas populares ou não pertencem à elite. Muitos deles são os primeiros integrantes de suas famílias a terem a oportunidade de frequentar uma

escola pública de qualidade e também de, nela, na biblioteca, ter acesso e descobrir a possibilidade de usufruir de arte e cultura.

Observamos no Trecho do Manifesto do CPC da UNE em outubro de 1962, a participação de nomes como o do poeta Ferreira Gullar, o dramaturgo Oduvaldo Vianna Filho, e o jovem crítico de cinema e cineasta, Glauber Rocha. A arte naquele momento buscava a aproximação real junto aos trabalhadores e desejava-se imprimir-lhe um caráter social a movimentação cultural agora era denominada ‘nacionalista’. O manifesto⁵⁴ apontava que a arte:

Por um lado, ela tem antes o caráter sociológico de **levantamento das regras e dos modelos, dos símbolos e dos critérios de apreciação estética que se encontram em vigência na consciência popular**⁵⁵ [...]. Outra direção em que se desdobra a pesquisa formal do **artista revolucionário** consiste no trabalho constante de aferir os seus instrumentos a fim de com eles poder **penetrar cada vez mais fundo na receptividade das massas** ⁵⁶ . Certamente mais **rigorosas e implacáveis as regras que dirigem o processo de comunicação com as massas do que aquelas que facilitam o entendimento com as elites** ⁵⁷ (NAPOLITANO, 2008, p. 38).

Retomando os rumos da história brasileira neste contexto, é preciso dizer que a queda rápida e sem resistência do governo Jango passou a ser

54 O Manifesto pode ser acessado no link Disponível em: <<http://www.une.org.br/2011/09/historia-da-une/>> Acesso em: 23 jun. 2014.

55 A consciência popular está fortemente conectada aos valores, mitos, crenças e práticas locais, regionais, revelam estudos recentes sobre territorialidade (LOCKS, 2011) que não estavam presentes então, podem ser conectados com esta intenção da época de entender a consciência popular.

56 Este também foi um desafio para nosso trabalho na biblioteca do IFSC: encontrar formas de estimular a receptividade das massas – traduzindo aqui massas por estudantes sem acesso prévio a bens culturais ou oferta de arte e cultura.

57 Uma reflexão importante a ser desenvolvida e fundamentada é que nossas instituições educativas, universidades, escolas profissionais como o IFSC, sobretudo seus docentes, estão preparados para trabalhar com alunos da elite e não para trabalhar com estudantes vindos das camadas populares da população, que não tem hábito de leitura nem convivência com materiais bibliográficos, e via de regra não lhes encontram valor. Araldi (2010) estudou este problema desde os trabalhadores-estudantes.

um grande enigma político a ser decifrado: “o apoio popular caíra tão facilmente, diante de uma conspiração conservadora e nitidamente apoiada por interesses estrangeiros? Como um governo que está na ‘direção certa da história’, como acreditava a esquerda, podia ser deposto tão facilmente?” (NAPOLITANO, 2008, p. 48).

Começa, então, uma fase obscura da trajetória do povo brasileiro, a ditadura militar que durou vinte anos. O golpe militar em 1º de abril de 1964 “causou uma enorme perplexidade na esquerda e nos nacionalistas que, de maneira geral, acreditavam na necessidade histórica das reformas propostas pelo governo João Goulart” (2008, p. 39). O governo militar preocupou-se **com a imediata dissolução das organizações populares, perseguindo parlamentares, ativistas políticos, professores, estudantes e sindicalistas**. Mas, não se preocupou de imediato com os artistas e intelectuais.

A esquerda, forçada pela nova conjuntura, inverteu a “equação” político-cultural proposta pelo Manifesto do CPC [...] **A consciência social se transformava em prioridade na luta contra o regime**, na medida em que o fim da política econômica nacionalista e o autoritarismo político implantado **colocava em xeque as posições tradicionais de esquerda**. **A cultura passou a ser supervalorizada, até porque, bem ou mal, era um dos únicos espaços de atuação da esquerda politicamente derrotada** (NAPOLITANO, 2008, p. 49).

Quem figura no período que compreende as décadas de 1960 a 1980, como líder cultural é a União Nacional de Estudantes (UNE). “Eram jovens, quase sempre estudantes e artistas os que se articularam, a partir de 1961, em torno da UNE, e passaram a defender que a entidade tivesse uma política cultural mais atuante” (NAPOLITANO, 2008, p. 37).

Vários **campos da arte brasileira tornam-se engajados contra a ditadura, antes mesmo do famoso Ato Institucional (AI-5, de 1968) que proibia a livre expressão artística, cultural e jornalística**. Nessa fase acontecem os Festivais da Música Popular Brasileira (MPB). A conhecida canção “*Pra não dizer que não falei das flores*”, de autoria de Geraldo Vandré, mais conhecida por “*Caminhando*”, tornou-se um hino revolucionário contra a ditadura militar.

Na finalíssima do Festival Internacional da Canção (FIC), com o Maracanãzinho lotado com trinta mil pessoas que cantaram “Caminhando” em coro, uma multidão continuou cantando a música enquanto ia embora para a casa. Talvez nunca mais tenha havido, na sociedade brasileira, uma **síntese mais acabada entre arte, vida e política, como naquele momento. Antes de ser reflexo, a cultura era uma espécie de cimento que reforçava identidades e valores político-sociais que informavam aquela geração** (NAPOLITANO, 2008, p. 73).

Muitos trabalhos foram e são produzidos sobre a arte na época da ditadura. Resumimos, aqui, que a arte contribuiu com a formação diferenciada daquela geração, uma geração de jovens militantes que sofreram repressão, censura, tortura, deixando uma cicatriz profunda, que teve como consequência uma nova geração formada sob a égide do medo. Em vinte anos as artes se fizeram presentes de forma velada, escondida, nas entrelinhas. Porém, esse período foi, talvez, o mais criativo para todas as artes, da música ao cinema, da publicação de livros a poesias, tudo deveria estar nas entrelinhas. A música “*Apesar de Você*” de Chico Buarque de Holanda é um exemplo do comprometimento com as causas revolucionárias e a luta pela abertura democrática.

Na década de 1980 inicia-se o processo de abertura democrática. É o General Ernesto Geisel, mentor da ditadura, quem posteriormente iniciou o processo de abertura democrática, pronunciando uma das frases mais enigmáticas desse processo: “*a redemocratização do Brasil deve ser conduzida de modo lento e gradual*”.

Em 1988 é então promulgada a CF/88, apoiada pelas aspirações do povo para construir um país justo, livre e democrático. Sendo denominada por Ulisses Guimarães como a “Constituição Cidadã”, a CF/88 deveria conter muito das aspirações do povo, principalmente dos grupos ligados à arte, cultura e educação.

Mas o caminho continua lento e, em alguns momentos, parece que não está sendo gradual (elevando-se) por vezes, temos a impressão que o processo se encontra de forma declinar, ou seja, a impressão que temos é que a arte está desaparecendo da vida das pessoas e, nas instituições de ensino como demonstra Oliveira (2012), que estudou os movimentos dos professores de arte e artistas preocupados com a inclusão e contribuição da arte nas escolas, suas lutas e conquistas em termos de figurar na legislação.

Oliveira (2012) aponta que existem alguns descompassos entre o que consta nos documentos legais, a formação e o trabalho na área das artes. Ao analisar a CF/88 ela identifica que a arte é considerada de fundamental importância para o indivíduo, lado a lado com direitos fundamentais como a moradia, saúde, alimentação etc. Porém, nos documentos da Educação a mesma força não é formulada:

É como se entrasse em contradição [...] talvez seja pelo fato de que os documentos que se referem à educação não darem tanta ênfase ao lugar e papel da Arte, que o direito ao ensino da Arte aparece com pouca força, justificando a desvalorização que sofre dentro das unidades escolares (OLIVEIRA, 2012, p. 192).

O diálogo com esta pesquisadora serviu como suporte para o desenvolvimento do estimulante tema sobre a arte nas instituições de ensino, tendo em vista que a mesma fez um arrolamento em diversos documentos legais brasileiros, com a finalidade de levantar a problemática do ensino da arte como disciplina curricular obrigatória nos diversos níveis da educação básica, principalmente sobre os professores de arte nas escolas. A autora revela que a “visão estreita da contribuição da arte na educação, e principalmente no desenvolvimento dos alunos no processo ensino/aprendizagem, relegou-a a um plano secundário ou inferior na hierarquia da educação escolar” (OLIVEIRA, 2012, p. 192).

O intuito em tentar levantar alguns aspectos da arte no contexto brasileiro, e suas fortes ligações com movimentos mundiais com os desdobramentos do mundo comunista e os movimentos socialistas em determinado momento da história mundial, foi o de mostrar o quanto ela se fez presente em momentos cruciais da história da humanidade e da nossa história. Também, neste momento, não foi pretensão conceituá-la porque a aprisionávamos em meia dúzia de palavras que podem mudar de significado, assim como muda a sociedade.

Porém, o que nos instigou à reflexão foi que, no breve levantamento e estudos realizados, percebemos que a arte não pode ser competência do Estado, como afirmou Coubert (1987). Nem mesmo o sistema revolucionário da URSS com toda a disponibilidade cultural para o povo foi capaz de manter a União Social.

Graciliano Ramos comenta em seu diário que na viagem⁵⁸ os locais visitados eram sempre acompanhados por membros da entidade (Voks). Entretanto, uma noite ao sair sozinho percebeu um submundo, certa desconfiança do povo. O que leva a pensar que havia na época uma política de relações exteriores que visava exportar ideias e práticas socialistas, isto é, um modelo, e havia provavelmente espaços preparados para mostrar aos estrangeiros, evitando-se um contato direto não monitorado, onde se poderia perceber falhas que certamente existiam no sistema.

Fischer (1987), ao trazer o elemento ‘rompimento’ entre o homem e a arte refere que ele às vezes acontece pela dinâmica da sociedade. E, percebemos isso ao constatar que os militares da Coluna Prestes, em dado momento, lutavam para a libertação das pessoas, entre outras vias, por meio das artes e da cultura. E, depois, foram os militares os que aprisionaram, ou melhor, os que limitaram as manifestações artísticas e os próprios protagonistas.

Nas páginas precedentes vimos como grupos associados ao poder aos governos buscaram formas de fortalecer a dimensão cidadã por meio da arte. Entretanto, à medida que se tratava de grupos de poder e lideranças, sua difusão teve escasso alcance nas camadas populares. Daí a importância da ação cultural, que abordaremos no próximo item, que se processa desde as comunidades e não desde programas de governo ou de Estado pensados para o povo.

3.2 Ação Cultural: valorização das identidades populares para transformação social e fortalecimento da democracia

Este tópico traz um apanhado conceitual sobre “ação cultural” e “animação cultural”. Ao iniciar as pesquisas sobre a temática descobrimos que existem no Brasil duas correntes. Uma que conceitua o termo “ação cultural”, tendo José Teixeira Coelho Neto (1988) como mentor teórico, e outra que conceitua o termo “animação cultural”, destacando os autores Darcy Ribeiro, (1986) Victor Andrade De Melo (2006), Vera Vergara Esteves (2005). Embora alguns autores afirmem existir diferença conceitual entre essas expressões, percebemos que na verdade elas são similares em uma importante dimensão: quando a ação ou a animação são praticadas no campo das lutas pela afirmação da

58 Título do livro, na capa uma nuvem. Não sei se intuitivamente, mas nos ofereceu a reflexão que a arte deve estar além das amarras. Ela deve ser livre como uma nuvem e liberta de limites geográficos ver **APÊNDICE C**.

cidadania, como valorização do social e do fortalecimento da democracia, na qual a participação é obrigatória.

As discussões sobre animação cultural iniciaram na Europa, principalmente na França, onde “o animador cultural possui formação em curso de nível superior, universitário, chegando a um contingente de 200.000 profissionais” (ESTEVES, 2005 p. 172). Essa movimentação em torno da temática é bastante discutida sob a terminologia “animação sociocultural”. Na França não há diferença entre ação e animação, a ação é considerada um processo da animação cultural.

Esteves (2005) explica que na França o campo da animação está inserido na ciência prática e possui dois modelos básicos. “O primeiro considerado modelo de **animação consumista**, no qual a animação é reduzida a seu valor de uso; o modelo privilegia o agente, o programa, o instituído, a socialização, o consumo e a prática. O papel é passivo” (ESTEVES, 2005, p. 172, grifo nosso).

O segundo modelo, entretanto, é considerado “**animação abstrata**”, ou seja, esta ocupa o “lugar de criação, transformação de valores simbólicos, um vetor abstrato em torno de questões que afetam toda a sociedade. O modelo privilegia a ação, o projeto, o instituinte, a sociabilidade, o conflito, a práxis. O papel é ativo” (ESTEVES, 2005, p. 172, grifo nosso).

Já no Brasil o desenvolvimento conceitual de ação e animação cultural tomou caminhos diferentes. Paulo Freire pode ser considerado o precursor das discussões sobre “ação cultural” com a publicação do livro “Ação cultural para a libertação” (cuja primeira edição é de 1970). Esta obra trata da importância da ação cultural como um método para a alfabetização de adultos. Na época não existia uma divisão clara entre animação ou ação, o uso do termo ação cultural foi utilizado tão somente para relacionar o caráter ideológico que caracterizava **a animação como uma ação pedagógica** para o indivíduo tomar consciência da liberdade a ser conquistada.

As discussões sobre a consciência da liberdade faziam parte do contexto educacional entre as décadas de 1950 a 1970. Podemos considerar que esse período pode ser considerado o início para a conceituação do termo, numa corrente crítica marcada pelo pensamento de Paulo Freire (2011, p. 69). A “a ação cultural nasce do diálogo e este só é possível quando os sujeitos podem dizer a palavra – a comunicação do que pensam, sem coação, sem imposição, isto é, num clima de liberdade. Envolve ação e reflexão”.

No entanto, quem realmente iniciou a prática da animação cultural nas escolas públicas brasileiras na década de 1980 foi Darcy Ribeiro,

quando descobriu um movimento artístico francês que lhe chamou a atenção. Cavalcante (2008, p. 76) conta: “o Prof. Darcy Ribeiro costumava descobrir as pessoas que faziam manifestações culturais na comunidade em que estivessem inseridas e antropofagizando a experiência francesa, a vivência brasileira criou a animação cultural”. Vejamos mais detalhes:

Darcy Ribeiro (leia-se um conjunto de ideias e pessoas havia: Paulo Freire, Heitor dos Prazeres, Dorival Caymmi, Augusto Rodrigues, Mestre Vitalino, Thiago de Mello, dentre outros.), companheiro e admirador de Anísio Teixeira – o mestre da Nova Escola - no início de sua atuação como Secretário de Educação e Cultura do 1º Governo Brizola (1982-1986), preocupou-se em pôr em prática a educação como cultura. **Como tornar a escola menos distante da criança das camadas mais subalternas da sociedade? Como fundir saberes eruditos e populares? Como dotar a escola de sentido para a criança pobre? Mais do que se debruçar sobre livros, era preciso aventurar-se em garimpar a cultura (implícita) no povo** (CAVALCANTE, 2008, p. 76, grifo nosso).

O foco da animação não era mais alfabetizar adultos, como na época de Paulo Freire. O que se observa na proposição de Darcy Ribeiro é a tentativa de valorizar a cultura de modo geral: mostrar a diversidade cultural popular, sendo a principal razão da animação dotar a escola de sentido para as crianças por meio do que lhes é familiar. Inserir a animação cultural como uma forma de mostrar a grandeza cultural brasileira, independentemente do local onde estavam. Darcy Ribeiro (1986, p. 31) dizia que a animação poderia ser compreendida:

No aspecto filosófico, a *anima* no feminino e o *animus* de fazer. Na política, a metrópole se voltando para o interior. Daí a **animação cultural começou a ser entendida como elemento importante na formação de um povo. Uma maneira de estabelecer um compromisso com o Brasil. Uma forma de conhecer o Brasil através da valorização da cultura do seu povo, que quer ser incluído e não excluído, independentemente**

de sua origem (RIBEIRO, 1986, p. 31, grifo nosso).

A partir da experiência da animação cultural empreendida por Darcy Ribeiro começaram vários debates em busca de uma definição orientadora para os profissionais envolvidos em tal processo nas escolas. Pois não havia, na época, esclarecimento preciso, capaz de diferenciar o processo cultural, que tivesse como escopo a emancipação cultural dos sujeitos, sendo essa mobilização cultural muitas vezes confundida com momentos alienantes de lazer e uma função atribuída exclusivamente aos professores de artes. Foi Darcy Ribeiro quem primeiro tentou esclarecer que a animação cultural não é uma atividade específica para professores de artes (ainda que um professor de artes possa ter, alma de animador; porém também poderá não ter essa perspectiva ou pendor). “Animadores culturais seriam os transgressores da escola, seriam os atravessadores da escola, nada com o comprometimento com o ensino da arte, e sim com a ação cultural” (RIBEIRO, 1986, p. 42). Sobre os animadores culturais Darcy Ribeiro afirmava que:

Seriam pessoas comprometidas com o fazer cultural, inquietas e instigadoras. Egressos de grupos de teatro, de música, de poesia, de movimentos que se criam espontaneamente, de associações comunitárias, de preferência residentes na comunidade, engajados em movimentos comunitários. Ou seja, seriam os que [...] criariam caminhos antropológicos sem serem antropólogos, acima de tudo, observadores, provocadores, articuladores e desafiadores (RIBEIRO, 1986, p. 42).

Porém, a distinção entre “ação cultural” e “animação cultural” tornava-se cada vez mais complexa. Visando esclarecer essa diferença, Teixeira Coelho publicou o livro “O que é ação cultural?” (1988). Para distinguir os conceitos, o autor recorre ao ideário de Francis Jeanson⁵⁹. Para desenvolver o entendimento sobre a ação cultural, recupera a

59 Francis Jeanson, teórico francês (filósofo e jornalista), nascido em 07 de julho de 1922 e falecido em 01 de agosto de 2009. Em 1945 conheceu Albert Camus e Jean-Paul Sartre e este último confiou-lhe a administração da revista *Modern Times*. Autor de mais de vinte livros, inclusive um com o título *L'action culturelle dans la cité, Seuil* (1973).

seguinte formulação: “[...] um processo de ação cultural resume-se na criação ou organização das condições necessárias para que as pessoas inventem seus próprios fins e se tornem assim, sujeitos - sujeitos da cultura, não seus objetos” (TEIXEIRA COELHO, 1988, p. 14). O autor explica que a ação cultural é emancipatória e de conteúdo educativo, tendo também uma dimensão política, pois as ações são revestidas por um caráter transformador que visa a operar mudanças na realidade de uma comunidade.

A explicação de Teixeira Coelho (1988) para a ação cultural” é a de que nela o agente prepara as condições para o trabalho e fornece os recursos capazes de propiciar o desenrolar e o avanço da produção cultural, deixando que os membros dos grupos exerçam o papel de sujeitos no e do processo de criação. Logo, na ação cultural, o indivíduo é o criador, e tem autonomia para escolher com ampla liberdade os meios e as técnicas que preferir utilizar no ato criativo.

Quanto à animação cultural, para este autor, como dito antes, ela “não passa de uma atividade com finalidades de divertir o público e promover formas alienantes de lazer” (TEIXEIRA COELHO, 1988, p. 16). Nela o agente é o sujeito que cria, conduz e é o ator principal de todo o processo, tratando-se, pois, do oposto da ação cultural. Teixeira Coelho (2001) parte da teologia para explicar que a animação cultural...

É uma expressão inadequada, viciada, que revela desde logo sua ideologia: o agente cultural é, aqui, um animador, é dele que parte a ação – nessa terminologia teológica, é ele o criador. É ele o sujeito, o grande sujeito. Os outros são meros objetos nos quais, como na lenda clássica, ele sopra a alma, anima (TEIXEIRA COELHO, 2001, p. 14).

A partir dessa formulação conceitual poucos foram os que questionaram o conceito de ação cultural e, conseqüentemente, a denominação “agente cultural” passou a ser dirigida às pessoas envolvidas no processo da ação cultural. A corrente seguiu sendo adotada até mesmo na Carta Magna Brasileira, como se pode observar pelo emprego do termo “agente cultural” na Emenda Constitucional nº 71, de 29 de novembro de 2012. Essas definições fizeram com que muitos autores considerassem o debate sobre o tema acabado. Porém, Victor Andrade de Melo professor de história da Universidade Federal do Rio de Janeiro, publicou o livro “A Animação Cultural: conceitos e propostas” (2006), a qual retoma as discussões sobre o tema. Segundo este autor,

A animação cultural é uma temática bastante discutida na Europa (sob terminologia **animação sociocultural**) enquanto, no Brasil, apesar de muitos autores, equivocadamente, considerarem o tema acabado, ela ainda está dando os seus primeiros passos (MELO, 2006, p. 29, grifo do autor).

O autor considera que não discutir o tema acaba prejudicando os avanços teóricos no campo; essa preocupação já fora descrita por Cabral (1999, p. 39) no seguinte sentido: “a reflexão teórica sobre o tema é ainda incipiente no Brasil, carecendo de mais esforços de pesquisa para fazer avançar o desenvolvimento conceitual relativo à área”.

Melo mostrou, já em 2006, nos países europeus, o modelo de animação cultural é considerado como o lugar de criação e de transformação de valores simbólicos pois “instaura-se a partir do desejo de modificar a realidade social e da crença de que uma atuação dentro da perspectiva da própria animação cultural pode ser uma importante ferramenta para essa conquista, um meio para tal transformação” (MELO, 2006, p. 171). O autor explica que a discussão a respeito da Animação Cultural, assim como nos Estudos Culturais, tem como objetivo...

O estabelecimento de uma sociedade mais justa, igualitária e democrática, na qual os indivíduos pudessem viver livremente e de maneira digna, respeitando e mediando suas diferenças, reconhecendo e explorando suas possibilidades criativas, posicionando-se de maneira ativa e crítica perante a sociedade (MELO, 2006, p. 29).

Explica Melo (2006, p. 29), ainda que, neste contexto, a animação cultural passe a ter uma função educativa:

A animação cultural tem uma função educativa face a uma sociedade minada por privilégios e pela manipulação; tenta desenvolver o diálogo, a ação comunicativa e a solidariedade. É um método dialético de transformação social. **A animação cultural poderá participar da fundação de novos modos de pensamento, novas racionalizações, novas perspectivas de utopia e de contribuição para a renovação de princípios organizacionais das sociedades.** A ação da

animação existe como uma práxis, uma interação da reflexão e da prática (MELO, 2006, p. 30, grifo nosso).

Como vimos, o arcabouço teórico sobre animação cultural surge, em grande parte, nos países europeus, sendo desses países, também, as discussões sobre as competências do animador cultural. No Brasil, Esteves (2005) inscreve-se como uma das autoras que discutem esse tema. A autora, argumenta que o ator da animação cultural, denominado por ela como “gestor cultural”, está vivenciando uma fase na qual dispõe de mais de um modelo de intervenção na sua bagagem profissional, que lhe permite negociar o tempo e o espaço de cada uma de suas estratégias, o que supõe uma nova estruturação, uma recomposição do campo de atuação. Assim, a autora afirma que:

A ação desses gestores exige um trabalho dotado de um sistema de representações sobre seu valor social, seu saber sobre as relações sociais [...]. Sua concepção de trabalho, em uma prática profissional de intervenção com estratégias autônomas, levando em conta a realidade social, econômica e cultural, o papel do Estado e de outros atores comunitários, sem perder de vista o plano político, os ideais e os valores fundamentais da animação (ESTEVES, 2005, p. 73).

O eixo da função do animador cultural se fundamenta em uma proposta de Pedagogia Social que não se restringe a um campo único de intervenção (pode ser implementada no âmbito do lazer, da escola, dos sindicatos, da família, enfim, em qualquer espaço possível de educação) e não pode ser compreendida por somente uma área de conhecimento.

Nesta a lógica do gestor se coloca como prioritária à lógica do sistema para analisar o contexto social, através da autonomia do sujeito e de uma ação comunicativa nas comunidades, envolvendo um projeto que encontra, na animação cultural, o eixo condutor da transformação sociocultural (ESTEVES, 2005, p. 177).

Esteves (2005) argumenta que os atores da animação cultural são todos os membros da comunidade, quando visam à transformação,

quando participam da elaboração de regras de ação democrática, quando atuam, na comunidade, contra a exclusão, as interdições, as turbulências e as desordens que contribuem para minimizar o bem-estar da comunidade. Condição que exige do gestor ou animador cultural conhecer profundamente os sistemas de representação da comunidade para, a partir deles, fomentar a inovação na mesma, a fim de que as peculiaridades locais sejam ressaltadas e valorizadas, talvez até, além de fronteiras nacionais, tornando-se além de capital cultural, capital financeiro.

É através da competência inovadora da animação cultural que se dará o alargamento da consciência política, pelo conhecimento real das estruturas sociais e dos sistemas de qualificação e de atitudes que delas derivam, no sentido de começar a empreender as mudanças que se mostrarem necessárias. Nas grandes cidades, o gestor cultural precisa ser competente no sentido de incentivar, em toda equipe, o conhecimento das circunstâncias inerentes ao contexto sociocultural em que a comunidade está situada e as influências exercidas pelos processos desenvolvidos pelas agências encarregadas de difundirem os valores relativos à mundialização da cultura (ESTEVES, 2005, p. 179).

Essa passagem de Esteves leva a indagar como seria a animação cultural em cidades de médio ou pequeno porte? Valeriam as mesmas considerações? Sobre o lócus para a animação cultural, Esteves (2005) considera que pode ser qualquer local. A escola, por exemplo, é um local oportuno, já que presente em quase todas as comunidades.

O gestor cultural, desenvolve uma ação política com a comunidade escolar, em função dos objetivos do projeto pedagógico de sua escola; necessitando também ser um técnico em sua área de atuação para que, como animador consiga realizar, no âmbito das relações humanas, um processo de comunicação que possibilite a intervenção necessária de estímulo à afirmação da identidade cultural e consequente desenvolvimento do Eu social, por intermédio da ação comunicativa, através do diálogo, buscando, entre os sujeitos, formas recíprocas cada vez mais altas de reflexão,

que contribuam para o aperfeiçoamento da conscientização (ESTEVEES, 2005, p. 180).

Salienta a autora que para haver a efetivação da comunicação e socialização com a população-alvo, o animador poderá usar a função lúdica, pois este é um sistema que pressupõe competente domínio da linguagem, além de todos os outros sistemas de manifestação artística, visual e simbólica em uso na região.

Para que a função de socialização da animação cultural seja desenvolvida, o animador cultural precisa conhecer o contexto sociocultural de sua instituição, isto é, das bases histórico-geográficas, ecológicas, econômicas e demográficas, no sentido de tornarem conhecidas tanto suas problemáticas quanto para minimizá-las e utilizar seu potencial, através de práticas inovadoras, em benefício da comunidade (ESTEVEES, 2005, p. 180).

Ao identificar algumas competências necessárias ao animador cultural verificamos que elas podem ser adequadas aos profissionais bibliotecários pela sua concepção de trabalho. Essa possibilidade não passou despercebida a alguns bibliotecários a indicação foi proferida por Ana Maria de Rezende Cabral, bibliotecária, professora da Universidade Federal de Minas Gerais, em sua dissertação em 1989⁶⁰. Para a autora, esse poderia ser um rico campo de atuação para os profissionais bibliotecários, pois oferece inúmeras opções de atividades a serem desenvolvidas nas **bibliotecas públicas, escolares, comunitárias e centros culturais**. Porém, ela constata que ainda são poucos aqueles que valorizam este tipo de intervenção e apostam nela.

É escassa a literatura produzida na área e, um dos motivos é que nem sempre é uma prática usual em bibliotecas públicas e escolares brasileiras, contando com pequeno número de experiências registradas e publicadas em periódicos científicos (CABRAL, 1999, p. 39).

⁶⁰ Embora essa referência tenha vinte e seis anos a sua afirmação continua válida uma vez que encontramos somente três dissertações com o enfoque do papel de “animador cultural” e uma tese defendida em 2012.

O indicativo de atuação do profissional bibliotecário sugerido por Cabral (1999) não tem alcançado resultados expressivos em nosso país, como ela mesmo constata. Comprovamos esta realidade quando voltamos nosso olhar para a formação nos cursos de biblioteconomia no Brasil, que está muito afastada da ação e animação cultural da qual tratamos neste capítulo e praticamos na biblioteca do IFSC. Os dados recuperados nesta dissertação sobre a formação do bibliotecário mostraram este cenário no capítulo 2.2. Cabral (1999) sugere que uma proposta de ação cultural libertadora, pode muito bem empregar o espaço da biblioteca, e esta deve visar:

a) que os indivíduos não sejam apenas receptores, mas sujeitos da criação cultural; b) **a elaboração da cultura com o povo e não para o povo**; c) facilitar a utilização de instrumentos adequados ao desenvolvimento da capacidade criadora dos indivíduos; d) **a desalienação da cultura e a busca de uma identidade cultural; a democratização da cultura** (CABRAL, 1999, p.27, grifo nosso).

Para o profissional bibliotecário tornar-se animador cultural é necessário que compreenda que todo o arcabouço da ação ou da animação cultural possui por base conceitos de cultura. Nesse sentido, Paulo Freire (2011, p. 67) já afirmava que “o conceito de ação cultural está ligado a dois outros conceitos: cultura do silêncio e o conceito antropológico de cultura”.

Sobre o conceito antropológico de cultura, existe muita discussão. Dada a sua enorme complexidade pode ser concebido por prismas diversos e perspectivas de diferentes áreas; pode ser analisado a partir do comportamento (psicologia), da ideia e da abstração (filosofia), de bases biológicas (ciências da saúde), como também pode ser analisada pelas ciências sociais. Assim, a cultura pode ser “um sistema de significações”, noção abrangente estabelecida por Geertz (1978), quem explica que a cultura é uma teia de significados:

O homem é um animal amarrado a teias de significado que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado (GEERTZ, 1978, p. 15).

Compatível com essa visão de Geertz, Cabral (1999, p. 39) afirma que a “cultura é um processo dinâmico e ininterrupto construído no cotidiano da práxis social a partir da experiência concreta de vida dos sujeitos, sendo trabalho que se materializa na ação humana”. Em uma perspectiva mais filosófica, mas que converge com Geertz e Cabral.

Com base nas descrições de cultura acima podemos inferir que ela se produz pela ação humana; é sua consequência, que pode ou não resultar em algum produto. Pensemos em um exemplo: uma dança ritualística. Ela pode ser identificada como uma manifestação da cultura de determinada comunidade. **A compreensão da cultura não se dá somente observando a dança ritualística, mas analisando o processo que fez gerar tal manifestação.** A dança é um produto. Uma ação da animação cultural se dá quando um grupo cria alguma situação/manifestação. Essa criação pode ou não resultar em algum produto. O mais relevante é o envolvimento das pessoas no processo. Ou seja, é preciso entender que a animação cultural não é a busca de resultados, mas a forma como as pessoas se mobilizam, e que essa mobilização se relaciona com a forma como o animador irá articular o processo.

Assim, “o trabalho de animação cultural pode tomar como ponto de partida a realidade e as vivências individuais e coletivas dos sujeitos envolvidos no processo, buscando uma estreita ligação com o meio ambiente imediato onde se desenvolvem as ações” (CABRAL, 1999, p. 42).

Outro autor que inspirou um conjunto de autores bibliotecários sensíveis às questões culturais é Victor Flusser⁶¹, doutor em animação cultural pela Université de Aix-Marseille, França. Flusser (1983, p. 147) afirma que a ação cultural “interessa tão somente o desenvolvimento da subjetividade humana e o auto aperfeiçoamento dos sujeitos”. Nesse contexto de pensamento, “a ação cultural se realiza dentro dos **princípios da prática da arte, de caráter libertário e questionador, que não se restringe a trabalhar com o já estabelecido** mas, ao contrário, procura incessantemente o ‘vir-a-ser’”. O que significa que está voltada para o futuro, para engendrar transformações. Esta ênfase trazida por Flusser, quanto ao caráter libertário e inovador da animação cultural, no sentido de ir além da preservação da tradição, constituiu-se em uma referência

61 Victor Flusser é considerado um dos principais teóricos de ação cultural entre os bibliotecários. Em praticamente todos os artigos de bibliotecários referentes à ação ou animação cultural encontramos referências à Victor Flusser. No entanto, não existe registro bibliográfico do autor nos principais catálogos de consulta das Biblioteca Nacional Brasil, e na *Library of Congress*.

relevante para nosso trabalho prático na biblioteca do IFSC. Sobre tudo porque no campo da biblioteconomia, por definição, uma biblioteca é considerada guardiã da tradição e dos conhecimentos, como vimos no capítulo 2.2. Em sua dimensão conceitual, a animação cultural procura estabelecer uma ponte entre os sujeitos e suas próprias ações pelo seu potencial transformador é significativo. No entanto, na visão de Durand (2001) para transformar um frequentador ocasional em um apreciador regular de cultura é preciso que se pense em longo prazo, para o autor “a paisagem cultural só se enriquece e se diversifica consistentemente no longo prazo, fruto de processos de aprendizado e transmissão que alargam o repertório de gosto”. Durand (2001, p. 68) utiliza o termo “viveiro” para explicar que os processos das práticas sociais germinam e se consolidam com manifestações/ações culturais locais/regionais, onde os indivíduos são envolvidos constantemente fazendo com que o repertório estético em artes e outras expressões culturais possam estar sempre sendo desenvolvidas

O espaço de uma biblioteca pode ser o “viveiro” citado por Durand (2001) contrapõe a ação cultural, às práticas culturais do Estado, que o autor considera políticas formuladas a partir de uma visão elitista da cultura, que termina negando à maioria da população o direito de expressar-se culturalmente. Em oposição à esta visão de longo prazo e trabalho em doses homeopáticas, Durand critica a cultura do espetáculo⁶². Para o autor “as pessoas deveriam ser constantemente envolvidas em expressões culturais para que as práticas sociais germinem e se consolidem” (DURAND, 2001, p. 68).

Em nosso caso, a biblioteca do IFSC constitui-se para nosso trabalho como esse espaço de intervenção em prol dos sujeitos e da comunidade, no sentido da ação e animação culturais, como mostramos no capítulo a seguir.

⁶² Durand (2001, p. 67) afirma que a ação cultural não deve tornar-se “espetacularização”, para dar conta da carga de “efeitos especiais” com que se reveste a manifestação artística, a fim de torná-la um “acontecimento memorável”. Por espetacularização Durand (2001) entende grandes espetáculos produzidos esporadicamente usados pelo Estado para criar uma imagem que esses eventos fazem parte de uma ação cultural. Nessa perspectiva da cultura do espetáculo parece oportuno atrair o maior público possível, “todavia, como reiteradamente mostram as pesquisas, a maior parte das pessoas levadas a um evento ‘espetacularizado’ só voltará a eventos subsequentes se atraída por igualmente custosa parafernália promocional” (DURAND, 2001, p. 68)

4 EXPERIÊNCIAS DE ANIMAÇÃO CULTURAL NA BIBLIOTECA

4.1 A Lenda da Serpente do Tanque

Na janela abaixo, apresentamos o teor da Lenda da Serpente do Tanque, que integra as tradições orais de Lages. Ela foi o estopim empregado para realizar uma das atividades da Biblioteca do IFSC, com o intuito de trazer os alunos para dentro desse espaço pouco familiar para eles e processar o sentimento de pertencimento e identidade, reconhecendo a biblioteca como espaço seu, apropriar-se dele, e fomentar o sentir-se parte da biblioteca. Um processo de construção do sentimento de identidade de mão dupla, entre os sujeitos e aquele espaço estranho e novo para a maioria deles.

FIGURA 5 – JANELA: CRÔNICA A LENDA DA SERPENTE DO TANQUE

A Lenda da Serpente do Tanque

Conta-se a lenda que há muito tempo atrás, no município de Lages, uma moça solteira engravidou. Naquela época engravidar fora dos padrões cristãos era uma afronta para a sociedade, vergonha e humilhação para a família e perda de total respeito e dignidade da condição feminina.

Ciente do que poderia lhe acontecer, a moça, ao parir o filho. Jogou-o na nascente que formava o rio, local usado pelas lavadeiras para lavar as roupas das famílias dos coronéis.

A criança sobreviveu ao frio e a fome e transformou-se em uma serpente ameaçadora.

As pessoas, com medo do que poderia acontecer-lhes trouxeram uma santa para proteger a cidade. 'Nossa Senhora dos prazeres de Lages' foi recebida com honra e instalada na catedral, perto da fonte das lavadeiras. Dizem que a santa está com os pés em cima da cabeça da serpente e, se de alguma forma, ela for retirada da catedral, irá unir a cabeça (tanque central) com o corpo (rio Carahá) e inundará a cidade.

Já aconteceram duas coincidências que fazem as pessoas acreditarem ainda mais nessa lenda. Certa vez um senhor entrou na igreja e quebrou a imagem de Nossa Senhora dos Prazeres. Ao retirarem a Santa para restauração iniciou-se um temporal e deu-se uma das maiores enchentes já vista pelos habitantes do município.

Outra vez, quando o padre, na tentativa de desmistificar a lenda, organizou uma romaria. Nossa Senhora dos Prazeres saiu da catedral

para permanecer algum tempo nas capelas da região. Ao sair da catedral. Iniciou a chuva e, mais uma vez, uma grande enchente aconteceu na cidade. Dizem que a chuva só parou quando a santa retornou à catedral.

A atividade foi iniciada com a preparação de uma instalação⁶³. A preparação dessa instalação causou certo alvoroço no IFSC. Como era preciso algum tempo para deixar tudo preparado, tivemos que fechar as portas da biblioteca cobrindo os vidros com papel pardo e uma grande inscrição: *DESCULPE-NOS, NÃO PODEREMOS ATENDER ESTA SEMANA... ESTAMOS ORGANIZANDO UMA GRANDE SURPRESA. PREPAREM-SE!*

Conseguimos o primeiro feito: **instigar a curiosidade**, que tomou conta de muitos. Enquanto preparávamos o espaço, muitas batidinhas na porta com desculpas, as mais esfarrapadas que já ouvira... A reação foi surpreendente pois até então eles não se interessavam em entrar na biblioteca. A partir das portas fechadas com aquela inscrição surgiram motivos mil para ingressarem naquele ambiente!

Também, durante essa organização, percebemos como era importante **envolver outras pessoas além dos alunos** (professores, trabalhadores temporários e o pessoal terceirizado); sobretudo estes últimos podíamos perceber que estavam muito afastados da dinâmica da instituição⁶⁴, mesmo que estivessem todos os dias no *campus*. Como não poderíamos realizar aquela preparação sem auxílio de outrem, solicitamos ajuda das pessoas que percebíamos afastadas. Pelo empenho deles, entendemos o quanto era importante envolvê-los no processo.

Na instalação, TNT⁶⁵ preto cobria o teto, forrava as paredes e se estendia pelo chão da sala da biblioteca (a sala mede 14 m²), formando um ambiente bem escuro. Uma estrutura de arame foi posta na porta dessa sala e coberta por alguns metros de tecido com estampa de serpente.

63 Preparação de um ambiente. É uma obra de arte que só "existe" enquanto durar a exposição. Pode ser montada no momento de alguma apresentação ou exposição e é desmontada ao término da apresentação ou exposição. Uma das finalidades de uma instalação é provocar sensações: frio, calor, odores, sons.

64 Este fenômeno não é raro. A invisibilidade de segmentos de trabalhadores em uma instituição. Um episódio que exemplifica este fenômeno foi quando a Deputada Federal Esther Grossi percebeu que no Congresso Nacional havia um considerável número de funcionários analfabetos e, diante disso, criou um programa para alfabetizá-los. Eles estavam ali num espaço que define os rumos de um país, e não eram notados nem atendidos em essa necessidade.

65 Espécie de tecido sintético, fino e semelhante ao papel.

Erguendo-se uma serpente, com uma grande boca aberta que era o portal de ingresso da sala de leitura para o interior da sala escura.

Para caracterizar a sala escura, solicitamos ao artista escultor José Cristóvão Batista a cessão de algumas de suas obras. O escultor lageano responsável pela criação dos monumentos que embelezam a cidade, cada uma das esculturas está relacionada a alguma parte da história da região como por exemplo: O boi de botas, as lavadeiras, os tropeiros, a gralha azul. Pesquisamos no Museu Thiago de Castro a história dos primeiros habitantes, a gralha azul, os irmãos Canozzi, o nome do Rio Caveira, as histórias e lendas foram digitadas, impressas e coladas junto às esculturas, com iluminação direcionada somente para as esculturas, para que o visitante da exposição pudesse relacionar as lendas as esculturas e ao contexto da constituição do povo serrano. Adquirimos livros de lendas e causos de escritores da região que ficaram disponíveis sobre uma mesa dentro da sala.

Durante o planejamento da atividade marcamos uma reunião com o grupo de terceira idade do Bairro São Francisco para apresentar-lhes a proposta, solicitar apoio e formar parcerias. O primeiro encontro aconteceu no salão paroquial do Bairro, cerca de vinte (20) pessoas estavam presentes. Nossa proposta era a de que os idosos fossem em dias marcados na biblioteca para contar histórias de suas infâncias ou outras histórias, como causos, crendices que conheciam. A proposta foi acatada por todos. Sentimos que todos estavam muito motivados para iniciar as atividades. Durante o processo de elaboração da atividade o grupo foi visitar a biblioteca para conhecer o espaço, e mostrar as histórias que haviam escolhido. Firmada a cooperação, toda semana, um morador da comunidade, do grupo da terceira idade veio até a biblioteca para contar causos e histórias da região.

FIGURA 6 – GRUPO DE TERCEIRA IDADE, DO BAIRRO SÃO FRANCISCO



Fonte: foto publicada em 15/06/2012 Disponível em:
<<http://linkdigital.ifsc.edu.br/2012/06/15/comunidade-visita-campus-lages/#!prettyPhoto>> Acesso em: 24 jun. 2014

Solicitamos, antes da abertura oficial, a presença do artista para que o mesmo fizesse considerações sobre a preparação da exposição. Percebemos, pelo depoimento de Batista, o quanto era importante essa **valorização** dos artistas da região. O escultor esteve presente em seis encontros em horários diferentes para falar de sua arte e da valorização da arte de modo geral.

O piso foi demarcado com passos e palavras folclóricas, como: crendice, magia, encantamento, artesanato, danças, bruxaria, imaginação, fantasia, premonição, benzedura, medo.... Na segunda-feira, quando os alunos chegaram à instituição, acompanharam os passos que iniciavam na porta do primeiro andar, subiam as escadas e terminavam dentro da biblioteca, sendo o último na boca da serpente, dando a impressão de que alguém havia sido engolido por ela. A Serpente engolia gente, sim! Lá dentro, muitas histórias. Momentos engraçados... Alguns estudantes com medo de entrar... Outros curiosos, entravam e demoravam para sair.

Quando iniciamos a atividade percebemos que os ouvintes, em sua maioria, adultos, sentados no chão, olhos arregalados, ouviam com atenção aquelas histórias como se fossem crianças. A emoção independia da idade ou gênero. Adultos ou crianças participavam ativamente da atividade. Percebemos que houve **integração** entre alunos do IFSC com alunos de escolas fundamentais e médias, de estudantes com as pessoas da comunidade, das pessoas da comunidade com a biblioteca, a biblioteca com os servidores. Servidores com funcionários⁶⁶

A serpente permaneceu na biblioteca por três meses, do dia 20 de agosto a 12 de outubro de 2012 porque as escolas da região marcavam visita trazendo alunos do ensino básico, fundamental e também da EJA. No total 10 escolas (públicas e privadas) visitaram a Serpente na biblioteca. Durante a exposição duzentas (200) pessoas visitaram o espaço, conforme consta no livro de registros da biblioteca que mantemos para assinaturas e avaliação.

Nesta atividade houve a participação de vários atores sociais, pessoas da comunidade, que transmitiram conhecimentos a partir de suas vivências sem estarem atreladas a nenhuma teoria, mas sendo reconhecidos pelos seus saberes tradicionais, populares, vindos da experiência, plenos de elementos da identidade da região, naquele espaço considerado em geral erudito: uma biblioteca. As pessoas da terceira idade (total de 15) estiveram tão entusiasmadas em contar suas histórias, que assim que terminavam os encontros nos abraçavam com doçura, agradeciam a **oportunidade** em estar em uma escola; muitos contaram que não tiveram, por vários motivos, a oportunidade de estudar. Com essa oportunidade de contar histórias aos alunos eles se sentiram professores. Alguns contaram aos alunos o desejo de que tinham de estudar e que as condições da vida os impediram.

Esses depoimentos, acreditamos, resultaram em uma lição para muitos jovens matriculados no IFSC. Percebemos, também, por meio do diálogo com artistas da região, a desvalorização e o escasso reconhecimento de seus trabalhos e de outros artistas e escritores. As lendas estampadas nas esculturas direcionaram, muitas vezes, a questionamentos sobre política, dogmas, preconceitos, dominação.

66 Lei 8.112/1990: **Servidor** é aquele investido de cargo público ingresso por meio de concurso público; **Funcionário** aquele que possui emprego temporário em uma repartição pública. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/8112cons.htm> Acesso 23 de jun. 2014.

O que era para ser uma atividade voltada para uma data comemorativa, “o dia do folclore”, tornou-se um marco para a biblioteca, fazendo com que esse espaço fosse inserido como um local propício para o compartilhamento de informações, tradições, cultura, histórias, fortalecendo as interações entre pessoas que dificilmente teriam a oportunidade de se falar e de se ouvir.

Porém, a importância maior nessa atividade, foi o reconhecimento da identidade local, por meio das palavras grifadas em negrito (curiosidade, envolvimento, valorização, parceria, integração, oportunidade e participação). Todos os sujeitos envolvidos puderam formular questionamentos sobre as forças antagônicas que constituíram o povo dessa região. As mulheres, mesmo forte, mas, por vezes levada à submissão. A religião e o medo que as fazem estagnar. Medo que por vezes, é a força de poderosos que repousam sobre suas cabeças a crença de julgamentos. E, a serpente, que poderia ser o início de uma transformação revolucionária mantém-se adormecida. Reconhecer o que somos e de onde viemos é o princípio para formularmos nossa identidade cultural. Não há fórmulas para fazer com que os indivíduos reconheçam suas identidades, existem, entretanto, situações que as levem a pensar seu papel na sociedade e essa foi a função da atividade “Serpente do Tanque”.

FIGURA 7 – GRUPO DE BIBLIOTECÁRIOS DA REGIÃO SERRANA



Fonte: Disponível em:

<http://linkdigital.ifsc.edu.br/lages/#!/prettyPhoto>

FIGURA 8 – DONA LORENA (GRUPO DE TERCEIRA IDADE
BAIRRO SÃO FRANCISCO) CONTA HISTÓRIAS DE SUA
INFÂNCIA



Fonte: Disponível em:

<<http://linkdigital.ifsc.edu.br/lages/#!prettyPhoto>>

Também, não podemos afirmar que a história seja vista de um único ângulo. Para exemplificar trazemos, aqui, o vídeo Chimamanda Adichie: “Os perigos de uma história única”, traduzido para o português por Erika Barbosa. Tomei conhecimento do vídeo em um curso de especialização de jovens e adultos. O vídeo circula livremente pela internet desde 2010. Ele nos fez refletir como as pessoas são capazes de pré-conceber uma crítica social sem analisar os acontecimentos, a literatura, a individualidade de cada um, olhando somente de um ponto de vista.

FIGURA 9 – *QR CODE* (VÍDEO) OS PERIGOS DE UMA HISTÓRIA ÚNICA



Fonte: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZUtLR1ZWtEY>>

A atividade em torno da lenda da serpente foi uma atividade desenvolvida quatro meses após ter ingressado no IFSC (2012); até então já tinha realizado o Sarau das mães, que teve a sua terceira edição em 2014. Este sarau é uma mostra de arte dos alunos; o projeto prevê manifestações artísticas sem qualquer exigência e com total liberdade para as apresentações, que não foram julgadas nem avaliadas pelo padrão estético, mas pela participação e protagonismo (música, poesia, dança, exposições, teatro). Por meio dessas apresentações, eles adquiram confiança para se mostrar em público, uma forma de abrir superar inibições e prepara-se para o mundo profissional. Podemos considerar essa atividade uma ação cultural no sentido considerado por Teixeira Coelho (1988):

O agente prepara as condições para o trabalho e fornece os recursos capazes de propiciar o desenrolar e o avanço da produção cultural, deixando que os membros dos grupos exerçam o papel de sujeitos no e do processo de criação, logo o indivíduo é o criador, e tem autonomia para escolher com ampla liberdade os meios e técnicas que preferir utilizar no ato criativo. (TEIXEIRA COELHO, 1988, p. 13)

Já para a atividade Serpente do tanque houve primeiro uma pesquisa sobre o imaginário popular, que se enquadra na compreensão de Geertz (1978) como um sistema de significações. Na lenda da serpente existem várias dimensões da ordem social (democracia, política,

economia, gênero) que formaram a construção da identidade dessa comunidade. Conforme a lenda, tal identidade formou-se pelo medo do monstro, monstro que representa, neste caso, o povo e a sua força, porém subjugada e obediente aos poderes (política, Igreja: a santa pisando na serpente): uma possível rebeldia do povo em busca da liberdade fica assim controlada. Aqui, como animadores culturais nos inspiramos em Darcy Ribeiro (1986, p. 35), quem mostra que “[...] os animadores culturais criariam caminhos antropológicos sem serem antropólogos, acima de tudo, observadores, provocadores, articuladores e desafiadores”. Ainda, Darcy Ribeiro afirma que o “Animador cultural não é professor de arte (ainda que um professor de artes possa ter alma de animador)”. Para ele, os animadores “seriam os transgressores da escola, seriam os atravessadores da escola, nada com o comprometimento com o ensino da arte, e sim com a ação cultural” (RIBEIRO, 1986, p. 35).

A forma lúdica como foi criada a serpente efetivou-se como uma comunicação com à população alvo, “um sistema de representação da comunidade a fim de que as peculiaridades locais sejam ressaltadas e valorizadas [...] empreendida por meio de um sistema que pressupõe competente domínio da linguagem” (ESTEVES, 2005, p. 180). Os participantes tiveram a sensação de entrar na história, concretamente entraram no corpo da serpente, foram engolidos por ela, se fizeram parte dela, para desvelar alguns significados da realidade social.

Os responsáveis em descortinar a realidade social da região foram as pessoas da comunidade, o grupo de terceira idade do bairro em que a instituição está inserida e o escultor das obras que estiveram expostas. Esse método foi “uma tentativa em desenvolver o diálogo, a ação comunicativa, a socialização da interpretação cultural das necessidades”, conforme entende Esteves (2005, p. 170), inspirada pelas teorias comunicativas de Habermas (1929-2012). Por cultura das necessidades pode-se compreender, naquele momento de interação direta entre os participantes, com seus relatos de vida, sujeitos da comunidade de várias idades, muitas delas sem terem concluído o ensino fundamental, e que estavam carregadas daquela realidade social, econômica e política presentificadas na lenda. Não se tratava de uma palestra sobre a lenda, não havia um professor que a narrou, mas teve lugar uma interação na qual afloraram histórias carregas de sentido para os presentes. Situações que nem sempre estão descritas nos livros didáticos ou fazem parte de um elemento de pesquisa, mas da forma como muitos a reconhecem e vivenciam. Fazendo com que esse elemento da ação seja percebido como “o comprometimento do fazer cultural, inquietante, instigador e questionador” (RIBEIRO, 1986, p. 37).

Importante para essa ação foi o corpo de funcionários terceirizados que montou a estrutura da serpente e que, durante o processo, sugeriram formas para uma montagem mais adequada da instalação. Foi esta uma das situações que mais me fez refletir sobre a força de uma ação cultural. Eles, que sempre tiveram um papel de coadjuvantes na construção do prédio do instituto, ao participarem desta atividade se envolveram na história também como protagonistas; foi nítida a sua transformação em termos de atitude com relação à biblioteca. A partir desse momento, muitos deles, nos procuraram para fazer a carteirinha da biblioteca, iniciaram o empréstimo de livros, passando a nos procurar com frequência para saber se iríamos fazer outras atividades e se precisávamos de sua cooperação. Alguns fizeram questão de serem fotografados dentro da serpente para que ficasse registrado que participaram desse processo. Integraram-se como usuários da biblioteca, tal como os alunos, sentindo-se com os mesmos direitos de uso da biblioteca e seus serviços. É importante destacar o direito à leitura, à retirada de livros que tradicionalmente é vista como destinada aos mais escolarizados e não aos operários.

Com relação aos alunos, essa ação cultural provocou algumas reações. Na fase de escrita dessa dissertação houve um item que denominamos “veneno da serpente”, em que relatamos algumas transformações de atitudes dos alunos com relação à biblioteca: um aumento do interesse em participar de todas as atividades que, sendo praticamente contínuas, acontecem ao mesmo tempo que as aulas, criando um conflito de horário. Para participarem integralmente das atividades promovidas na biblioteca o tempo do intervalo era em geral insuficiente, tendo ocorrido, muitas vezes, dos alunos faltarem a alguns períodos de aula. Como administrar este conflito dentro da instituição para não criar uma disputa pela presença dos alunos? Este foi um problema ao qual tivemos que fazer face.

Além da atividade descrita anteriormente abordar a temática da identidade, precisávamos também, naquele momento, criar uma estratégia para atrair usuários para a biblioteca. O que de fato, aconteceu como resultado de uma ação cultural, à qual muitas outras se sucederam. Assim conseguimos cada vez mais usuários; fomos constatando por meio de assinatura no livro de visitas que está na biblioteca mais de 2.000 assinaturas entre 2012 e 2014. É crescente, também o número de empréstimos de livros, de 20 de janeiro a 23 de junho de 2014 efetivamos 3.842 empréstimos, para uma instituição que empresta somente para usuários matriculados e, que possui 420 alunos matriculados, estamos com uma média de 9 livros por aluno. Realizamos no período maio de

2012 a junho de 2014 diversas atividades de integração. São exemplos: festas, música, saraus, ensaios de dança, entre outras, dentro da biblioteca. O silêncio deu lugar ao um burburinho prazeroso pelo caráter surpreendente, quase de contravenção. Transformação de atitude com relação à biblioteca. Cabral (1999, p. 42) afirma que “o trabalho da ação cultural [...] busca uma estreita ligação com o meio ambiente imediato onde se desenvolvem as ações”

Progressivamente, à medida que as atividades inusitadas para uma biblioteca iam se sucedendo, ela foi se tornando ponto de encontro, antes do início das aulas, e também nos intervalos e, a partir de determinado momento, inclusive, durante as aulas. Esteves (2005, p. 169) afirma que uma animação cultural é percebida quando existe [...] a fundação de novos modos de pensamento, novas racionalizações, novas perspectivas de utopia e de contribuições para a renovação de princípios organizacionais. Esse novo modo de pensamento sobre a biblioteca gerou até mesmo um certo desconforto; percebemos que os alunos iniciaram um processo de ‘transgressão’ (termo utilizado por Darcy Ribeiro), com algumas normas estabelecidas pela instituição, chegar atrasado na sala de aula para participar mais tempo na biblioteca por exemplo. Pequenas transgressões como essa foram percebidas por nós como uma manifestação de autonomia, no sentido de iniciar uma renovação dos princípios pedagógicos, utilizando os docentes outros espaços não convencionais, como a biblioteca para realizar algumas de suas atividades. Alguns docentes já exploram com maior frequência esta possibilidade.

A atividade sobre a lenda da Serpente do tanque não foi a única que consideramos uma ação cultural. Ela foi representativa, por ser uma das primeiras, por se estender por um período maior do que estava previsto (permaneceu por três meses na biblioteca), e também, por causar algumas transformações e, inclusive, gerar alguns conflitos. Conflito que é considerado um dos elementos próprios de uma ação de animação cultural. Esteves (2005, p. 172) afirma que “o modelo de animação cultural privilegia a ação, o projeto, o instituinte, a sociabilidade, o conflito, a práxis”. A biblioteca tornou-se um lugar de criação, da transformação de valores simbólicos, um vetor abstrato em torno de questões que afetaram todos os envolvidos naquele processo.

4.2 Fora de Regra: produção de um vídeo na biblioteca

Na sequência da atividade em torno da Serpente do Tanque, durante a qual surgiram alguns conflitos relatados no item acima, propusemos a produção de um vídeo no qual os alunos falariam sobre as

regras da instituição. O intuito à época era explicitar o conjunto de regras a fim de compreender melhor os limites dentro dos quais ações na biblioteca poderiam ser desenvolvidas sem ultrapassá-los. Nesse interim recebemos um novo servidor. Ele ingressou no IFSC como auxiliar na biblioteca, graduado em publicidade, trazendo novas ideias. Com suas técnicas, esse novo servidor orientou-nos a uma nova atividade, aproveitar a disponibilidade e espontaneidade dos alunos para produzir esse vídeo na biblioteca.

Criamos a condição para que o vídeo fosse produzido. Orientados para melhor captar as imagens para o vídeo posicionamos cadeiras em meia lua. Achamos por bem decorar o ambiente, colocamos um tapete no centro e jogamos algumas almofadas para compor o cenário. As câmaras em posição. Conversamos com professores que trouxeram duas turmas.

Os alunos, reunidos, foram informados sobre a produção de um vídeo para a biblioteca, orientamo-nos sobre a livre adesão e assinatura de termo de direitos de imagem, todos aceitaram participar. Não oferecemos muitos esclarecimentos. Fomos à quadra onde os participantes deveriam iniciar um jogo em que cada time escolheria as regras. Depois de tomadas as cenas externas, voltamos para a biblioteca. Para meu espanto, os alunos, ao chegarem no ambiente, deitaram-se ao chão. Isso não estava previsto. Mas, demonstrou a **liberdade** que os mesmos sentiam por estarem na biblioteca.

Começamos o diálogo sobre como fora o jogo sem regras. Em nenhum momento houve dificuldade nas falas proferidas. Era normal, para eles, estarem na biblioteca. Falarem o que pensam sem julgamentos, com **espontaneidade**. Eles não tinham medo do conceito (nota), **não havia regras** que restringissem sua palavra ou conduta pré-determinadas a única observação era para a qualidade de captação das imagens e sobre ruídos que poderiam interferir na qualidade do som, assim era preciso esperar que o colega terminasse a fala para dar seguimento ao diálogo. Falaram com liberdade, ali eles sabiam, não seriam reprovados, não sofreriam **repressão**.

Tivemos que interromper a filmagem em vários momentos porque havia a necessidade de cuidar da qualidade do som, pois muitos falavam ao mesmo tempo. Mas em nenhum momento sentiram-se **acudados**. Iniciavam suas falas com **naturalidade**, com muitas gargalhadas e em meio às gargalhadas discutimos assuntos relevantes para o contexto social. Como por exemplo: responsabilidade em seguir os objetivos propostos, a rejeição às drogas, as regras nas instituições, a burocracia, os preconceitos, o cuidado em cada ambiente, o silêncio na hora dos estudos, o cuidado com os livros, o momento propício para qualquer atividade. Eles puderam

vivenciar a **responsabilidade** que cada indivíduo carrega. O que ficou dessa atividade foi a espontaneidade, a liberdade e o reconhecimento da responsabilidade que cada indivíduo carrega dentro de si. Abaixo *QR code* para que os leitores acompanhem a produção final.

FIGURA 10 – *QR CODE*: VÍDEO FORA DE REGRAS



Fonte: <<https://www.youtube.com/watch?v=d9jO8ibNi18>>

A produção deste vídeo oferece elementos para compreender melhor o que está envolvido no processo de tornar-se autônomo, no caso para nossos sujeitos estudantes. Para a preparação dessa atividade, nossas únicas iniciativas foram preparar as condições para a produção de um vídeo e mediar um diálogo entre os alunos que desejaram participar e autorizaram a difusão do material. Partiram deles todas as atitudes, algumas pouco convencionais ou até chocantes para o ambiente da biblioteca, como por exemplo, dar seu depoimento deitado no chão. Isto revela o quanto os alunos estavam se sentindo à vontade naquele espaço, a ponto de uma postura como essa. Está em jogo o modelo de liberdade descrito por Cabral para a ação cultural: os alunos revelaram uma “estreita ligação com o ambiente imediato onde se desenvolve a ação” (CABRAL, 1999, p. 42).

Pelo diálogo que podemos acompanhar pelo vídeo, os estudantes vislumbram a possibilidade de um mundo menos burocrático e mais livre. Refere Melo que...

O estabelecimento de uma sociedade mais justa, igualitária e democrática, na qual os indivíduos

pudessem viver livremente e de maneira digna, respeitando e mediando suas diferenças, reconhecendo e explorando suas possibilidades criativas, posicionando-se de maneira ativa e crítica perante a sociedade (MELO, 2006, p. 29).

Também Flusser (1983, p. 147) afirma que à ação cultural “interessa tão somente o desenvolvimento da subjetividade humana e o auto aperfeiçoamento dos sujeitos”. Nesse contexto de pensamento, “a ‘ação cultural’ se realiza dentro dos princípios da prática da arte, de caráter libertário e questionador, que não se restringe a trabalhar com o já estabelecido mas, ao contrário, procura incessantemente o ‘vir-a-ser’”. O que significa que está voltada para o futuro, para engendrar transformações.

Durante a conversação registrada, os alunos estão preocupados em discutir um mundo melhor. E o fazem ao vivo, presencialmente, sem a mediação das tecnologias tão presentes na atualidade na existência dos jovens estudantes. Quando pensamos no futuro, o que mais nos coloca em questionamento são os rumos que as novas gerações tomarão para engendrar transformações para a sociedade. Sabemos que os avanços tecnológicos trouxeram muitas facilidades de acesso, de troca de informações, de conexões entre indivíduos de qualquer parte do mundo. Por um lado, reconhecemos que tais recursos facilitam a vida em sociedade. Por outro lado, trazem preocupações. Nossos jovens encontram-se tão conectados com o mundo virtual que acabam esquecendo do mundo real e de suas raízes. Oportunizar esse diálogo entre os jovens permite-lhes voltar sobre a sua cultura, identidade, pensando o que pode ser melhorado nas suas comunidades e impulsiona ao protagonismo na sociedade.

Darcy Ribeiro (1986) comenta que a animação cultural “é uma maneira de estabelecer um compromisso com o Brasil. Uma forma de conhecer o Brasil através da valorização da cultura do seu povo”. Se Ribeiro trata do Brasil, aqui estamos nos ocupando da cultura regional, com suas peculiaridades. A ação cultural que segue trata justamente desta recuperação e valorização dos costumes locais.

4.3 Galpão Farroupilha

A cada atividade que organizávamos, percebíamos quantos momentos de diálogos entre nossos jovens puderem estabelecer-se, e o quanto eles apreciavam essas interações. Nossa intenção era, entretanto,

progressivamente tornar as discussões mais sustentadas, mais argumentativas, mais politizadas, principalmente relativa à responsabilidade dos jovens com o sentido mais profundo do voto, consciente, como exercício dos direitos e deveres cidadãos.

O direito ao voto foi uma das conquistas da Revolução Farroupilha. No entanto, deveríamos abordar esse assunto de maneira delicada, até mesmo porque, a instituição pertence ao poder público. Assim, montamos um galpão em uma das salas da biblioteca, trouxemos vários objetos que são comuns de serem encontrados em muitas residências da região (chaleiras de ferro, pelegos, bancos de tronco de árvore, laços, utensílios de montaria etc.), convidamos alguns músicos da região, um contador de causos, e o escritor Cassiano Pinto⁶⁷. Organizamos a exposição com fotos do livro “Minha querência” de Pinto que escreve sobre a região, no gênero textual poesia.

O evento ocorreu em uma noite típica de inverno, com temperatura de zero grau, o que fez o encontro ainda mais característico. O frio fez com que os participantes do grupo se mantivessem muito próximos uns dos outros e não houve reclamação do número de pessoas na sala (isso ajudou-os a se manterem aquecidos). Havia na sala um fictício fogo de chão, ao redor do qual foram compartilhados causos, canções e poesias sobre a **identidade cultural** regional.

Alguns alunos, ao serem convidados, um dia antes do evento, perguntaram se poderiam vir vestidos a caráter. A manifestação do desejo de alguns alunos em participar da atividade em trajes típicos pode-se dizer que já caracteriza uma ação cultural. Como afirmou Silva (2014, p. 199), a “ação cultural é o meio pelo qual grupos se reconhecem e procuram manifestar sua identidade utilizando o conhecimento local/regional para reinventarem novas formas de manter uma comunidade unida”.

Não foi somente mais uma noite divertida na biblioteca, durante o encontro foram discutidos assuntos como direito à cidadania, o voto universal democrático e principalmente o envolvimento de cidadãos dessa região na causa do movimento revolucionário denominado “Revolução Farroupilha”. O conteúdo ideológico e de emancipação dos sujeitos são

⁶⁷ Cassiano Eduardo Pinto – Engenheiro Agrônomo é servidor público na Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri) é Doutorando em zootecnia pela UFRGS. Cassiano representa a nova geração nativista do sul do Brasil. Um dos idealizadores e organizadores do Corredor de Canto e Poesia, oficina de criação que congrega artistas para o intercâmbio e a livre criação de composição e poesias. Possui diversas composições gravadas, em parceria nos palcos dos festivais. Publicou o livro “Da minha Querência” em 2009 por meio da Lei de Incentivo à Cultura.

assuntos densos, presentes no contexto da Revolução Farroupilha: promover esse debate com os alunos requereu uma postura do gestor-ator da ação cultural, ou seja, aquele que pode...

[...] realizar, no âmbito das relações humanas, um processo de comunicação para possibilitar a intervenção necessária de estímulo à afirmação da identidade cultural e consequente desenvolvimento do Eu social, por intermédio da ação comunicativa, através do diálogo, buscando, entre os sujeitos, formas recíprocas cada vez mais altas de reflexão, que contribuam para o aperfeiçoamento da conscientização (SILVA, 2014, p. 180).

A proposta da atividade com a presença de artistas e do escritor foi a tentativa de buscar a intervenção desse estímulo, usando a arte (música, poesia e contos). Nestas manifestações artísticas, principalmente a música da região, que retrata a ligação do homem serrano com o seu entorno – a natureza considerada a grande provedora. Com esses elementos podemos perceber que...

O animador cultural deve conhecer profundamente os sistemas de representação da comunidade para, a partir deles, fomentar a inovação na comunidade, a fim de que as peculiaridades locais sejam ressaltadas e valorizadas, talvez até, além de fronteiras nacionais, tornando-se além de capital cultural, capital financeiro (ESTEVES, 2005, p. 179).

O intuito dessa atividade foi a de, por meio dos costumes locais, que viessem à tona, no diálogo entre os jovens, questões envolvidas no ato político do voto. Foi possível discutir o protagonismo dos jovens, o seu papel no processo eleitoral. Esteves (2005, p.180) considera que “em sua dimensão conceitual a ação cultural procura estabelecer uma ponte entre os sujeitos e suas próprias ações”. Nesta atividade, em específico, como foram tratados assuntos densos, e para evitar possíveis distorções de interpretações, procurou-se observar “[...] justamente as relações que o público estabelece com a herança cultural” (CABRAL 1999, p. 40). Conforme FLUSSER (1983, p. 150), há duas maneiras de herdar ou receber a cultura: “ativamente, reelaborando o que recebemos e passivamente, aceitando o que recebemos sem modificá-lo”.

Em meio aos causos, músicas, poesias (peculiaridades locais) e os diálogos sobre cidadania foram servidos ‘bolos fritos’, alimento típico da região. A conversa entusiasmou os jovens que mesmo findo o horário do encontro (marcado para o tempo normal das aulas: das 19h as 22h), a biblioteca permaneceu repleta de pessoas até bem mais tarde.

Os três exemplos examinados acima foram escolhidos entre um conjunto de ações. Dentre as demais, na impossibilidade de descrevê-las em detalhe, listamos as que consideramos mais expressivas (todas elas mantêm registros públicos no site oficial do IFSC – www.ifsc.edu.br e nas redes sociais da instituição).

Férias encantadas na biblioteca; *halloween* literário, copa de xadrez, oficina de poesia, clube de leitura, concursos culturais, festa junina, luau literário, produção de *stop motion* – a Revolução dos Bichos, luau literário, *Young Activity* – RPG⁶⁸. Realizamos várias parcerias com o SESC, a Secretaria de Educação, a Fundação de Esportes, a Fundação Cultural, a Associação de escritores de Lages. Todas as atividades que foram e continuam a serem realizadas na biblioteca são abertas à toda a comunidade; sistematicamente divulgamos o evento nas redes sociais.

Como relatamos acima, a biblioteca tornou-se um espaço para encontro, mas não somente dos alunos. Ao longo das atividades conseguimos atrair e congregar pessoas de diversos grupos da comunidade do entorno do IFSC, de outros bairros e até de outros municípios. Desde crianças de zero a quatro anos trazidas pelas creches interessadas na obtenção da “primeira carteirinha de leitor da biblioteca” a jovens *Geek* – (anglicismo e uma gíria inglesa que se refere a pessoas peculiares ou excêntricas, obcecadas por tecnologias, eletrônica, jogos eletrônicos ou de tabuleiro, histórias em quadrinhos, livros, filmes, animes e seriados audiovisuais. É difícil definir a faixa etária dos *Geeks*. De modo geral recebemos adolescentes (de 12 a 18 anos), mas também frequentam este tipo de atividade pessoas adultas (de 20 a 50 anos). É importante destacar que alguns alunos, percebendo a abertura da biblioteca nos procuraram para organizar esse evento pois, conforme relataram, não encontram local que os acolha na cidade. Sua aparência, considerada excêntrica (usam tatuagens, *pearcing*, cortes de cabelo e

⁶⁸ Role-Playing Game, também conhecido como RPG (em português: "jogo de interpretação de papéis"), é um tipo de jogo em que os jogadores assumem os papéis de personagens e criam narrativas colaborativamente. O progresso de um jogo se dá de acordo com um sistema de regras predeterminado, dentro das quais os jogadores podem improvisar livremente. As escolhas dos jogadores determinam a direção que o jogo irá tomar.

adereços pouco convencionais etc.) por quem não faz parte dessa comunidade, costuma gerar desconfiança. Entretanto, costumam ser intelectualizados, com conhecimentos aprofundados em determinadas temáticas e mostram-se extremamente sociáveis e gentis.

Acontece, também a copa de xadrez uma vez por ano. Trata-se de um encontro entre enxadristas de vários municípios da região e também de outras regiões, do norte e do sul do estado de Santa Catarina. Esse evento também é organizado por pessoas da comunidade em parceria com a Fundação de Esportes do Município.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*De tudo ficaram três coisas:
A certeza de que estava sempre começando
A certeza de que era preciso continuar
E a certeza de que seria interrompido antes de terminar
Fazer da interrupção um caminho novo, fazer da queda, um passo de
dança,
Do medo uma escada,
Do sonho, uma ponte,
Da procura um encontro. (Fernando Pessoa)*

A interrupção dessa dissertação não indica que encontramos certezas. Em muitos momentos percebemos que foram geradas mais dúvidas. Quando decidimos que o nosso tema giraria em torno da cultura de um povo e, principalmente, sobre as ações de animação cultural realizadas na biblioteca onde atuamos, sabíamos que precisaríamos percorrer vários caminhos, porque a cultura não é assunto que se possa discorrer isolado, está interconectada a uma teia, emaranhado de fios tecidos pelo próprio homem (GEERTZ, 1978).

A nossa busca implicou em puxar alguns fiozinhos desse emaranhado para encontrar algumas respostas. O mais desafiante foi entrelaçar todos os fios dessa teia complexa que precisou ser submetida à lógica linear da escrita. Todos esses fios foram entrelaçados por um tipo especial de agulha: a animação cultural.

Entrelaçamos o contexto histórico da educação profissional até chegar ao IFSC *campus* Lages; recuperamos um pouco da formação dos bibliotecários e da história das bibliotecas. Estas não somente como **grandes guardiãs de conhecimentos**, mas como uma instituição necessária para **valorização de uma comunidade**.

Um dos fios relevantes que puxamos foi o das incursões das vanguardas artísticas e culturais brasileiras no exterior, mas não qualquer exterior. Buscando ampliar o acesso à arte e cultura à classe trabalhadora, recorreram não à Europa que nos colonizou, mas na União Soviética inspiração para combater o elitismo e mimetismo brasileiro. Essa história recente do Brasil do século XX permitiu-nos descobrir os conceitos e propostas de animação cultural que elegemos para pensar a educação profissional no Brasil e ressignificar o fazer do profissional bibliotecário.

Nesta trama, consideramos que o fio condutor foi a concepção da estratificação social de Darcy Ribeiro. Por meio delas, pudemos

compreender a constituição e características do povo serrano (nossos estudantes do IFSC, as comunidades participantes das atividades etc.).

O fato de estabelecer um diálogo entre a área da biblioteconomia e a da educação fez com que, em alguns momentos, tivéssemos que fazer algumas digressões com o intuito de esclarecer peculiaridades dessas áreas, movimento necessário para a inteireza da dissertação. Um dos maiores desafios foi apresentar esta biblioteca acessível a todos dentro de uma Instituição de Ensino Técnico que conduz à formação para o mercado de trabalho.

Descobrimos, durante o caminho dissertativo, que havíamos empreendido uma série de ações que podem ser melhor compreendidas em seu alcance, em termos de transformações subjetivas e sociais, bem como na comunidade, se enquadradas no conceito amplo da animação cultural. Ou seja, aquela ação capaz de ser aplicada no campo das lutas pela afirmação da cidadania, como valorização do social e fortalecimento da democracia. E, mais ainda, descobrimos, ao longo dos estudos empreendidos na investigação, que estávamos agindo como animadores culturais.

Entretanto, o aprendizado como animadora cultural não se deu na formação em biblioteconomia, ou durante a realização das atividades artísticas e culturais na biblioteca. Ela teve seu estopim ainda na infância, com a presença fugaz daquele primeiro 'animador cultural' com quem nos deparamos: o andarilho do interior de São Joaquim. O andarilho representou para mim a **liberdade** e despertou a curiosidade pelo novo, pelo que foge ao padrão estabelecido. A inspiração parece ter influenciado no seguinte sentido: mesmo conhecendo as regras, padrões, normas, procedimentos e determinações da 'profissão' ou da 'instituição', é possível, e pode ser fundamental, trilhar ou ensaiar caminhos diferentes dos convencionais ou estabelecidos. É possível também usar da imaginação aliada à autoridade que se detém em determinado momento, no caso, a responsabilidade pelo espaço de uma biblioteca, para que os usuários o ocupem com aquilo que desejam e são capazes de desenvolver juntos. Foi o que fizemos ao abrir as portas da biblioteca para diferentes grupos com interesses e projetos distintos e que desejavam desenvolvê-los ⁶⁹ por meio de práticas que pudessem levar ao seu próprio

69 Uma observação da nossa orientadora, que não exploramos nesta dissertação mas ficou na espera de aprofundamento, trouxe uma ideia-força do alemão Wilhelm von Humboldt (1767-1835), o idealizador de universidade de pesquisa. Em sua primeira obra *Os limites da ação do Estado* (2004), Humboldt escreveu que oferecendo educação e formação moral consistentes a um povo e dando-lhe

aprimoramento e ao desenvolvimento das relações sociais em torno dessas atividades. No quarto capítulo narramos o desenvolvimento e a evolução de algumas destas práticas sociais organizadas pelos respectivos grupos ou ‘tribos’.

Ainda fazendo uma analogia entre aquele ‘andarilho’ de nossa infância e a biblioteca, com a sua participação ativa na comunidade, constatamos que ela instiga os participantes a explorá-la e a explorar-se, no sentido de descobrir o mundo, o outro e a si próprio. Serve também como estopim que desperta a força, o movimento interior. Não será a biblioteca nem seu líder o causador das mudanças, mas enquanto espaço que guarda e disponibiliza um mundo além dos horizontes⁷⁰, agora disponível e familiar, favorecerá seu uso criativo e livre.

A biblioteca/andarilho pode se apresentar à comunidade por meio da arte, do teatro, do cinema, da música, de uma instalação, de um livro, da voz locais (causos, lendas...). Ela atrai as pessoas pelo prazer, utilizando métodos lúdicos e aos poucos revelando a força do povo, quando encontra espaço e tempo para interagir.

Assim, entendemos que a maneira como foi desenvolvida a animação cultural em nossa biblioteca permitiu um avanço real e inovador nesse espaço circunscrito ao IFSC *campus*/Lages. Permitiu a dialogicidade, o aprender fazendo, o multiculturalismo crítico, a emergência das vozes da cultura periférica da cidade, a valorização do comunitarismo, o exercício de cidadania, nas práticas com diferentes linguagens da arte popular.

Importante lembrar que, nesta dissertação, como bibliotecária, fomos também sujeito da pesquisa, que nossas ações e reações também fizeram parte do contexto da análise, o que pode ser relevante para os profissionais que pretendem trabalhar em bibliotecas, sejam eles educadores ou bibliotecários. Assim, na época em que empreendemos as iniciativas que nomeamos como animação cultural, sem o aporte teórico de que hoje dispomos, quando conflitos se estabeleceram, nossa atitude foi a de acatar as normas da instituição, enquadrando-nos ao espaço-tempo restrito dos intervalos de aulas ou da ausência de um professor.

liberdade, os cidadãos seriam capazes de se reunir e criar formas de resolver os problemas da sociedade, sem que fosse necessário que o Estado tutelasse a população. Esta ideia requer confiança no poder criador das pessoas quando tem espaço para criar com liberdade. Conforme minha orientadora, esse princípio está por trás da experiência que conduzimos na biblioteca do IFSC. A sua proposta é que escrevamos em coautoria sobre a temática. Proposta aceita!

70 Fernand Braudel (2001) fundamenta esta ideia em Memórias do Mediterrâneo.

Encontramos em Paulo Freire (2011) sustentação para compreender os dilemas envolvidos nesta ação cultural que implicou ação e reflexão. Na época, houve a ação, hoje, após os estudos da dissertação compreendemos o que é uma ação da animação cultural. Porém, o momento da ‘reflexão’ não acompanhou em tempo real aquela ação. A reflexão veio com a pesquisa, posteriormente, e é esta a que pode potencializar próximas ações, servindo-lhes de suporte, para que outros profissionais envolvidos com bibliotecas, possam perguntar-se sobre as possibilidades em seus respectivos espaços.

As pesquisas realizadas para esta dissertação construíram uma compreensão das dimensões e alcance das ações culturais empreendidas de maneira intuitiva e que mostraram seu poder de transformação pessoal e social. Elas poderiam ter sido desenvolvidas em qualquer espaço de uma cidade, sendo a condição primordial partir do conhecimento e reconhecimento dos elementos da cultura e identidade locais.

Encerramos este trabalho retomando uma lúcida e útil formulação de Teixeira Coelho (1988, p. 13) sobre ação cultural: “A ação cultural tem um início planejado, mas não tem um fim previamente definido. O fim se dará com o movimento do grupo, que estabelece para onde deseja ir e como o fará⁷¹. Esse conceito, pouco presente na educação, pode se constituir em uma importante contribuição para aqueles que estão insatisfeitos com as modalidades convencionais praticadas nas bibliotecas e nos espaços educacionais e buscam formas de transformá-las.

71 Estes os elementos que permitem enquadrar a experiência na concepção de Humboldt, conforme nossa orientadora.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Alcides Vieira de. **Da escola de aprendizes de artífices ao Instituto Federal de Santa Catarina**. Florianópolis: IF-SC, 2010.

BÁEZ, Fernando. **A história da destruição da América latina**: da conquista à globalização. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

BARROS, Maria Helena Toledo Costa de. In.: Rede Marista. **Bibliotecas**: centros de informação e cultura. São Paulo: FTD, 2011, p. 12-34.

BESSA, Amanda de Queiroz. **A interação entre bibliotecárias e professores de escolas públicas estaduais em Manaus, Amazonas, na biblioteca escolar**. 220f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

BURIN, Camila Koerich. **O ensino de biblioteconomia na região sul do Brasil**: análise dos projetos pedagógicos dos cursos à luz das diretrizes curriculares nacionais. 120f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

BURKE, Peter. **Hibridismo cultural**. São Leopoldo: Unisinos, 2003. (Coleção Aldus, 18).

BRASIL. LEI Nº 11.892, DE 29 DE DEZEMBRO DE 2008. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2008/lei/l11892.htm> Acesso em: 20 jun. de 2014.

BRASIL. IBGE. Ministério de Planejamento (Org.). **ESTATÍSTICAS DE EDUCAÇÃO**. Brasília: IBGE, 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/>. Acesso em 20 jun. 2014.

BRAUDEL Fernand. **Memórias do Mediterrâneo**: pré-história e antiguidade. Rio de Janiro: Multinova, 2001;

CABRAL, Ana Maria Rezende. Ação cultural: possibilidades de atuação do bibliotecário. In: VIANNA, Márcia Milton; CAMPELLO, Bernadete; MOURA, Victor Hugo Vieira. **Biblioteca escolar**: espaço de ação pedagógica. Belo Horizonte: EB/UFMG, 1999. p. 39-45. Disponível em: <http://gebe.eci.ufmg.br/downloads/106.pdf>. Acesso em: 03 de mar. 2015.

CAMARGO, Danielle Wolff de. **Biblioteca escolar**: complemento ou condição para a formação cultural nas escolas? 111f. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade do Planalto Catarinense. Lages, 2010.

_____. Escolas como ou sem bibliotecas? Lugar e papel da biblioteca na educação básica brasileira. In.: MACHADO NETTO, Ana Maria. (Org.) **Toc! Toc! Toc! Eu quero entrar**: conhecimento e reconhecimento de egressos do stricto sensu & transformação social. Florianópolis: DIOESC, 2012. p. 81-96.

CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. 2. ed., 3. reimpr. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

CAVALCANTE, Rudolf Rotchild Costa. Animação cultural: Darcy Ribeiro e a “Escola Nova” para os brasileiros mais pobres. In: **Agenda Social**. Revista do PPGPS / UENF. Campos dos Goytacazes, v.2, n.2, mai-set / 2008, p.70-75, ISSN 1981-9862. Disponível em: http://www.uenf.br/Uenf/Downloads/Agenda_Social_6556_123815572_1.pdf. Acesso em: 03 mar. 2015

CASTRO, Josué de. **Homens e caranguejos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

CHAUÍ, Marilena. **Brasil**: mito fundador e sociedade autoritária. 7. reimpr. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

DURAND, José Carlos. Cultura como objeto de política pública. São Paulo. **Perspectiva**. 2001, vol.15, n.2, p. 66-72. ISSN 0102-8839. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-88392001000200010&script=sci_abstract. Acesso em 03 mar. 2015.

ESTEVES, Vera Vergara; PEREIRA, Wally Chan, SIANO, Lucia Maria França. Uma competência emergente na gestão escolar: a

animação cultural. Ensaio: **Aval. Pol. Públ. Educ.** [online]. 2005, vol.13, n.47, p. 169-180. ISSN 0104-4036. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-40362005000200004>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-40362005000200004&script=sci_abstract&tlng=eses. Acesso em: 03 mar. 2015.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FERRETI, Celso João. Problemas institucionais e pedagógicos na implantação da reforma curricular da educação profissional técnica de nível médio no ifsp. In.: **Educ. Soc.**, Campinas, v. 32, n. 116, p. 789-806, jul.-set. 2011. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>2011, p. 790 <http://www.scielo.br/pdf/es/v32n116/a10v32n116.pdf>. Acesso em: 06 jun. 2014

FISCHER, Ernst. **A necessidade da arte**. 9.ed. Rio de Janeiro: LTC, 1987.

FLUSSER, Victor. A biblioteca como um instrumento de ação cultural. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, v. 12, n. 2, 1983. Disponível em: <http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000001973&dd1=3c2a1>. Acesso em: 10 agost. 2014, p. 145-169

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 23. Ed. São Paulo: Cortez, 1989.

_____. **Ação cultural**: para a liberdade e outros escritos. 14. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria; RAMOS, Marise. A política de educação profissional no Governo Lula: um percurso histórico controverso. Campinas, 2005 **Educação e Sociedade**, Campinas, v.26, n.92, p.1087, 2003. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br/revista/rev/rev116.htm>. Acesso em: 23 out. 2013.

GAARDER, Jostein. **O mundo de Sofia** : romance da historia da filosofia. São Paulo (SP): Companhia das Letras, 1995.

GESSER, Marivete. **O êxodo rural das jovens na agricultura familiar do município de Lontras**: análise psicossocial. 2004, 177 f. Dissertação – (Mestrado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2004.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro (RJ): Zahar, 1978. 323p.

GENZUK, M. A. Synthesis of Ethnographic Research. Occasional Papers Series. Center for Multilingual, Multicultural Research (Eds.). Center for Multilingual, **Multicultural Research, Rossier School of Education**. Los Angeles: University of Southern California, 1993. Disponível em: <http://www-bcf.usc.edu/~genzuk/>. Acesso em: 20 jul. 2014.

LÓPEZ, Graciela Lima. O método etnográfico como um paradigma científico e sua aplicação na pesquisa. **Textura**, Canoas, v. 1, p.45-50, 1999. Semestral. Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:GK-Yb4VUiQcJ:www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/download/660/470+&cd=3&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br&client=firefox-a>. Acesso em: 16 ago. 2014.

LOCKS, Geraldo Augusto. Representações sociais do rural no território da região serra catarinense: perspectivas para a pesquisa em Educação do Campo. In: PEIXER, Zilma Isabel; VARELA, Iáscara Almeida (Orgs.) **Educação do campo**. Lages: Grafine, 2011. p. 25-37

MADELLA, Rosangela. **Bibliotecas comunitárias**: espaços de interação social e desenvolvimento pessoal. 222 f. 2010. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

MARTÍNEZ, Lucila; CALVI, Gian. **Biblioteca e escola criativa**: estratégias para uma gerência renovadora das bibliotecas públicas e escolares. Petrópolis, RJ: autores & agente & associados, 1994.

MIHAL, Ivana. Saberes, concepciones y prácticas acerca de los actores que gestionan las políticas culturales de lectura. **Horizontes antropológicos**, Porto Alegre, v. 18, n. 38, p. 287-311, 2012. Disponível

em: <http://www.ufrgs.br/ppgas/ha/paginas/n38/n38a12.html> . Acesso em: 23 de out. 2013.

MELO, Victor Andrade de. **A animação cultural**: conceitos e propostas. Campinas, SP: Papirus, p. 144, 2006.

MONTEIRO, Ângelo. **Arte ou desastre**. São Paulo: Realizações, 2011.

LOBATO, Monteiro. **Geografia de Dona Benta**. 5. ed. São Paulo (SP): Círculo do Livro, 1987. 258p.

NAPOLITANO, Marcos. **Cultura brasileira**: utopia e massificação (1950-1980): cultura de massa e cultura de elite movimentos de vanguarda arte e política. 3.ed. 2.reimpr. São Paulo: Contexto, 2008.

OLIVEIRA, Dalgiza Andrade. **A influência da Ciência da Informação nos cursos de graduação em Biblioteconomia no Brasil**: formação docente, aspectos teóricos e manifestações temáticas. 2011. 184 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação, Belo Horizonte, 2011.

OLIVEIRA, Luciane B.G. B. de. **A contribuição do conceito de politécnica para pensar a educação profissional do campo**. 100f. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade do Planalto Catarinense. Lages, 2013

OLIVEIRA, Tania Antunes. O ensino da arte na legislação brasileira: lutas, conquistas, concepções e nomenclaturas. In.: MACHADO, Ana Maria Netto (Org.) **Toc! Toc! Toc! Eu quero entrar!**: conhecimento e reconhecimento de egressos do stricto sensu e transformação social. Florianópolis: Dionsc, 2012.

ORTEGA Y GASSET, José. **Missão do bibliotecário**. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2006.

RAMOS, Graciliano. **Viagem**: Tcheco-Eslováquia – URSS. 14.ed. Rio de Janeiro: Record; 1984. (obra póstuma).

REALE, Giovanni. **História da filosofia**: antiguidade e idade média. São Paulo: Paulus, 1990. (Coleção filosofia, 2).

REIS, Maria José. **A problemática arqueológica das estruturas subterrâneas no planalto catarinense**. Erechim: Habilis, 2007.

_____. FOSSARI, Teresa Domitila Arqueologia e preservação do patrimônio cultural: a contribuição do Pe. João Alfredo Rohr. **Cadernos do CEOM** – Ano 22, n. 30 – Políticas públicas: memórias e experiências. Florianópolis: UFSC. Disponível em: <http://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/460/294> Acesso em: 20 jun. 2014.

RIBEIRO, Darcy. **Teoria do Brasil**. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975. (Coleção Estudos de Antropologia da Civilização).

_____. **Darcy Ribeiro: encontros**. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2007. (Encontros, 2). Entrevista e Apresentação Guilherme Zarvos.

_____. **O Povo Brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. 10. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. 435 p.

_____. **Política Cultural no Rio de Janeiro**. Revista do Brasil. Ed. Especial. 1986

RODRIGUES NETO, Joaquim Anacleto. **Memórias de um Joaquinense**. São Joaquim: Ed. do autor, 2010.

SALES, Fernanda de. **A participação do bibliotecário no despertar do senso crítico do aluno: uma investigação na rede municipal de ensino**. 164 f. 2004. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

SAMPIERI, Roberto Hernandez; COLLADO, Carlos Fernández; BAPTISTA, María del Pilar Lucio. **Metodologia e Técnicas e Pesquisa**. Porto Alegre: Penso, 2013.

SANTA CATARINA. Assembléia Legislativa de Santa Catarina. **Execução orçamentária dos municípios catarinenses 2012**. Florianópolis, nov. 2011.

<http://www.alesc.sc.gov.br/portal/administracao/coordenadoria_orcamento/index.php>. Acesso em: 12 maio 2014.

SANTOS, Jussara Pereira. **Instrução programada sobre o uso de livros e bibliotecas...** Porto Alegre (RS): Universidade Federal do 1997.

SANTOS, Sílvio Coelho dos. (Org.) **Santa Catarina no século XX: ensaios e memória fotográfica.** Florianópolis: Edufsc, 2000.

_____. **Ensaaios oportunos.** Florianópolis: ACL; Nova Letra, 2007. (Coleção ACL; n. 29).

SAVIANI, Dermeval. **História das idéias pedagógicas no Brasil.** 3.ed. ver. Campinas, SP: Autores Associados, 2010. (Coleção memória da educação)

SILVA, Ana Cláudia Perpétuo de Oliveira da. **É preciso estar atento: a ética no pensamento expresso dos líderes de bibliotecas comunitárias.** 386 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

SILVA, Rodrigo Manoel Dias da. As políticas culturais brasileiras na contemporaneidade: mudanças institucionais e modelos de agenciamento. **Soc. Estado.** [online]. 2014, vol.29, n.1, pp. 199-224. ISSN 0102-6992. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69922014000100011>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69922014000100011&script=sci_arttext&tlng=p. Acesso em: 03 mar. 2015.

SILVA, W.C. da. **Miséria da biblioteca escolar.** 2.ed. 6.reimpr. Campinas, SP: Papirus, 2003.

SOUZA, Francisco das Chagas. **Biblioteconomia no Brasil: profissão e educação.** Florianópolis: ACB, 1997.

TEIXEIRA COELHO, J.T.C. **O que é ação cultural.** São Paulo: Brasiliense, 1988.

_____. **Guerras culturais.** São Paulo: Iluminuras, 2001. v.1

TROTSKI, Leon. **Literatura e revolução.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2007.

WOODS, Peter. La escuela por dentro: la etnografía en la investigación educativa. Barce

lona: Paidós, 1987. Disponível em:

<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:GKYb4VUiQcJ:www.periodicos.ulbra.br>. Acesso em 20 jul. 2014.

VEIGA, José Eli et al. O Brasil rural precisa de uma estratégia de desenvolvimento, **Nead**, Série Textos para Discussão, n. 1, ago. 2001.

Disponível em: www.nead.gov.br. Acesso em 26 jul. 2014.

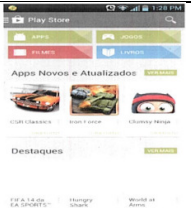
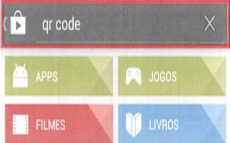
VIANNA, Marly de A. G. Luís Carlos Prestes. Disponível

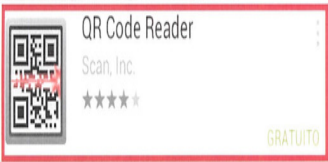
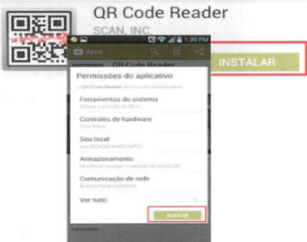
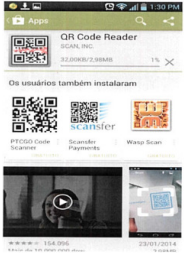
em:<<http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/novosrumos/artic/e/viewFile/1959/1612>>. Acesso em: 18 jun. 2014.

YÚDICE. George. **A conveniência da cultura**: usos da cultura na era global. Belo Horizonte: UFMG, 2004.

APÊNDICE A – Tutorial de Inserção *QR Code* Aparelho Celular

QR code é similar ao conhecido código de barras, criado em 1960 nos Estados Unidos e desde 29 de novembro de 1984 foi introduzido formalmente no Brasil. O Código Nacional de Produtos (código de barras) já é bem conhecido de todos, pois nos habituamos a enxergá-lo em todo produto industrializado, por meio do qual os caixas dos supermercados fazem a leitura do preço do produto na hora do pagamento, por meio de um leitor óptico. Tal código, entretanto, diferentemente do código de barras, pode ser lido por qualquer *smartfone* munido de um aplicativo que pode ser baixado da Internet gratuitamente por qualquer usuário. Utilizamos esse código ao longo do texto para acompanharmos a evolução tecnológica de nosso tempo, enriquecendo o texto escrito com outras mídias, tais como fotografias ou vídeos que podem ser acessados com recursos tecnológicos disponíveis para muitos leitores contemporâneos. Com o *QR* há possibilidades de, ao realizar a leitura do trabalho, imprimir-lhe certo movimento ou dinâmica que interfere na linearidade da escrita, provocando o leitor.

1 No Menu do seu Celular 2 Encontre o Aplicativo Play Store	
3 – Quando entrar no aplicativo verá esta tela	
4 – Na caixa de texto procure e escreva o nome do aplicativo <i>QR Code</i> e clique “ir” ou “procure”	

5 – Aparecerá esta tela	
6 Escolha o primeiro Aplicativo na Lista. O <i>QR Code Reader</i>. Dê um clique em cima dele	
7 – Clicando nessa opção aparecerá esta tela. Nela há informações sobre o aplicativo	
9 – Depois de clicar na opção instalar vai aparecer esta tela de confirmação, clique em aceitar	
10 – O aplicativo vai ser instalado no seu celular. Vai aparecer esta tela que avisa quanto tempo em % falta para a instalação do aplicativo	
11- Quando a instalação estiver concluída vai aparecer essa tela para o usuário	

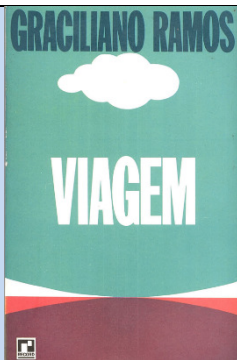
12 – Volte a tela do menu do celular e procure o aplicativo instalado.	
IMPORTANTE	É necessário estar conectado à internet para instalar o aplicativo, esse tutorial explica como instalar os aplicativos em celulares que rodam o SO Android, se for outro modelo SO iOS ou Windows Phone o procedimento é quase o mesmo, a única diferença é que ao invés do aplicativo da PlayStore, no iOS vai ter a appStore e no Windows Phone vai ter a Windows Store ou Loja.

APÊNDICE B - QR CODE Músicas e Documentários Mencionados no Texto

Documentário - Escola Parque Anísio Teixeira Página = 15 (nota de rodapé)	
Música – Primeiros Erros Composição = Grupo Capital Inicial Página = 18	
Música = Prá Não Dizer Que Não Falei Das Flores Compositor = Geraldo Vandré Página = 54	
Música – Apesar de Você Composição = Chico Buarque de Holanda Página = 55	
Documentário – O homem da mala azul Página = 68 (nota de rodapé)	
Música – céu, sol, sul Compositor = Moreci Teixeira Página = 78	

APÊNDICE C - Excertos Livro Viagem – Graciliano Ramos

Impressões de Graciliano Ramos em viagem realizada na URSS em 1952 – trechos selecionados pela autora do livro “Viagem: Tcheco-Eslováquia – URSS”, escrito em 1954 e editado em 1984 como obra póstuma, com prefácio de Jorge Amado.



[...] vimos ali próximo, no alto do morro, um palácio de arquitetura georgiana. [...] lá dentro, biblioteca larga, a abundância de literatura que nos surge em toda a parte. Filas diante de livrarias; as edições esgotam-se com rapidez inadmissível. Trezentas e cinquenta mil bibliotecas do Estado, com setecentos milhões de volumes. As do sindicato são doze mil, e há sessenta milhões de livros (p. 100).

Combinado têxtil de Tbilissi. Uma fábrica de meias. ‘ali não se trata apenas de indústrias, mas de instituições sociais’. Tadeu Gofoladze é diretor do estabelecimento e explica: ‘mais ou menos quatro mil operários. Oito horas de trabalho por dia. Há na fábrica sanatório, hospital, banhos, lavanderia, estádio, casa de cultura, sala de esportes, escolas de aprendizagem, biblioteca, teatro. Numa escola normal noturna, próxima, os operários estudam sem lesar o trabalho. [...] uma senhora queria ver creches, jardins de infância. Não há casas especiais para isso. Mas em qualquer fábrica a senhora encontrará o que deseja (p. 113).

Palácio dos Pioneiros Beria. Escola 23: “nem tirei do bolso o caderno de notas: seria necessário escrever muita coisa. Deixamos a saleta onde as minúcias acabavam, andamos a percorrer as secções que no instituto funcionam: ciência técnica, educação física, educação artística, trabalho cultural das massas, biblioteca. Pergunto a mim mesmo de que jeito se realiza esse trabalho cultura das massas... [...] admiti que os doze mil pioneiros organizados na casa imensa tinham a tarefa de relacionar-se com o exterior, promover interesses, difundir noções. Provavelmente fazem isso nos passeios obrigatórios, pois, além dos estudos locais, investigam museus, observam monumentos (p. 121).

[...] demoramos na biblioteca, examinamos as estantes numerosas; arrumam-se nelas setenta e três mil volumes em georgiano,

russo, francês, inglês, alemão. Vastas salas de leitura. Mas os livros de ordinário⁷² se emprestam, são lidos lá fora; os estudantes têm prazo de dez dias para restituí-los. Essa literatura excessiva dá-nos afinal a idéia de que foi impressa e encadernada para embromar o visitante. É absurdo enlear-se um povo em sinais miúdos, antipáticos. Lá fora, se nos coage o desagradável ofício de manchar papel, resignamo-nos a isso, engulhado: não temos nenhum prazer em redigir. Somos forçados – é preciso levar o original ao editor. Pouca gente nos lê – e vingamo-nos dizendo que não escrevemos para a massa ignara: escrevemos para nós mesmos (p.122).

Enchem-se bibliotecas, voam tiragens, há filas diante das livrarias, mas os leitores são exigentes, dirigem-se aos autores em cartas nem sempre amáveis. Percebem um erro em tal página, incongruência, omissão. O escritor é chamado a explicar-se.

Casas de repouso de trabalhadores da indústria do chá. A permanência custa setecentos rublos, mas eles apenas pagam trinta por cento; o resto é pago pelo sindicato. [...] Não achamos incongruência, temos de admiti-las, embora realmente nos pareçam estranhas. Originários de outro mundo, habituamo-nos à insuficiência dos hospitais, das escolas, das maternidades, conservamos no espírito a mesquinha burguesa, não nos podemos livrar delas, e achamos quase impossível existirem cômodos para todas as pessoas forçadas à vilegiatura anual. (p. 133). ‘O repouso é forçado. Ninguém se livra dele. Não estão a impingir-nos uma organização filantrópica; isto significa uma necessidade econômica: o labor contínuo arruinaria os corpos’ (p. 136).

Um hospital psiquiátrico. Doentes do sistema nervoso. O médico explica ‘noventa e nove por cento das pessoas recolhidas ao sanatório conseguiam melhorar. ‘A elevada percentagem não se referia a curas, mas a vantagens alcançadas no tratamento.

[...] subimos e descemos escadas, passamos num salão cheio de flores. Um curso na Academia de ciência para manejar caçarolas. Não me conformava. Onde se viu isso? Devia conformar-me: cada terra com o seu uso. Explicava-se a familiaridade: o cozinheiro não tinha razão para considerar-se inferior ao articulista (químico).

Cada apartamento foi arrumado com decência e gosto: quatro camas, divã, lavatório, armário. Apartamento para família: três peças, duas camas, lavatório, divãs, poltronas, tabuleiro de xadrez. Rumor de carambolas nos guiou a um salão de bilhares. Em dois terraços, deitados em espreguiçadeiras, alguns pensionistas descansavam. Existem no cinema lá embaixo cento e vinte cadeiras. Indicaram-nos outro cinema ao ar livre. E um campo de tênis. Diversas mesas com tabuleiros de xadrez (p.139).

72 No Brasil diz-se no prelo, do livro ainda não editado oficialmente.

Aldeia próxima a Gagra. Quinhentas e oitenta famílias, em dois mil e cem hectares, cultivam tabaco, uvas, laranjas e limões, dedicam-se à apicultura e à criação de setecentas cabeças de gado vacum, três mil cabeças de gado miúdo, mil e quinhentas colméias. Os pomares estendem-se por duzentos e cinquenta hectares, há cinquenta hectares de parreiras, cento e vinte de frutas cítricas, cento e sessenta de tabaco. Além disso, planta-se trigo e milho. Estação hidrelétrica, serraria, estufas, olaria em construção. A assembléia dos trabalhadores reúne-se de ordinário uma vez por mês. É ela que escolhe a administração. A receita o ano passado foi de sete milhões e quinhentos mil rubros. Um milhão e duzentos mil rublos reservaram-se a obras indispensáveis; vinte e dois mil à cultura: clubes, jornais, biblioteca; cinco milhões distribuídos entre os Kolkhozianos. Cento e sessenta mil rublos destinados aos velhos e aos inválidos (p. 146)

Sobre tiragens de livros. Dez mil exemplares, pelo menos. Responderam-me. Se o livro é bem aceito, alcança de ordinário cinco edições. O escritor pode viver do seu trabalho. [...] o escritor, reafirmaram-me, pode viver do seu trabalho sem ser traduzido. Com o que recebe de rádios, revistas e jornais, uma tiragem lhe permite a subsistência dois ou três anos. – Os senhores têm meio de especializar-se? Inquiri. – Sem dúvida, respondeu um sujeito. Eu, por exemplo, sou engenheiro, mas dedico-me à literatura. [...] a língua literária se enriquecia com o elemento popular.

Instituto de literatura máximo Gorki. Vinte anos de existência, capacidade para 500 estudantes. Provas rigorosas, depois da publicação de trabalhos literários. Ano passado houve 3.000 candidatos, entraram 100 (p.185).

Usina de rolamentos Kaganovitch. Produção superior ao que era antes da guerra. Dois turnos; algumas secções funcionam em três turnos. Oito horas de trabalho. Refeitório. Ensino técnico e médio, duas secções. Os operários, depois do trabalho, estudam na filial do Instituto de Construção de máquinas. Curso noturnos, que dão certificado de engenheiros. Escola da Juventude Operária: dois turnos. Biblioteca: 51.000 volumes. 50% dos operários são mulheres. Descanso, 2 3 4 semanas por ano. 2.200 filhos de operários freqüentam escolas do bairro; 1.000 estão em creches e jardins de infância da usina; 300 estão em escolas técnicas. Salário: 1.800 rublos a operários qualificados; mínimo, 700 rublos. Policlínica, posto médico, casa de cultura, círculo de teatro, dança, música, cultura física, esportes (mais de 3.000 operários).

Palácio de cultura dos operários. Construção 1933 na região de Leningrado, à custa do Governo. O trabalho de cultura é pago pelos sindicatos: 16.000.000 de rublos anuais. Teatro; 1.500 cadeiras; cinema: 700 cadeiras. Sala de bailes: 2.500 pessoas. Três salas de leitura, três salas de aula. Vários gabinetes para o estudo das obras marxistas. 300 salas, 30 mil metros quadrados. De janeiro a março: 716.000 visitantes. Sexta-feira

reservado para estudantes. A última sexta-feira dedicada ao cinema. Uma noite dedicada a escritores estrangeiros. Jorge Amado, luta no Brasil. Interesse pelo Brasil. Oito departamentos. Os melhores espetáculos, os melhores artistas de teatro. Biblioteca: 145.000 volumes. 10.500 leitores inscritos para empréstimos. Biblioteca infantil: 32.000 volumes; 4.500 leitores inscritos. Operários que 112, 150, às vezes 200 volumes: Média 40 volumes por ano. Dezoito círculos de amadores ocupam 1.706 pessoas (operários, estudantes, professores, funcionários, engenheiros), com o mesmo entusiasmo. Coro de canções populares, treze cantoras operárias. Sala de música, piano de cauda.